



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ/SC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

FERNANDA FÁTIMA WEPIK

**CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE POLONO-BRASILEIROS DE
ÁUREA/RS E NOVA ERECHIM/SC: O USO DOS TERMOS DE PARENTESCO**

**CHAPECÓ - SC
2017**

FERNANDA FÁTIMA WEPIK

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE POLONO-BRASILEIROS DE
ÁUREA/RS E NOVA ERECHIM/SC: O USO DOS TERMOS DE PARENTESCO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul -UFFS como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Cristiane Horst.

CHAPECÓ - SC

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Wepik, Fernanda Fátima
Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros
de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: o uso dos termos de
parentesco/ Fernanda Fátima Wepik. -- 2017.
144 f.

Orientadora: Cristiane Horst.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2017.

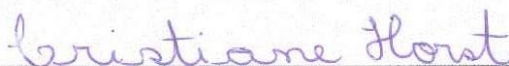
1. Crenças e atitudes linguísticas. 2. Contato
linguístico polonês-português riograndense. 3.
Manutenção e substituição linguística. 4. Termos de
parentesco. I. Horst, Cristiane, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FERNANDA FÁTIMA WEPIK

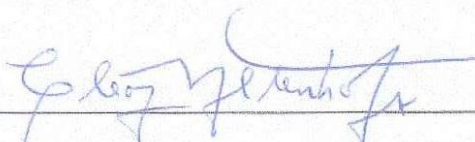
**CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE POLONO-BRASILEIROS DE
ÁUREA/RS E NOVA ERECHIM/SC: O USO DOS TERMOS DE PARENTESCO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, defendida em banca examinadora em 15/02/2017.

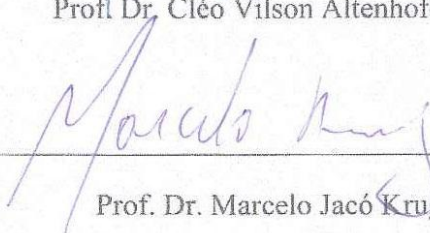
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Horst – UFFS – Orientadora



Prof^l. Dr. Cléo Vilson Altenhofen – UFRGS



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Finger-Kratochvil – UFFS

Chapecó/SC, fevereiro de 2017

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Cristiane Horst, pelo auxílio, dedicação e ensinamentos prestados.

Ao professor Dr. Marcelo Jacó Krug, pelos ensinamentos e disponibilidade na realização do Estágio de Docência.

A todos os professores do PPGEL, pelos ensinamentos ofertados.

Aos membros da banca de qualificação e defesa da dissertação, pelas contribuições.

À Capes, pela bolsa de estudos concedida.

Ao grupo de estudo/pesquisa *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*, pela troca de conhecimentos.

Aos colegas do mestrado, em especial à Celina Frizzo, pela amizade, ajuda e torcida mútua.

Aos informantes da pesquisa, pela receptividade e disponibilidade.

À minha família, em especial a minha mãe Aládia, pelo incentivo, e a minha *babka* Carolina, pelo amor ao polonês.

Ao meu marido Fernando Skovronski, pelo companheirismo e apoio.

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

RESUMO

Com a presente dissertação pretende-se descrever e analisar as crenças linguísticas dos indivíduos bilíngues em relação ao *Pol.* (polonês local), ou seja, suas percepções e convicções e relacioná-las com as atitudes expressas por esses indivíduos. Estas atitudes linguísticas são observadas através do uso real da língua, a partir dos termos de parentesco (sanguíneo, espiritual e de aliança), visando perceber a manutenção do *Pol.* ou a substituição pelo *Pt.-RS* (português rio-grandense) no uso desses termos. A pesquisa acontece em contextos bilíngues (*Pol.- Pt.-RS*), em duas localidades pertencentes aos dois estados do Sul do Brasil: Áurea (Rio Grande do Sul) e Nova Erechim (Santa Catarina). O povoamento de Áurea/RS teve início a partir de 1906, com a vinda de poloneses que, segundo dados do IBGE, constituem 92% da população do município. Os primeiros colonizadores de Nova Erechim/SC chegaram em 1952, gaúchos descendentes de imigrantes poloneses e italianos, oriundos do município de Erechim/RS. Há assim, uma relação topodinâmica entre os dois locais. Esta pesquisa torna-se relevante, visto que aborda uma língua minoritária de imigração que carece de estudos linguísticos. O trabalho está embasado na Dialektologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), que contempla o espaço variacional em diferentes dimensões. A coleta dos dados e a escolha dos informantes parte do modelo em cruz, desenvolvido por Thun (1996). Assim, a pesquisa considera as seguintes dimensões: diatópica (Áurea/RS e Nova Erechim/SC), diageracional (GII [55 anos ou mais] e GI [de 18 a 36 anos]), diassexual (masculino e feminino) e diastrática (Ca [com graduação completa ou cursando] e Cb [nenhuma escolaridade até o ensino médio]). A pesquisa, assim como os questionários utilizados para a coleta de dados, tanto sobre crenças linguísticas, quanto o questionário lexical sobre termos de parentesco, faz parte do projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (2013). A análise dos dados da pesquisa levou-nos a constatar que nos dois pontos pesquisados, o *Pol.* é mantido mais pela Cb e pela GII. A GI apresenta uma considerável substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS*, indicando uma perda do *Pol.*, quanto ao uso dos termos de parentesco. Áurea/RS e Nova Erechim/SC apresentaram 36% de manutenção do *Pol.*, sendo que em Áurea/RS a língua ainda é usada em alguns contextos sociais, além do familiar, enquanto que, em Nova Erechim/SC, a mesma é usada principalmente na família. Os informantes, em sua maioria, manifestaram crenças positivas em relação ao *Pol.*, mas estão cientes do pouco uso da mesma, fato perceptível nas atitudes dos informantes.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas; Contato linguístico polonês-português riograndense; Manutenção e substituição linguística; Termos de parentesco.

ABSTRACT

The aim of this work is to describe and analyze the linguistic beliefs of bilingual individuals in relation to the Pol (local Polish), namely, their perceptions and convictions, and then relate them to the attitudes expressed by these individuals. These linguistic attitudes can be observed through the real use of the language taking into account the terms of kinship (blood, spiritual and aliance(in-law)), aiming to perceive the maintenance of the Pol. or its substitution by the Pt.-RS (rio-grandense Portuguese). The research takes place in bilingual contexts (Pol./Pt.-RS), in two localities that belong to two southern states in Brazil: Aurea (Rio Grande do Sul) and Nova Erechim (Santa Catarina). The settlement of Aurea/RS began in 1906 with the arrival of Poles, who, according to IBGE data, constitute 92% of the municipality population. The first settlers of Nova Erechim/SC arrived in 1952, they were gaúchos descendants of Pole and Italian immigrants, originally from Erechim/RS. Thus, there is a topodynamic relation between the two sites. This research becomes relevant as it addresses a minority immigration language, which lacks linguistic studies. The research is based on the Pluridimensional and Relational Dialectology (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), which contemplates the variational space and the plurality of informants. The data collection and the choice of the informants is based on the cross model developed by Thun (1996). Thus, the research considers the following dimensions: diatopic (Aurea/RS and Nova Erechim/SC), diagenational (GII [55 years old or more] and GI [from 18 to 36 years old]), diasexual (male and female) and diastratic (Ca [with graduation or more] and Cb [from no schooling until high school]). The research, as well as the questionnaires used as a tool to collect the data, both questionnaires, one on linguistic beliefs and the other on kinship terms, are part of the *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (2013). The analysis of the data led us to verify that in the two points researched, the Cb and the GII make more use of the minority language, in this case, the Pol.. The GI presents a considerable substitution of the Pol. by the Pt.-RS, indicating a considerable linguicide of the Pol.. Aurea/RS and Nova Erechim/SC presented 36% of Pol. maintenance. Whereas in Aurea/RS the language is still used in some social contexts, in addition to the family context, in Nova Erechim/SC it is used mainly in the family. The majority of the informants expressed positive beliefs in relation to the Pol., they are, however, aware of the little use they make of it, a fact that is perceptible, when analysing the informants' attitudes.

Keywords: Linguistic beliefs and attitudes; Polish-riograndense Portuguese linguistic contact; linguistic maintenance and substitution; Terms of kinship.

STRESZCZENIE¹

Z tej obecny dysertacja pretendowamy opisywać i analizować wierzenia językowe z osoba dwujęzyczny w relacja od *Pol.* (polsku lokalny), swoje zrozumienie i przeświadczenie i wiązać z postawy mówiony przez to osoby. Te postawy językowe są obserwowane przez realny użycie języka, od termin pokrewieństw (krew, duchowy i z obrączka), aby zauważyć utrzymanie z *Pol.* lub substytucja przez *Pt.-RS* (portugalsku rio-grandense). Badanie zdarzać się w kontekst dwujęzyczny (*Pol.-Pt.-RS*), w dwa lokalizacje od dwa stan z Południe Brazylii: *Áurea* (Rio Grande do Sul i Nowe Erechim (Santa Catarina). Kolonizacja z *Áurea/RS* zaczyna od 1906, kiedy przyszli polski że, tak jak oddany z IBGE, konstytuować 92% z populacja z municypium. Pierwszy kolonizatorski z Nowe Erechim nadchodził w 1952, mieszkane stanu Rio Grande do Sul, pochodzący z imigracyjny polski i włoski, od region z Erechim/RS. Jest tak, relacja topodynamika między dwa miejsce. To badanie jest ważny, bo mówić o języka mniejszościowy z imigracja że brakuje studia językowe. Ten badanie ma fundamente w Dialektologia Pluridimensional i Relacyjny (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), że oglądać miejsce wariacyjna i mnogość z informatorów. Zbieranie danych i wybór z informatorów jechać za model w krzyż, rozwinięty przez Thun (1996). Tak, tem badanie uważa następny rozmiar: diatópica (*Áurea/RS* i Nowe Erechim/SC), diageracional (GII [55 lat lub więcej] e GI [z 18 do 36 lat]), diassexual (mężczyzna i żeński) i diastrática (Ca [z gradacja lub więcej] i Cb [no szkolny do nauczanie średni]). Badanie tak jak kwestionariusz używany do kolekcja z dane, od wierzenia językowe, jak od kwestionariusz leksykalny na granica z pokrewieństwo, należą do projekt *Atlas Języków w Kontakt w Granica* (2013). Analiza dane od badanie pokazał nas że dwóch miejsca zbadane, *Pol.* jest trzymany więcej przez Cb i przez GII. GI prezenty znaczny substytucja z *Pol.* przez *Pt.-RS*, pokazywać krótki lingüicídio z *Pol.*. *Áurea/RS* i Nowe Erechim/SC zaprezentowali 36% utrzymanie z *Pol.*, gdzie w *Áurea/RS* ten język jeszcze jest używany w jakiś konteksty socjalny, za znajomy, dopóki że, w Nowe Erechim/SC, ten język jest używany więcej w rodzinie. Informatorów, prawie wszystkie, demonstrowali wierzenia pozytywny w relacja od *Pol.*, ale są świadomy mały używany język, fakt zauważalny u postawy z informatorów.

Słowo kluczowe: Wierzenia i postawy językowe; Kontakt językowe Polski-Portugalski rio-grandense; Utrzymanie i substytucja językowe; Termin z pokrewieństwo.

¹ Resumo traduzido ao *Pol.* pela autora da pesquisa, WEPIK (2017).

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diastrática: Áurea/RS.....	91
Gráfico 2: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diastrática: Nova Erechim/SC.....	92
Gráfico 3: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diageracional: Áurea/RS.....	95
Gráfico 4: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diageracional: Nova Erechim/SC.....	95
Gráfico 5: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diassexual: Áurea/RS.....	98
Gráfico 6: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diassexual: Nova Erechim/SC.....	98
Gráfico 7: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diatópica: Áurea/RS.....	101
Gráfico 8: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir da dimensão diatópica: Nova Erechim/SC.....	102
Gráfico 9: Aplicação dos diferentes tipos de parentesco: Áurea/RS.....	104
Gráfico 10: Aplicação dos diferentes tipos de parentesco: Nova Erechim/SC.....	105
Gráfico 11: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e diatópica: Áurea/RS.....	107
Gráfico 12: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em <i>Pol.</i> e <i>Pt.</i> -RS a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e diatópica: Nova Erechim/SC.....	107

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Brasil com destaque para Áurea/RS e Nova Erechim/SC	27
Figura 2: Mapa dos municípios da microrregião de Erechim, com destaque para Áurea/RS.....	29
Figura 3: Mapa da Polônia, com destaque para as regiões de origem dos imigrantes vindos a Áurea/RS e São Marcos/RS.....	31
Figura 4: Mapa dos municípios da microrregião de Chapecó/SC, com destaque para Nova Erechim/SC.....	34
Figura 5: Esquema variacional e disciplinas da variação.....	59
Figura 6: Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais	62
Figura 7: Distribuição dos inf.(s) polono-brasileiros nos municípios de Áurea/RS e Nova Erechim/SC conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Totais de respostas espontâneas na aplicação dos termos de parentesco a partir da dimensão diatópica: Áurea/RS.....	70
Quadro 2: Totais de respostas espontâneas na aplicação dos termos de parentesco a partir da dimensão diatópica: Nova Erechim/SC.....	71
Quadro 3: Questões sobre crenças linguísticas (1 a 7) que exigiram respostas objetivas: <i>Pol.</i> ou <i>Pt.</i> -RS.....	74
Quadro 4: Resultados individuais de questões objetivas (1 a 7) sobre crenças linguísticas....	74
Quadro 5: Questões sobre crenças linguísticas (8 a 13) que exigiram respostas objetivas: <i>Sim</i> ou <i>Não</i>	77
Quadro 6: Resultados individuais de questões objetivas (8 a 13) sobre crenças linguísticas..	77

SUMÁRIO:

RESUMO	4
ABSTRACT	5
STRESZCZENIE	6
1. INTRODUÇÃO	12
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	21
2.1 A POLÔNIA E A EMIGRAÇÃO	21
2.2 O BRASIL E SUA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA	22
2.3 OS POLONESES NO BRASIL: RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA	24
2.4 OS POLONESES E SEUS DESCENDENTES EM ÁUREA/RS	29
2.5 OS POLONESES E SEUS DESCENDENTES EM NOVA ERECHIM/SC	33
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA	38
3.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	38
3.2 IDENTIDADE LINGUÍSTICA	43
3.3 CONTATOS LINGUÍSTICOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS	45
3.3.1 Bilinguismo	46
3.3.2 Manutenção e substituição linguística	49
3.3.3 Revitalização linguística: cooficialização	53
3.4 TERMOS DE PARENTESCO	54
3.5 O MODELO TEÓRICO DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL	56
3.5.1 Dialetoologia Tradicional e Sociolinguística	57
3.5.2 Dialetoologia Pluridimensional e Relacional	58
3.5.3 Dimensões e parâmetros	60
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	63
4.1 DIMENSÕES ANALISADAS	63
4.2 DESCRIÇÃO DOS INFORMANTES	63
4.3 COLETA DE DADOS	65
4.4 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS	67

5. ANÁLISE DE DADOS	69
5.1 CRENÇAS LINGUÍSTICAS.....	73
5.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS	84
5.2.1 Descrições individuais das aplicações de cada termo de parentesco do questionário lexical.....	85
5.2.2 Dimensão diastrática	91
5.2.3 Dimensão diageracional	94
5.2.4 Dimensão diassexual	98
5.2.5 Dimensão diatópica	101
5.2.6 Uso dos diferentes tipos de parentesco	103
5.2.7 Dimensões: diatópica, diageracional, diastrática e diassexual	106
5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONVERSA LIVRE SEMIDIRIGIDA E A LEITURA	109
5.4 RELAÇÃO ENTRE AS CRENÇAS E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS	111
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 118
 REFERÊNCIAS	 122
 ANEXOS	 131

1. INTRODUÇÃO:

Muitas línguas e grupos tornam-se minoritários ou minorias através da migração para um local onde outra língua e outro grupo são dominantes. Como essas línguas passam a conviver em um mesmo território, como é o caso da maioria das regiões do sul do Brasil, as línguas minoritárias² sofrem a imposição cultural e econômica da língua dominante ou majoritária, fato perceptível em nossas comunidades de estudo, Áurea/RS e Nova Erechim/SC, nas quais convive a língua polonesa local, doravante *Pol.*³ em contato com o português rio-grandense, doravante *Pt.-RS*⁴.

As milhares de línguas indígenas existentes no Brasil e a chegada do homem branco tornam o país, assim como são a maioria dos países do mundo, um país multilíngue. O contato entre as pessoas que usam línguas diferentes em seu cotidiano é a principal causa para o bilinguismo/multilinguismo.

Assim, sempre que duas ou mais línguas estão em contato, existirão atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação às línguas envolvidas. Dessa forma, as atitudes são responsáveis, em muitos casos, pelo surgimento de tensões e estereótipos em relação às línguas e às pessoas que as falam, visto que as línguas carregam conotações sociais, assim, as pessoas avaliam-nas em relação ao status social de seus usuários. As atitudes linguísticas, assim como outros fatores de classe social, idade e sexo são importantes para explicar o comportamento linguístico, e perceber porque acontece a manutenção ou substituição linguística, visto que uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, etc., e de acordo com Lambert e Lambert (1975 apud Cardoso, 2015), os componentes essenciais da atitude são os pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, assim como tendências para reagir.

Dessa forma, o estudo sobre as crenças e atitudes permite compreender e detectar os fatores das mudanças linguísticas, os preconceitos linguísticos relacionados às variedades

² Para Ferraz (2007, p. 45), “línguas minoritárias, são aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial”.

³ A variedade da língua polonesa local é conceituada, neste trabalho, pelo termo “*Pol.*” Esta é a variedade usada no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, variedade que não possui denominações como em outras línguas de imigração, a exemplo do alemão e italiano, e que carece de estudos mais aprofundados.

⁴ Sempre que nos referimos à língua portuguesa nos locais pesquisados, estamos nos referindo ao português rio-grandense ou *Pt.-RS*, que de acordo com Altenhofen (2008), Horst (2011) e Horst e Krug (2012) é a variedade linguística do português falado no Rio Grande do Sul e em parte de Santa Catarina (descrito pelo ALERS) e projeta-se através das migrações mais recentes, a partir das primeiras décadas do séc. XX, de gaúchos que vão ocupar as áreas despovoadas do oeste catarinense e sudoeste do Paraná.

linguísticas e a seus falantes, entre outros. A atitude linguística assumida pelo falante, de acordo com Aguilera (2008) implica a noção de identidade, que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra.

O contato abordado nesta pesquisa é o contato polono-brasileiro, ou seja, o contato do *Pol.* com o *Pt.-RS*. Ressaltamos a importância deste estudo, visto que os poloneses formam o terceiro maior grupo de imigrantes europeus no sul do Brasil. Sabe-se que na época da imigração dos poloneses ao Brasil, a Polônia encontrava-se tripartida, ou seja, estava dividida politicamente entre a Áustria, a Prússia e a Rússia. Essa situação política, além dos problemas econômicos, motivou a imigração, sendo que os primeiros imigrantes vieram ao Brasil, e mais especificamente ao Rio Grande do Sul em 1824, acompanhando os alemães, de acordo com Marin (2014). Porém Gritti (2004) destaca que a imigração polonesa teve início em 1869. Em 1890 iniciou a chamada “febre brasileira”, quando um grande número de poloneses migrou para o Brasil.

A imigração para a Colônia Erechim/RS tem como marco inicial o ano de 1909. Esta colônia resultou em várias localidades, entre elas, Áurea/RS que havia sido povoada a partir de 1906 com a vinda de poloneses, os quais constituem 90% da população⁵. Devido a traços culturais e costumes poloneses, o município é um grande referencial da cultura polonesa em nosso país, e em virtude disso, recebeu em 1997, o título de “Capital Polonesa dos Brasileiros”. Já o município de Nova Erechim/SC foi colonizado em 1952, por gaúchos descendentes de imigrantes poloneses e italianos, oriundos da região de Erechim/RS, ou seja, é um município constituído a partir de migrações internas dentro do país. Consideramos assim, a região de Erechim/RS, incluindo o município de Áurea/RS, como sendo a matriz de origem dos descendentes de imigrantes de Nova Erechim/SC, havendo entre eles uma relação topodinâmica, visto que este é a continuidade daquele, porém em outro local.

O imigrante que chegou ao Brasil, na Polônia era dominado pela nobreza polonesa, e depois pelas nações ocupantes⁶ (Gritti, 2004). De acordo com Gritti (2004), tal sentimento de dominação e inferioridade dos poloneses pode ter refletido, no Brasil, em vários aspectos, entre eles na língua. Acreditamos que esse sentimento, somado à mistura étnica e a imposição da língua portuguesa na Era Vargas podem ter influenciado na gradual substituição do *Pol.*, observado nos locais estudados.

⁵ Dado disponível no site da prefeitura municipal e no site do IBGE:

<http://www.aurea.rs.gov.br/pagina/495/historia> e

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/aurea.pdf>, acessados em 22/08/2016.

⁶ Áustria, Prússia e Rússia ocuparam e dominaram o território e a população da Polônia. Ver cap. 2.1: A Polônia e a imigração, p. 21.

Nos locais de pesquisa, percebe-se uma grande mobilidade, pessoas jovens saem dos municípios e partem para cidades maiores em busca de trabalho e estudo de nível superior, as pessoas mais velhas saem do meio rural e vão para o meio urbano, que proporciona maiores facilidades de locomoção, descanso e lazer. A mobilidade foi perceptível desde a colonização, na qual os imigrantes buscavam mais e melhores terras e condições de trabalho e de vida, e dessa forma continuaram sua migração.

Toda essa situação proporciona o contato étnico, e fica o dilema: manter a língua de imigração, ou substituí-la pela língua portuguesa, língua oficial do novo país? Através de observações cotidianas, fica perceptível a substituição do *Pol.* pela população jovem, e em muitos casos, também pelos demais descendentes.

Dessa forma, tem-se como **objetivo geral**, a partir das percepções dos descendentes polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC, descrever e analisar as crenças linguísticas e, a partir do uso dos termos de parentesco, descrever e analisar as atitudes linguísticas desses informantes, a fim de estabelecer uma relação entre crenças e atitudes.

As crenças linguísticas são definidas como percepções que o indivíduo descendente de imigrantes poloneses apresenta em relação a sua língua de imigração, e as atitudes são verificadas a partir do comportamento linguístico, do uso real da língua. As atitudes são identificadas através do uso dos termos de parentesco, a partir dos quais será possível perceber sua manutenção ou substituição. Os termos de parentesco estão divididos em: parentesco sanguíneo, por aliança e espiritual. Os termos de parentesco sanguíneo descendem da mesma árvore genealógica e, de acordo com Geckeler (1973 *apud* Horst, 2011) são: pai, mãe, irmão, irmã, neto, neta, avô, avó, tio, tia, primo, prima, sobrinho, sobrinha, bisneto, bisneta, bisavô e bisavó, além de padasto, madrastra, enteado e enteada. Os termos de parentesco por aliança surgem a partir do casamento e são: marido, mulher, sogro, sogra, cunhado, cunhada, genro, nora. Já o parentesco espiritual, segundo Goldschmidt (2004), se dá a partir do batismo e da confirmação, originando os termos: padrinhos, madrinhas, afilhados e compadres.

Estudos que também buscaram apresentar a manutenção ou substituição a partir dos termos de parentesco foram desenvolvidos por Horst (2011) abordando o contato *hunsrückisch*⁷-português, por Bortolotto (2015) abordando o contato *talian*⁸-português, e por

⁷ Altenhofen (1996, p. 27 *apud* Altenhofen, 2004, p. 139) conceitua o *Hunsrückisch* como “uma variedade supra-regional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato.”

Wehrmann (2016) abordando também o contato do alemão-português. Os estudos de Horst (2011) e Wehrmann (2016) indicam que prevalece a manutenção da língua minoritária alemã na aplicação dos termos de parentesco, enquanto que a pesquisa de Bortolloto (2015) apresenta uma maior substituição do *talian* pela língua majoritária. O trabalho em questão aborda o contato polonês-português, o qual carece de estudos e pesquisas linguísticas.

Assim, os **objetivos específicos** que orientam a elaboração desse trabalho buscam analisar as crenças linguísticas em relação ao *Pol.* e as atitudes linguísticas a partir dos termos de parentesco através das dimensões: diastrática (classe social), diageracional (faixa etária), diasssexual (gênero) e diatópica (localização geográfica), além de perceber se existem relações entre crenças e atitudes. Eles estão assim apresentados:

1. Inferir, conforme a dimensão diastrática de que forma a escolaridade (Cb - até o Ensino Médio e Ca - Ensino Superior, completo ou incompleto) influencia na relação do informante com a língua de imigração;
2. Constatar, na dimensão diageracional, se se observa uma mudança de comportamento entre a geração mais jovem (GI – 18 a 36 anos) e a geração mais velha (GII – acima de 55 anos);
3. Investigar o comportamento linguístico de homens e mulheres, segundo a dimensão diasssexual;
4. Perceber se há divergência de comportamento linguístico entre os dois pontos de pesquisa, Áurea/RS e Nova Erechim/SC, considerando a dimensão diatópica;
5. Analisar a relação existente entre as crenças linguísticas dos informantes quanto à língua de imigração polonesa e as atitudes, através da manutenção ou substituição dos termos de parentesco.

A partir dos objetivos específicos, são apresentadas as seguintes hipóteses:

- ✓ Quanto ao primeiro objetivo, referente à dimensão **diastrática**, a hipótese é de que a Cb valorize e utilize mais a língua de imigração do que a Ca, mantendo mais os termos de parentesco, visto que as pessoas com maior escolarização, segundo Labov (2008), tendem a aproximar a fala da variedade padrão. Margotti (2004) também destaca que os mais escolarizados favorecem a difusão do português ao fazer uso das variantes

⁸ De acordo com Margotti (2004), “o contato de diferentes dialetos italianos no Sul do Brasil deu origem a um modo de falar característicos e bastante peculiar, conhecido como *talian*, ou coiné veneta (italiano brasileiro)”.

prescritas pela escola ou adquiridas através de materiais escritos e da interação com outras pessoas letradas e falantes monolíngues de português.

- ✓ Em relação ao segundo objetivo, inferimos, na dimensão **diageracional**, embasados em Margotti (2004), que tanto falantes jovens como velhos tendem a reproduzir o estado de língua adquirido no início da vida até a adolescência e tendem a não mudar depois disso. Dessa forma, a GII é a que mais utiliza a língua de imigração, assim como os termos de parentesco, pois esta é sua língua materna e esteve mais presente em sua vida, além de ser uma forma de expressão de identidade, conforme Krug (2004), Kersch (2011) e Aguilera (2008); enquanto que, entre os falantes mais jovens (GI) é maior o grau de difusão do português, os quais apresentam pouco domínio e conhecimento da língua de imigração, pois com a Nacionalização do Ensino, na década de 30, a fala nas variedades restringiu-se ao ambiente familiar e os pais passaram a usar o português com seus filhos. Confirmando a hipótese, Horst (2014) constatou em sua pesquisa que os falantes de gerações mais novas apontam uma pequena redução de marcas do *vestfaliano*⁹, devido aos contatos e mobilidade dos informantes.

- ✓ Na dimensão **diassexual**, respondendo ao terceiro objetivo, acreditamos que não haja diferenças significativas entre homens e mulheres. Porém, segundo Trudgill e Chambers (2004), as mulheres em média tendem a usar mais variantes de *status* mais alto do que os homens. Assim, as mulheres usarão mais termos de parentesco em *Pt.-RS*, visto que é a língua majoritária e oficial. Labov (2008) compartilha a mesma ideia ao afirmar que a mulher é mais sensível aos padrões de prestígio e se autocorrigue nitidamente. Piller e Pavlenko (2004) também afirmam que geralmente são as mulheres que começam a substituição linguística em suas comunidades. Porém, se considerarmos as mulheres da CbGII, elas devem usar mais os termos de parentesco em *Pol.* do que os homens, pois a maioria delas era responsável pelas atividades domésticas e por cuidar dos filhos, enquanto que os homens saíam para trabalhar e tinham mais contato com outras pessoas, e conseqüentemente com o *Pt.-RS*. Dessa forma, como as mulheres mantinham menos contatos, elas devem conservar mais a língua polonesa.

⁹ O *vestfaliano*, ou *westfälisches Plattdeutsch*, de acordo com Horst (2014) é uma variedade ou dialeto do baixo-alemão que chegou ao Brasil por meio do processo de imigração.

- ✓ Inferimos, de acordo com a dimensão **diatópica**, proposta no quarto objetivo, que Áurea/RS seja o local que apresenta as crenças linguísticas mais favoráveis à manutenção do *Pol.* e consequentemente, atitudes de manutenção – maior uso dos termos de parentesco - em relação à Nova Erechim/SC, onde deve haver mais substituição pelo *Pt.*-RS devido, segundo Altenhofen (2002), ao avanço da área riograndense, principalmente da subárea bilíngue sob influência das línguas de imigrantes europeus, por um corredor lateral, através do oeste de Santa Catarina, onde em virtude do povoamento bastante recente ainda se encontram nas regiões mais velhas falantes nascidos no Rio Grande do Sul. O oeste de Santa Catarina pode ser visto, nesse sentido, como prolongamento do avanço riograndense. Dessa forma, a língua dos descendentes que saíram do Rio Grande do Sul resultou de vários contatos linguísticos dos diferentes espaços geográficos proporcionados pela mobilidade, o que não aconteceu com os falantes que permaneceram no Rio Grande do Sul. Conforme Altenhofen (2011) as variáveis, tempo (idade das localidades); origem dos imigrantes (vindos diretamente da Polônia ou das Colônias Velhas); suporte institucional (ensino da língua polonesa existente em Áurea); diversidade étnica (heterogeneidade *versus* homogeneidade), exercem uma grande influência na variação linguística, sendo que Áurea/RS apresenta uma maior homogeneidade étnica, e consequentemente uma maior probabilidade de manter mais o *Pol.* do que Nova Erechim/SC, a qual apresenta maior heterogeneidade, já que convivem no mesmo território, poloneses e italianos, estes em maior número. Confirmaram esta hipótese as pesquisas de Krug (2004), Horst (2011) e Horst e Krug (2012) em localidades riograndenses, que indicam que o alemão ainda está significativamente representado no dia a dia da maioria dos indivíduos das localidades, mesmo o *Pt.*-RS estando cada vez mais presente. Porém Wehrmann (2016) pesquisou o uso do alemão em duas localidades de Santa Catarina e concluiu que nestes locais a língua alemã também continua sendo bastante utilizada. Acreditamos que a manutenção, tanto no RS como em SC seja mais forte no alemão, pois no *talian* há uma maior substituição pelo *Pt.*-RS em Chapecó/SC e Pato Branco/PR, de acordo com Bortolotto (2015).
- ✓ Com relação ao último objetivo, referente à **relação entre crenças e atitudes** linguísticas, sustentamos a ideia de que o *Pol.* falado no Brasil foi e ainda é estigmatizado, devido ao modo como a sociedade vê essa língua, errada, sem

prestígio, o que tem afetado a relação dos próprios falantes com a língua, e que, segundo Altenhofen (2002) ocasiona a interrupção da transmissão da língua para as futuras gerações. Nesse sentido King e Mackey (2007) ressaltam que os pais se preocupam que os filhos misturem as línguas, o que é tido por eles como um problema, já que a maioria deles, descendentes de poloneses, sofreu preconceito ao chegar à escola falando a língua de imigração gerado principalmente pela política de Nacionalização do Ensino que foi decisivo na estigmatização. Esses fatos geram percepções negativas sobre a língua de imigração que devem refletir nas atitudes linguísticas, pois percebemos atualmente que a língua, assim como os termos de parentesco, vem sendo substituídos, cada vez mais, pelo *Pt.-RS*. Porém, Krug e Horst (2015) destacam que uma variedade minoritária pode ser, em determinado contexto ou comunidade, fortemente estigmatizada, e em outro, gozar de amplo prestígio, dada a condição socioeconômica de seus falantes.

Para atingir os objetivos da presente pesquisa, realizou-se uma coleta e análise de dados a partir da perspectiva da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1996, 1998, 2005, 2010). A pesquisa está inserida no projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)*, que por sua vez, está vinculado ao projeto maior *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)*, e tem aprovação no Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 20380713.2.0000.5564.

A realização desta pesquisa justifica-se por valorizar a cultura e as línguas minoritárias, especialmente a variedade da língua polonesa (*Pol.*) falada no sul do Brasil, a qual carece de estudos. A pesquisa também vem contribuir para o levantamento de dados linguísticos do projeto *Atlas das Línguas em contato na Fronteira: Oeste Catarinense*.

Iniciamos o primeiro capítulo apresentando as considerações iniciais que levaram à elaboração da pesquisa, juntamente com o objetivo geral, específicos e suas hipóteses, além de apresentar brevemente cada parte da pesquisa.

O segundo capítulo apresenta o contexto de estudo, abordando inicialmente um pouco da história da Polônia na época de emigração e os principais motivos que impulsionaram a imigração ao Brasil. Posteriormente abordamos a situação do Brasil com toda sua diversidade linguística e a territorialização dos imigrantes poloneses nesse contexto, destacando principalmente os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e mais especificamente as duas localidades que são foco de nossa investigação: Áurea/RS e Nova Erechim/SC.

O terceiro capítulo apresenta os aspectos teóricos que embasaram a pesquisa, iniciando com conceitos relativos às crenças e atitudes linguísticas, assim como sobre a identidade linguística, propostas por vários autores, entre eles Calvet (2002), Lasagabaster (2004), Vandermeeren (2005), Kaufmann (2011), Appel e Muysken (2005) e Tabouret-Keller (2007). Posteriormente são abordados conceitos relacionados aos contatos linguísticos no Brasil (Raso, Mello e Altenhofen (2011) e Margotti (2004)), e como esses contatos originam situações de bilinguismo (Hamers e Blanc (2004) e Mackey (1972), entre outros), além de conceitos teóricos sobre o que leva um indivíduo a manter ou substituir sua língua, principalmente se for uma língua minoritária (Pertile (2009); Appel e Muysken (2005); Garret (2012); Altenhofen (2004a); Kersch (2011) e Dorian (2004), entre outros), assim como sobre a revitalização linguística, com enfoque para a cooficialização (Oliveira (2015) e Morello (2015)).

Ainda neste capítulo são apresentados alguns conceitos sobre os termos de parentesco, sua origem e importância na vida social, bem como uma explanação sobre os três tipos de parentesco - sanguíneo, por aliança e espiritual – embasados em Ghasarian (1996), Geckeler (1973 apud Horst, 2011) e Goldschmidt (2004). E para concluir, apresentamos o modelo teórico da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), em relação à Dialetologia Monodimensional e a Sociolinguística.

O quarto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que regem a presente pesquisa, apresentando inicialmente as dimensões analisadas seguidas da descrição dos informantes e, a explanação da metodologia utilizada para a coleta de dados.

O último capítulo que representa a maior parte deste trabalho traz a descrição, a análise e a interpretação dos dados coletados, analisando as crenças e as atitudes linguísticas através dos termos de parentesco, a partir das dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual, seguidas de uma análise das relações entre crenças e atitudes linguísticas.

Por fim, são tecidas as considerações finais, analisando se os resultados encontrados estão de acordo com os objetivos estabelecidos e se as hipóteses apresentadas foram confirmadas ou refutadas.

A **motivação** para a realização deste trabalho parte da minha biografia e percepções em relação à língua de imigração polonesa. Nasci e vivi a maior parte da minha vida em Áurea/RS, descendente de poloneses, pertencendo à 4ª geração, cresci ouvindo a língua de imigração e percebi a sua constante substituição pelo *Pt.*-RS nos últimos anos. Considero-me uma bilíngue passiva, já que não falo fluentemente a língua, porém a compreendo. A interrupção da transmissão da língua para as novas gerações e o desinteresse dos jovens em

aprendê-la me intrigava. Formada em Letras, sempre tive interesse e desejo de estudar e pesquisar sobre a língua dos meus antepassados, língua que perdura ainda, porém, a cada dia com menos intensidade.

A participação em um documentário sobre a Imigração Polonesa na região, “*Mazurka ao Sol*”¹⁰, despertou ainda mais o meu encantamento pelas minhas raízes. A ausência de estudos linguísticos sobre a língua polonesa em geral e, especificamente nos locais pesquisados, reforçou meu interesse, desejo e necessidade de realizar esta pesquisa.

Dessa forma, este estudo vem a contribuir para a valorização da cultura e da língua de imigração polonesa falada nas duas localidades, Áurea/RS e Nova Erechim/SC, assim como apresentar e analisar o contato linguístico polono-português e as comunidades de falantes de *Pol.*.

¹⁰ Documentário sobre a imigração polonesa, realizado em Áurea/RS, no ano de 2010, dirigido pelo diretor francês Pierre Meynadier, para a TV Mundo. Título original: “Mazurka al soleil”.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Como o objetivo desta pesquisa consiste em analisar as crenças e as atitudes dos polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC, torna-se necessário conhecer o contexto de estudo, o qual justifica a relevância do trabalho. Inicialmente apresentamos um pouco da história da Polônia na época de emigração e os principais motivos que impulsionaram a imigração ao Brasil, seguida da situação do Brasil com toda sua diversidade linguística e a territorialização dos imigrantes poloneses nesse contexto, merecendo destaque, principalmente os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e mais especificamente as duas localidades que são foco de nossa investigação: Áurea/RS e Nova Erechim/SC.

2.1 A POLÔNIA E A EMIGRAÇÃO

Quando os poloneses vieram ao Brasil, no final do século XIX, a Polônia encontrava-se dividida politicamente entre a Rússia, a Prússia e a Áustria. Weber e Wenczenowicz (2012) destacam que as três partilhas da Polônia no século XVIII (1772, 1792 e 1795), legaram aos imigrantes a perda da nacionalidade polonesa em consequência da perda de territórios.

De acordo com Garcez (2003, p. 23), “nos territórios poloneses as populações viviam isoladas a um conservadorismo extremado e resistentes às mudanças”. Isso fica perceptível na perda da independência política ocorrida no século XVIII que fez com que os poloneses se submetessem aos ocupantes do seu território. Tais ocupantes mantinham a população polonesa num nível arcaico, atrasado e de base agrícola.

Wachowicz (1970), Wenczenowicz (2002, 2009), Garcez (2003) e Mazurek (2009) tentam enumerar as diversas razões que fizeram com que o colono polonês procurasse trabalho em territórios alemães ou emigrasse para além-mar. No século XIX, a Polônia vivia grave crise econômica, política e social. Dentre as principais razões do movimento migratório, pode-se citar o excesso de mão-de-obra nas aldeias e vilas, o elevado crescimento demográfico, a falta de terras para as novas gerações, a ausência de legislação agrária, o êxodo rural para os centros industriais devido à mecanização rural, o recrutamento para o exército prussiano, perseguições políticas e religiosas. Assim, a grande razão da imigração foi a possibilidade de imigrar para uma nação onde fosse possível tornar-se proprietário de terra, visto que na Polônia isto era quase impossível, pois nos séculos XVIII e XIX, o poder

político e econômico estava nas mãos da nobreza. Mazurek (2009) destaca que além desses fatores, a emigração foi influenciada pela emaranhada e complicada história desse país.

Tais fatos levaram muitos poloneses a abandonarem o país em busca de vida mais digna e livre. A partir de 1890, iniciou a fase chamada de “febre brasileira”, e os camponeses escolheram o Brasil pelo fato de ele oferecer terra para a agricultura. Como a Polônia se encontrava tripartida entre Prússia, Rússia e Áustria, muitos poloneses vieram com passaportes e documentos como sendo pertencentes às nacionalidades alemã, russa ou austríaca.

2.2 O BRASIL E SUA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Durante a maior parte da história, o Brasil foi um território plurilíngue. Rodrigues¹¹ (1993, p. 23 apud Oliveira, 2008) destaca que quando os portugueses aqui aportaram, há 500 anos, falavam-se no país cerca de 1.078 línguas indígenas. Após a chegada dos europeus e africanos a diversidade linguística foi ampliada. Nos mais de cinco séculos que seguem após o descobrimento do país, Raso, Mello e Altenhofen (2011) destacam que conviveram no território brasileiro, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, africanas, asiáticas e europeias. Margotti (2004) salienta que a população brasileira é constituída da miscigenação dos índios, negros e todas as etnias que para aqui imigraram.

Dessa forma, Altenhofen (2013) frisa que dificilmente algum contexto está isento de diversidade e pluralidade, principalmente quando estendemos a noção de língua para a de variedade, seguindo a orientação de Coseriu (1982, p. 16), de que ninguém fala o português, o alemão, “o que se fala é sempre alguma forma do português, do alemão”¹². Assim, o que entra em contato são variedades de uma língua – indivíduos plurilíngues na própria língua, ou melhor, *plurivarietais* – além dos indivíduos plurilíngues entre línguas distintas.

A Constituição Brasileira de 1988, consolidou os direitos conquistados pelos povos indígenas do Brasil, porém, no que se refere às demais línguas, ou seja, as línguas de imigração, a Constituição ignora a diversidade, apresentando no artigo 13 que “a Língua Portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.” Diante disso, a maioria dos brasileiros apresenta o Brasil, equivocadamente, como país monolíngue, com uma única

¹¹ RODRIGUES, A. D. I. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência Hoje*, v. 16, n. 95, nov. 1993.

¹² No original: *lo que se habla es siempre alguna forma del [portugués], del [alemán]*.

língua, e segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011), homogêneo em todo o território, sem contato com qualquer variedade de fala diferente.

No entanto, sabemos que na realidade prática, o Brasil é um dos países mais plurilíngues do mundo. Altenhofen (2013) destaca que o número de línguas brasileiras chega a cerca de 330 línguas, sendo 274 línguas indígenas e cerca de 56 línguas de imigração, porém o número de falantes dessas línguas não ultrapassa 1% da população brasileira. Oliveira (2008) ressalta que somos um país de muitas línguas – plurilíngue – como a maioria dos países do mundo. Em 94% dos países do mundo são faladas mais de uma língua. A favor disso, em 2006, foi aprovado o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, que

é o primeiro instrumento jurídico que reconhece todas as categorias de línguas: indígenas, de imigração, de sinais, afro-brasileiras, crioulas, além das variedades do português falado no país, assumindo assim que brasileiros de diversas línguas e origens contribuíram na construção do país. Portanto, é um instrumento importante na construção de uma nova visão de Brasil, a de um país plurilíngue e pluricultural. (OLIVEIRA e ALTENHOFEN, 2011, p. 205)

Born (2004) afirma que infelizmente não sabemos com exatidão o número de falantes das línguas faladas no Brasil, lacuna esta relacionada ao fato de os censos brasileiros aplicados depois de 1950 não perguntarem mais informações referentes às línguas das populações não lusófonas.

Oliveira (2008) destaca que fomos, no passado, muito mais que hoje, um território plurilíngue. Porém, a política linguística sempre foi a de reduzir o número de línguas e substituí-las pela língua portuguesa. Mas não foram somente os índios que foram vítimas da política linguística dos estados lusitano e brasileiro. Os imigrantes e seus descendentes passaram por uma violenta repressão linguística e cultural, quando o Estado Novo (1937-1945), regime ditatorial instaurado por Getúlio Vargas, reprime as línguas alóctones, através do processo que ficou conhecido como “nacionalização do ensino” que pretendeu selar o destino das línguas de imigração no Brasil. Assim, Oliveira (2008, p. 9) ressalta que

A História nos mostra que poderíamos ter sido um país ainda muito mais plurilíngüe, não fossem as repetidas investidas do Estado contra a diversidade cultural e lingüística. Essa mesma História nos mostra, entretanto, que não **fomos** apenas um país multicultural e plurilíngüe: **somos** um país pluricultural e multilíngüe, não só pela **atual** diversidade de línguas faladas no território, mas ainda pela grande diversidade interna da língua portuguesa aqui falada, obscurecida por outro preconceito: o de que o português é uma língua sem dialetos.

Entre as línguas de imigração está o *Pol.*, que será o foco do nosso estudo. Gritti (2004) assim como Dvorak (2011) afirmam que os estudos sobre o grupo étnico polonês são extremamente reduzidos. Assim como as demais línguas minoritárias, o *Pol.* também passou pela repressão, e segundo Maciel (2010), a partir da década de 30, as crianças que falavam

polonês em casa, nas escolas eram alfabetizadas em português. A preocupação com o preconceito e o medo da repressão fizeram com que os falantes poloneses deixassem de falar sua língua materna, o *Pol.*, para aprender o *Pt.-RS*. Assim, a autora ressalta que, as línguas minoritárias, no Brasil, que representavam um número significativo de falantes, passaram por um processo de “massacre”. “Atualmente estão deixando de ser faladas e propagadas, extinguindo-se em cada falante que morre. Um cenário linguístico desolador”. (MACIEL, 2010, p. 79)

Esse cenário linguístico é conceituado por Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996) como *linguicismo* e *linguicídio*. O *linguicídio* é a morte de uma língua. É sinônimo de extermínio de uma língua, um conceito análogo à morte natural. O *linguicídio* ocorre com a língua, e são os falantes da língua que experimentam a mudança ou a perda da língua. O *linguicismo* é o preconceito em relação a uma língua, trata das ações de dominação de uma língua a favor de outra ou das atitudes negativas da comunidade em relação a sua própria língua. O *linguicismo* geralmente precede o *linguicídio*.

2.3 OS POLONESES NO BRASIL: RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA

Como já foi destacado, na época da emigração dos poloneses ao Brasil, a Polônia encontrava-se tripartida entre a Prússia, a Rússia e a Áustria. Wachowicz (1970) constata que a saída do camponês polonês para o Novo Mundo prende-se a um conjunto de pressões, as quais chegaram a ameaçar seriamente a sua sobrevivência. Isto em qualquer das partes em que foi dividida a Polónia, embora certas circunstâncias variassem de uma para outra. Porém, destaca-se o fator econômico. De acordo com Wachowicz (1970, p. 27),

o camponês, ávido de terra, da qual tirava todo seu sustento, vem procurá-la onde ela existe em abundância: na América. Esta é a grande aspiração dos que preferem o Brasil como seu novo habitat. 90% dos que vieram para este país são agricultores e o seu grande objetivo no novo país que adotaram não é o seu enriquecimento, que nunca pensaram em conseguir. [...] O que estes camponeses almejavam era tornar-se razoáveis proprietários de terras, a fim de que pudessem doar parcelas aos filhos como dote por ocasião do seu casamento.

De acordo com Garcez (2003), muitos poloneses optaram pelo Brasil também devido à intensa propaganda que nem sempre era verdadeira, explorando assim a boa fé e a psicologia do camponês. Garcez (2003) e Marin (2014) destacam que o Brasil, nos folhetos de propaganda, era mostrado como um “paraíso”. Esta explorava inclusive o catolicismo, afirmando que o Brasil se encontrava perto da “Terra Santa”.

Com relação à chegada dos poloneses, as datas apresentam-se um pouco contraditórias. Gritti (2004) destaca que o ano de 1869 marca o início da imigração para o Brasil, embora já existissem poloneses desde 1824, que vieram com os alemães (Marin, 2014). Os primeiros imigrantes, chegados em 1869, foram instalados na Colônia Príncipe Dom Pedro, em Santa Catarina, atualmente Brusque. Alguns anos mais tarde, em 1871, migraram para o estado do Paraná. Porém Iarochinski¹³ (2000 apud Maciel, 2010) ressalta que em 1847 chegaram os primeiros imigrantes poloneses ao Brasil, e foram instalados no estado de Espírito Santo, marco inicial da primeira Colônia de poloneses no país, porém, após diversos insucessos, foram transferidos ao Rio Grande do Sul em 1886, e fundaram as colônias de Santa Thereza e Santa Bárbara. Ainda em 1871, de acordo com Gardolinski (1958) chegaram mais algumas famílias para uma localidade próxima de Brusque, chamada Pilarzinho. Em 1873 e 1875 mais algumas. A maioria se instalou no Paraná.

O período de 1890 ficou conhecido como “febre brasileira” que foi um curto período que durou entre 1890 e 1894, e segundo Gardolinski (1958), trouxe nada menos que 63.500 colonos poloneses, na época, um número apreciável. Por esta razão chamavam o Brasil de “Nova Polônia” (*Nowa Polska*).

De acordo com Gardolinski (1958), o ano de 1895 diminuiu consideravelmente o movimento imigratório, o qual reinicia-se no ano de 1907, no sul do Brasil. A Primeira Guerra Mundial interrompe novamente a vinda de imigrantes poloneses. O ano de 1918, além do término do conflito internacional, trouxe a independência da Polônia, após 146 anos de luta (1772-1918), que estancou naturalmente a imigração.

No Rio Grande do Sul, o ano de 1875 é considerado o marco inicial da imigração polonesa no estado, pois quando chegaram os italianos, neste ano, já existiam ali, elementos poloneses. Porém, Kozowski¹⁴ (2003, p. 20 apud Marin, 2014, p. 60) destaca que já havia poloneses no Rio Grande do Sul em 1824, que vieram acompanhando os alemães e com eles aqui se instalaram. Foram fundadas diversas colônias, sendo que muitas delas, como São Marcos¹⁵, não conseguiram radicar uma família por muito tempo devido às terras acidentadas

¹³ IAROCHNSKI. Ulisses. *Saga dos polacos: A Polônia e seus emigrantes no Brasil*. Curitiba: Gráfica Mansão, 2000.

¹⁴ KOZOWSKI, Vitor Inácio. *Estes Imigrantes Entre Outros – Imigração Polonesa na Serra Gaúcha*. Bento Gonçalves: Edição do autor, 2003.

¹⁵ São Marcos era “Núcleo Colonial inicialmente ligado administrativamente à Colônia Caxias, cuja criação foi em 1885. Os poloneses, após o sofrimento das mortes no barracão dos imigrantes da Colônia Caxias, chegaram ao recém criado Núcleo Colonial de São Marcos no início de 1891 (possivelmente em momentos e em grupos diferentes), [...]. Por serem muitos – no início de 1896, seriam 2 mil pessoas -, a colônia ficou conhecida como ‘São Marcos dos Polacos’. A partir de 1907, migraram principalmente para o Norte do estado, chegando a um percentual de 95% de poloneses que deixaram estas terras.” (MARIN, 2014, p. 64) Entre 1890 e 1894 (durante o período denominado ‘febre imigratória brasileira’) teriam chegado a maioria dos imigrantes poloneses

e pedregosas, todos migraram por iniciativa própria para o norte, para as “Colônias Novas”, atraídos por terras mais planas e mais férteis (Gardolinski, 1958). Assim surgiu a Colônia Erechim¹⁶, que foi criada em 6 de outubro de 1908 (Garcez, 2003).

Segundo Garcez (2003), quando a Colônia Erechim/RS foi fundada, muitos núcleos poloneses ali aparecem. Nos anos de 1911 e 1912 e depois da Segunda Guerra Mundial, muitas famílias polonesas vêm diretamente da Polônia para se fixarem na região, a maioria, segundo Groch (s/a), da região de *Lublin*, de domínio russo. Muitos recém-chegados que procuravam melhores condições de vida, informados sobre as terras férteis do Paraná, e sobre as prósperas colônias polonesas ali existentes continuavam a migração. Outros vinham reemigrados de Veranópolis, São Marcos, Santa Tereza, Casca e Guaporé. Gardolinski (1958, p. 59) destaca que apenas 12% das pessoas permaneceram nas regiões do Planalto. O restante deslocou-se para o Vale do Uruguai (colônia Erechim), Santa Catarina e Paraná.

Dessa forma, Kokuska (2006) acentua que, assim como faltavam terras na Polônia, no Brasil os poloneses receberam pequenos terrenos que seriam insuficientes para todos os seus filhos, pois os encarregados da estrutura fundiária governamental não imaginaram o inevitável crescimento populacional. Dessa forma, os poloneses foram indo para outras regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, onde houvesse mais terras.

No Rio Grande do Sul, segundo Garcez (2003), os imigrantes se espalharam por todo o estado, algumas localidades contam com uma presença significativa de poloneses e outras com presença mais reduzida. As que mais se destacam são: a Colônia de Guarani das Missões, para a qual chegaram imigrantes de 1890 a 1894 e de 1911 a 1913 e a Colônia Erechim, criada em 1908.

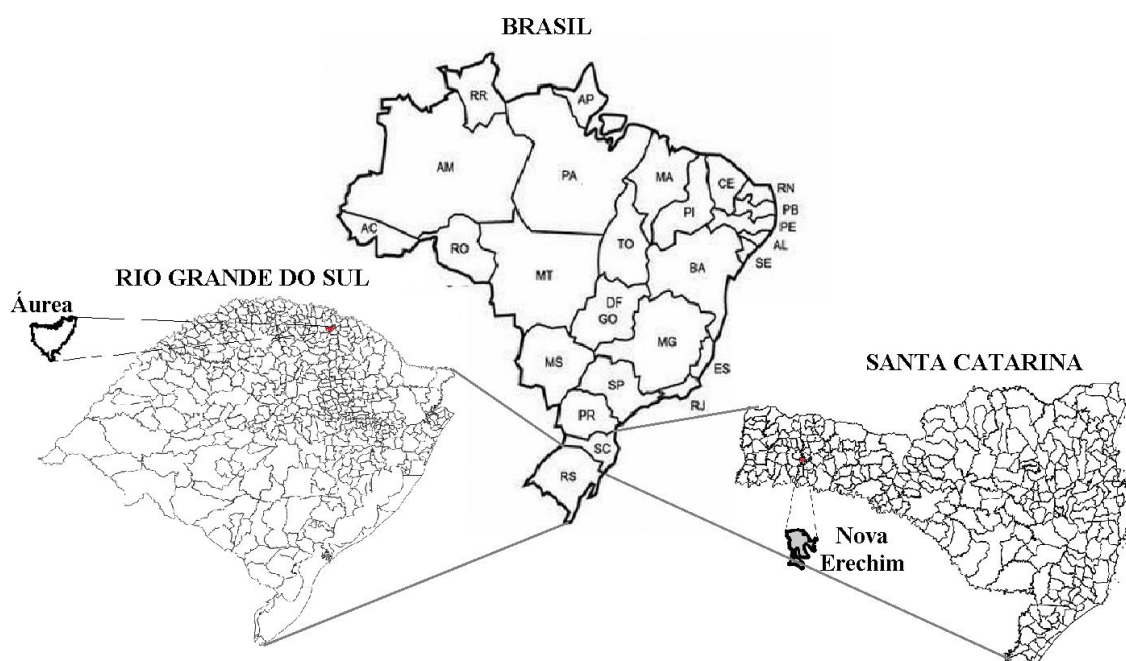
Da colônia Erechim/RS, surgiram posteriormente vários municípios, entre eles Áurea/RS que foi povoado a partir de 1906 com a vinda de poloneses, os quais, segundo dados municipais, constituem 92% da população. Devido a traços culturais e costumes

provindos das partes central e leste da Polônia, regiões dominadas pelos russos, oriundos de Varsóvia, Kalisz e Plock (Marin, 2014, p. 148). O êxodo dos poloneses de São Marcos e seus primeiros descendentes foi contínuo, com maior intensidade de 1907 até 1917, que deslocaram-se principalmente para o norte do Estado, para regiões da Colônia Erechim e Vale do Rio do Peixe. Em 1926 não havia mais nenhuma família de imigrantes poloneses em São Marcos, apenas alguns descendentes (Marin, 2014, p. 156 e 157). Pertencia a Caxias do Sul, e em 1963 foi emancipado, de acordo com informações do site da prefeitura municipal, disponível em <http://www.saomarcos.rs.gov.br/?ir=historia>, acessado em 09/09/2016.

¹⁶ De acordo com Marin (2014, p. 75) a Colônia Erechim foi criada de forma planejada. Muitos poloneses oriundos de São Marcos se estabeleceram no local em 1907, antes mesmo de ser constituída formalmente a Colônia Erechim, em 1908. A colônia também recebeu numerosa quantidade de poloneses em 1911 e 1912, e após a Guerra, em 1922. Descendentes de poloneses também acorreram a esta colônia, na qual há uma forte diversidade étnica. Stawinski (1999, p. 62 apud Marin, 2014, p. 75) destaca que os poloneses e descendentes se estabeleceram em vilas interioranas: Barro, Floresta (hoje Barão de Cotegipe), Nova Polônia (hoje Carlos Gomes), Paim Filho, Gaurama, Viadutos, Erval Grande, Aratiba, Rio Marcelino (depois Treze de Maio e hoje Áurea), Getúlio Vargas e Centenário – localidades onde predominam os descendentes de poloneses.

poloneses, o município é um grande referencial da cultura polonesa em nosso país, e em virtude disso, recebeu em 1997, o título de Capital Polonesa dos Brasileiros. Já o município de Nova Erechim/SC, de acordo com informações disponíveis no site da prefeitura municipal e histórico do IBGE, foi colonizada em 1952, por gaúchos descendentes de imigrantes poloneses e italianos, oriundos do município e regiões próximas de Erechim/RS, ou seja, é um município constituído a partir de migrações internas dentro do país, na busca por mais e melhores terras.

Figura 1: Mapa do Brasil com destaque para Áurea/RS e Nova Erechim/SC



Fonte: Site do IBGE (2016) com adaptações da pesquisadora.

Conforme Maciel (2010), ao sair da Polônia, as expectativas dos imigrantes em relação ao Brasil eram muito positivas, porém, ao chegarem, enfrentaram desavenças e conflitos gerados principalmente pela falta de uma política clara que os orientasse a se estabelecerem no país. Wenczenowicz (2009) também destaca a dificuldade de locomoção frente às condições geográficas, muito diferentes do ambiente rural urbanizado do contexto europeu, onde já existiam estradas, ferrovias e diversos meios de transportes, inexistentes no Brasil.

Ressalta-se que o Paraná foi o estado que mais recebeu imigrantes poloneses, e hoje apresenta o maior número destes. Atualmente, o Estado de Santa Catarina, pioneiro no

assentamento de imigrantes poloneses no Brasil, é o que concentra o menor número de poloneses e descendentes entre os três Estados do Sul do país, segundo Wachowicz (1999).

Quando os poloneses chegaram ao Brasil, Polanczyk (2010) destaca que as colônias italianas e alemãs estavam em franco desenvolvimento, assim os maiores lotes de terra já tinham sido distribuídos, e os poloneses ganharam lotes menores, apenas frações de terras montanhosas, situadas nas margens de rios, visto que a imigração polonesa para o Brasil caracterizou-se por ser fundamentalmente camponesa, e os poloneses vieram para fixar-se na agricultura. Marin (2014, p. 46) destaca que o maior contingente de emigrantes era constituído de agricultores e camponeses, ou seja, em torno de 95% dos primeiros imigrantes (até 1914) era de pessoas ligadas à terra. Poucos poloneses exerciam outras profissões como ferreiro, sapateiro, carpinteiro, etc., os quais eram instalados nas cidades.

Ainda de acordo com Gritti (2004), os migrantes da Polônia, que viviam em localidades que possuíam mais contato com o mundo, emigravam para os Estados Unidos, que apesar de serem agricultores preferiam atividades urbanas. Nas comunidades isoladas, sem contato com o mundo exterior, ocorreu a migração grupal, cuja maioria dos imigrantes foram aportados no Brasil pelo fato desse país ofertar terra para agricultura em abundância, e, a partir de 1890, transporte marítimo gratuito.

No início do século XX, o cônsul polonês Kazimierz Głuchowski¹⁷ (1927 apud Mazurek, 2009), realizou uma pesquisa estatística para definir o número de poloneses e seus descendentes no Brasil. Como resultado da pesquisa, seriam 102.096 emigrantes poloneses que chegaram ao Brasil antes da I Guerra Mundial, cerca de 42 mil estabeleceram-se no Paraná, 32,3 mil no Rio Grande do Sul, 6,75 mil em Santa Catarina e 21,5 mil em outros estados. Estes parecem ser os números realistas, porém alguns estudiosos da história dos poloneses no Brasil admitem a possibilidade de um número maior, porém, de acordo com Kula¹⁸ (1981 apud Mazurek, 2009), não ultrapassa 115.000 pessoas.

Dessa forma, Gardolinski (1958) fala da inexistência de elementos precisos sobre a imigração polonesa, que nos impossibilitam de fixar o momento exato da chegada dos primeiros imigrantes, pela razão de que, quando os cidadãos poloneses emigravam, eram obrigados a fazê-lo com documentos que os consideravam cidadãos de nacionalidade alemã,

¹⁷ GŁUCHOWSKI, Kazimierz, *Wśród pionierów polskich na antypodach*. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii, Warszawa: Instytut Naukowy do Badań Emigracji i Kolonizacji, 1927 [po portugalsku: *Os poloneses no Brasil*. Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil, Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005].

¹⁸ KULA, Marcin, *Polonia brazylij ska*, Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1981.

austriaca e russa. Por esse motivo, Polanczyk (2010) destaca que também não é possível conhecer com exatidão o número de poloneses que emigraram para o Brasil.

2.4 OS POLONESES E SEUS DESCENDENTES EM ÁUREA/RS

Áurea/RS possui uma área de 158,29 km² e 3.665 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2010). Pertence à mesorregião do Noroeste Riograndense e à microrregião de Erechim.

Figura 2: Mapa dos municípios da microrregião de Erechim/RS, com destaque para Áurea/RS



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81urea#/media/File:RioGrandedoSul_Municip_Aurea.svg, acessado em 19/11/2016, com adaptações da pesquisadora.

Garcez (2003) destaca que foi no final de 1911 que um grupo de poloneses chegou à região que no futuro se chamaria Áurea. De acordo com Kokuska (2000), a maioria destes

imigrantes vieram da região de *Lublin* e *Siedle*¹⁹ da Polônia, que estavam sob domínio russo (Figura 3). Porém, segundo Kokuska (2006) os fatos históricos evidenciam que bem antes de 1911, diversas famílias de imigrantes poloneses e seus descendentes já se encontravam instalados no território hoje pertencente a Áurea. Segundo relatos da prefeitura do município, já em 1906, teriam chegado famílias polonesas e seus descendentes de São Marcos, serra gaúcha. Siuda-Ambroziak (2012) destaca que no livro paroquial aparece o ano de 1909 como a vinda dos primeiros colonos. Ressalta-se que alguns imigrantes que se instalaram em Áurea vieram diretamente da Polônia, enquanto outros, reimigrantes, vieram da serra gaúcha, mencionada como *Stare Strony*²⁰.

¹⁹ Na figura 3 está o mapa da Polônia, com destaque para *Lublin* e *Siedle*, que de acordo com Kokuska (2006) imigraram para Áurea. Também estão em destaque os locais – *Warszawa*, *Kalisz* e *Plock* – de onde vieram os imigrantes para São Marcos, segundo Marin (2014), e que posteriormente reimigraram para a região norte, para a Colônia Erechim, incluindo Áurea.

²⁰ Pode ser traduzido como “terras velhas” ou “terras antigas”.

Figura 3: Mapa da Polônia, com destaque para as regiões de origem dos imigrantes vindos da Áurea/RS e São Marcos/RS.



Fonte:

<http://6469da.medialib.edu.glogster.com/DiEemcuhf5ZskisBqe4G/media/2c/2c72b77056fa9fa7ed435e031c6a9567c4e50d32/mapa-polonia.png>, acessado em 19/11/2016, com adaptações da pesquisadora.

No início da colonização, a localidade de Áurea/RS era chamada Rio Marcelino, nome dado pelos primeiros imigrantes, vindos da região de São Marcos/RS. Em 1918, passou a denominar-se Treze de Maio. Em 1944, recebeu o nome de Vila Áurea. Passou para município em 1987, ex-distrito de Gaurama, com a definitiva denominação: Áurea.

De acordo com Garcez (2003), logo após a chegada dos poloneses, surgiu a primeira escola por volta de 1915, com aulas em polonês e português. Algumas das poucas pessoas que sabiam ler e escrever eram designadas pela comunidade para serem os professores, os quais não possuíam nenhuma formação específica. De acordo com dados municipais, mais de 90% da população é de origem polonesa. Em razão disso, em 27 de outubro de 1997, foi oficialmente atribuído a Áurea o título de “Capital Polonesa dos Brasileiros”.

A comunidade cultiva a tradição, a religiosidade, a alimentação, o canto, a dança e a língua polonesa. Destaca-se o grupo polonês de dança folclórica *Auresóvia* e o museu municipal *João Modtkowski* que é uma referência regional pela riqueza e variedade de peças e documentos (Garcez, 2003). Existe também a *Casa do Imigrante*, segundo Malczewski (2008), oferecida pelas famílias Popławski e Samujeden, uma espécie de museu, que reúne lembranças familiares dos primeiros imigrantes que se estabeleceram em Áurea. Salienta-se também a *Festa Nacional da Czarnina*, organizada todos os anos que atrai multidões de polônios de diversas regiões. Entre os produtos culinários relacionados com a tradição polonesa, ocupa um lugar especial a *czarnina*²¹.

Também a praça da cidade, denominada como Praça João Paulo II, foi construída baseada em uma praça da Polônia e, em 2007, foi anexado em seu centro o busto do papa João Paulo II. Recentemente também foi colocada uma estátua do papa João Paulo II em frente à igreja matriz Nossa Senhora de *Częstochowa*²². Missas eram rezadas na língua polonesa com certa regularidade, mas a língua portuguesa tomou espaço nos últimos anos, devido à falta de padres de origem polonesa. Dia 15 de agosto é comemorado o dia de Nossa Senhora de *Częstochowa*, e todos os anos é realizada uma festa em sua homenagem.

Também são ministradas aulas de língua polonesa que fazem parte do currículo da escola municipal, oferecendo aos alunos a oportunidade de manter um contato com a língua polonesa padrão, nas quatro habilidades. Destacamos que o *Pol.* falado nos locais pesquisados é uma língua oral, não possui grafia escrita, para escrever, recorre-se ao polonês padrão.

Para Siuda-Ambroziak (2012), Áurea se distingue das localidades da redondeza por apresentar uma percentagem muito elevada de população de origem polonesa, onde é possível comunicar-se em língua polonesa, os nomes das lojas soam familiares a um polonês, e a grande maioria dos habitantes tem sobrenomes poloneses. A autora destaca que, sob o ponto de vista da origem étnica, Áurea pode ser considerada uma das localidades mais homogêneas do Rio Grande do Sul. A autora afirma que Áurea é um lugar excepcional, um paraíso para potenciais pesquisadores, em razão de sua rica história, dos habitantes, etnicamente tão homogêneos, que continuam a cultivar os costumes, religião, ritos, etc., trazidos da Polônia, porém, que os fazem de uma forma modificada, adaptada a nova situação social e cultural da nação brasileira.

²¹ *Czarnina* é um prato típico polonês, conhecido como sopa de pato.

²² *Częstochowa* é a padroeira da Polônia e também a padroeira do município de Áurea. No Brasil, ela é chamada de Nossa Senhora do Monte Claro.

De acordo com informações do caderno de campo, a mobilidade das pessoas é caracterizada por jovens que buscam cursar o ensino superior, os quais se deslocam diariamente para Erechim/RS e Getúlio Vargas/RS. Outros saem da cidade e vão morar nos centros universitários. O município em estudo também não oferece emprego para toda a população, assim muitos se deslocam diariamente à Erechim/RS para trabalhar em indústrias e outros se mudam para essas cidades. Algumas pessoas também se deslocam de outros locais para trabalhar em Áurea/RS, porém em menor número.

A partir das observações desta pesquisa, em poucos contextos, atualmente, ouve-se falar o *Pol.*. Em ambientes mais informais e com pessoas mais velhas, é mais comum. Em outros locais é raro. Se instigados a falar, até falam, mas apresentam uma maior fluência no *Pt.*-RS. Algumas poucas casas comerciais ainda conservam os nomes em polonês. Ruas com nomes poloneses são mais frequentes.

2.5 OS POLONESES E SEUS DESCENDENTES EM NOVA ERECHIM/SC

Nova Erechim/SC possui uma área de 64,89 km² e 4.275 habitantes, de acordo com dados do censo do IBGE (2010). O município, segundo informações municipais²³, está localizado ao extremo-oeste, na microrregião de Chapecó/SC.

²³ Disponíveis no site do município.

Figura 4: Mapa dos municípios da microrregião de Chapecó/SC, com destaque para Nova Erechim/SC.



Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/SantaCatarina_Municip_NovaErechim.svg, acessado em 19/11/2016, com adaptações da pesquisadora.

De acordo com os dados do site do IBGE e da prefeitura de Nova Erechim/RS, os primeiros colonizadores da região eram gaúchos descendentes de imigrantes italianos e poloneses, oriundos da cidade de Erechim, no Rio Grande do Sul. As famílias chegaram em 1952 e dedicaram-se à agricultura e extrativismo da erva-mate. Porém, segundo Onghero (2014), antes da vinda dos colonizadores e imigrantes de origem europeia, existem vestígios

da existência de indígenas, assim como evidências da presença de caboclos²⁴ nas terras do Oeste de Santa Catarina.

Foi na segunda metade da década de 1940, que foi contratada uma equipe de Erechim/RS para realizar a medição das terras, com o objetivo de promover a venda dos lotes a colonos, de maneira semelhante à realizada por outras empresas colonizadoras da época. Rekziegel²⁵ (1992, p. 25 apud Onghero, 2014) afirma que a medição foi realizada nos anos de 1947 e 1948.

Onghero (2014) destaca que, durante o início do processo de colonização, as terras comercializadas integravam o município de Chapecó/SC. Em 1953, com a emancipação de São Carlos/SC, passaram a pertencer a este município. Em 1961 ocorreu a emancipação de três distritos de São Carlos: Pinhalzinho, Modelo e Saudades, sendo que este último incluía a Vila Nova Erechim e as áreas rurais adjacentes. Em 1963, Nova Erechim foi elevada à categoria de distrito de Saudades, e em 1964 foi emancipado. Porém, durante esse tempo, o local recebeu diferentes denominações, as quais são destacadas por Matté²⁶ (2002, p. 40 apud Onghero, 2014, p.50):

Entre 1947 e 1953 foi chamado de Burro Branco, entre 1953 e 1957 de Sede Tegoni, em referência ao representante comercial Walter Tegoni, e, por volta de 1957, recebeu o nome de Nova Erechim, que foi oficialmente registrado durante o processo de estadualização da escola que também era utilizada como igreja. O nome de Nova Erechim foi escolhido devido aos idealizadores e moradores serem procedentes do município de Erechim (RS). (MATTE 2002, p. 40 apud ONGHERO, 2014, p. 50)

A chegada das famílias colonizadoras ocorreu a partir da década de 1940. A explicação para que a maioria dos habitantes de Nova Erechim/SC seja das regiões de Erechim/RS, segundo Onghero (2014), deve-se ao fato de que o sócio e corretor da Empresa Colonizadora criada para a venda das referidas terras possuía sua sede em Erechim/RS, e de acordo com relatos, ele teria sido o principal divulgador da oferta dos lotes rurais, sendo que tal divulgação foi realizada principalmente em Erechim/RS e localidades próximas, como Aratiba, Viadutos e Carlos Gomes. Porém existem também famílias procedentes de municípios um pouco mais distantes. Onghero (2014) ressalta que todas as famílias

²⁴ Para Silva (2014), o termo “caboclo”, ao longo da história teve diferentes significados. A princípio, o vocábulo era usado para designar indígenas, em outros momentos serviu para denominar o fruto do cruzamento entre brancos e índios, e no século XVIII teve seu emprego proibido em função do teor pejorativo que carregava. Porém, atualmente, no sul do Brasil, “a palavra ‘caboclo’, como categoria analítica, passou a ser empregada para fazer referência a um tipo de camponês pobre, geralmente mestiço e que pratica um tipo de agricultura voltada para a subsistência da unidade familiar, além de ser o dono de um modo de vida próprio, semelhante ao indígena e marcado por sua mobilidade nas áreas de fronteira agrária.” (SILVA, 2014 p. 13)

²⁵ REKZIEGEL, Leo Francisco. *A colonização de Nova Erechim*. 1992. Monografia. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 1992.

²⁶ MATTÉ, Zilá Paula Klein. *Nova Erechim: colonização e emancipação*. [S.l.: s.n.], 2002.

entrevistadas em seu estudo, assim como os informantes desta pesquisa são procedentes do Rio Grande do Sul, assim, consideramos o Rio Grande do Sul como a matriz de origem de Nova Erechim/SC.

Um fato observável é a centralidade da família no processo de mudança do Rio Grande do Sul para o oeste de Santa Catarina. A compra de lotes realizada por um representante de uma família resultava a mudança de uma família inteira. Essa mudança em geral está relacionada à busca de terras de melhor qualidade, e também ao grande número de pessoas em cada família, exigindo a aquisição de mais terras para concedê-las aos filhos.

De acordo com Onghero (2014), as relações sociais existentes nos municípios localizados no estado do Rio Grande do Sul, de onde provinha a grande maioria dos colonizadores, contribuíram para definir o povoamento no novo espaço. Assim, Argenta (2014) destaca que em Nova Erechim/SC é possível encontrar descendentes de caboclos, italianos, poloneses e alemães. Segundo a autora, depoimentos de antigos moradores afirmam que a origem do nome do município – Nova Erechim/SC foi inspirado no município de Erechim/RS, de onde vieram a maioria dos imigrantes.

A autora ressalta ainda que o município de Nova Erechim/SC possui uma representativa população de descendentes de poloneses. Assim, foi criada a “Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa de Nova Erechim – Braspol”, com o objetivo de promover, valorizar e preservar a cultura dos descendentes poloneses que vivem no Brasil. Neste município, os descendentes de poloneses viram, na Braspol, a oportunidade de valorizar suas origens e estimular a transmissão de seus saberes e memórias aos mais jovens.

A associação estimula a preservação da memória e de aspectos culturais, dentre os quais a gastronomia se destaca. Desde 1998 realiza, no município, a Festa Típica Polonesa que serve, dentre as receitas mais populares, czarnina (sopa de pato), pierogi (pastel de requeijão), sonrasi (bolinho de carne de porco), bashi (prato a base de repolho), kimitachi (prato à base de batata). (ARGENTA, 2014, p. 22)

A Braspol, segundo Argenta (2014), atualmente é o ponto de encontro dos descendentes da imigração polonesa em Nova Erechim/SC e reúne cerca de 70 famílias. No entanto, a Associação carece da participação dos mais jovens, e tem entre seus objetivos, estimular a presença das novas gerações nas atividades do grupo.

Conforme informações do caderno de campo, a mobilidade das pessoas é caracterizada por jovens que buscam cursar o ensino superior, os quais se deslocam diariamente para Chapecó/SC ou Pinhalzinho/SC. Muitos buscam emprego nas cidades maiores, visto que a principal renda do município é a agropecuária e a produção de leite.

Outro fato observado durante a realização das entrevistas foi o de que a maior parcela da população de Nova Erechim/SC é constituída de descendentes de italianos, e devido a esse elevado número, em 2015, o *talian* passou a ser a língua cooficial²⁷ do município, e em breve passará a contar com aulas da língua minoritária nas escolas. Porém, durante a realização da pesquisa, em nenhum contexto foi possível ouvir o *talian*, e o *Pol.* foi usado somente durante a entrevista pelos informantes da GII.

²⁷ De acordo com a Lei Municipal nº 1.783, de 11 de agosto de 2015, que dispõe sobre a cooficialização da língua *talian-vêneto* brasileiro no município de Nova Erechim. Lei disponível em: <http://www.legislacaomunicipal.com/gedocnet/imagens/01802947000189/lei01959.pdf> Acessado em 09/09/2016.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA

Visto que esta pesquisa visa perceber as crenças e atitudes linguísticas dos polono-brasileiros de duas localidades do sul do Brasil, a partir dos termos de parentesco, fizeram-se necessárias várias exigências teóricas, sobre as crenças e atitudes linguísticas, identidade linguística, contatos linguísticos e bilinguismo, manutenção e substituição linguística, termos de parentesco e sua importância social, assim como a teoria que rege a pesquisa, a *Dialetologia Pluridimensional e Relacional*, que serão expostas neste capítulo.

3.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

As atitudes, de acordo com Lasagabaster (2004), tem sido de grande importância na Sociolinguística, na crença de que as reações das pessoas para com diferentes línguas (língua minoritária em contexto bilíngue ou variedades linguísticas) revelariam muito das percepções dos falantes. Assim, para Appel e Muysken (2005) e Lasagabaster (2004, p. 400), as pessoas apresentam atitudes em relação a coisas, pessoas, instituições, eventos e ideias. O principal obstáculo em seu estudo é que a atitude é um conceito psicossocial e não pode ser observada ou medida diretamente, é uma inferência que se faz a partir do comportamento.

Vandermeeren (2005, p. 1319), destaca que as atitudes são expressas em ações, que são predisposições para responder a estímulos. Para Mello (2011) as atitudes dizem respeito ao modo como o falante se julga ou é julgado pelos seus pares com referência ao seu comportamento linguístico. Lambert e Lambert (1975, p. 100 apud Cardoso, 2015, p. 16-17) ressaltam que

uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente. [...] os componentes essenciais de atitude são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções bem como tendências para reagir.” (LAMBERT E LAMBERT, 1975, p. 100 apud CARDOSO, 2015, p. 16-17)

Vandermeeren (2005), Broermann (2007), Kaufmann (2011) assim como Lasagabaster (2004, p. 400), os dois últimos destacam Rosenberg/Hovland (1960)²⁸, propuseram que a atitude é um complexo composto por três classes: (I) O componente cognitivo tem a ver com pensamentos e crenças; (II) O componente afetivo refere-se a sentimentos em relação à atitude sobre o objeto (isto é, a língua); (III) O conativo (prontidão para a ação) é o

²⁸ ROSENBERG, Milton J. HOVLAND, Carl I. (1960) “Cognitive, affective, and behavioral components of attitudes”, in: *Attitude Organization and Change: An Analysis of Consistency among Attitude Components*, Rosenberg, M. J./Hovland, C. I./McGuire, W. et al., eds., New Haven, 15–30.

componente definido como uma intenção ou plano de ação em um contexto e em circunstâncias específicas, ou seja, transforma as crenças e valores emocionais relevantes em intenções comportamentais. Para Broermann (2007, p. 134), a dimensão conativa é considerada como idêntica com o uso linguístico tencionado, sendo uma possível manifestação de atitude linguística. Assim, as atitudes em relação ao objeto (língua) são a soma desses três componentes. Os autores Fishbein e Ayzen²⁹ (1980 apud Kaufmann, 2011) nomeiam esses fatores, respectivamente como crença, atitude e intenção.

Ainda conceituando crenças e atitudes linguísticas, López Morales³⁰ (2004 apud Botassini, 2011, p. 70) separa da atitude o conceito de crença, visto que a atitude é dominada apenas pelo traço comportamental. Segundo o autor “as atitudes só podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição; uma atitude nunca pode ser neutra. Já as crenças podem estar integradas por elementos cognitivos ou afetivos”.

Ao relacionar atitudes com o comportamento, Kaufmann (2011, p. 121) afirma que a sociolinguística analisa o comportamento linguístico desde um ponto de vista sociológico e que entre os fatores como classe social, idade e sexo, as atitudes são importantes para explicar esse comportamento, porém, diferentemente desses fatores, “a atitude é um conceito algo evasivo”. O autor ressalta a relação entre atitudes e comportamento, afirmando que na sociolinguística, “atitudes são aplicadas para analisar fenômenos em relação ao comportamento vinculado a variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si (por exemplo, perda ou manutenção delas).” (KAUFMANN, 2011, p. 122)

Também Lasagabaster (2004, p. 401) ressalta que a atitude do indivíduo é expressa como comportamento em um contexto social, porém a distinção conceitual entre atitude e comportamento tem sido discutida. O autor escreve que

Apesar de normalmente se assumir que as atitudes preveem o comportamento social (...) parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que elas fazem (seu comportamento de fato), mesmo assim, o conhecimento sobre nossas atitudes deve ajudar outros a preverem nosso comportamento. (LASAGABASTER, 2004, p. 401)³¹

Dessa forma, as atitudes são uma predisposição a responder de uma forma particular ao objeto da atitude (a língua). Assim, a atitude não é um comportamento, mas uma

²⁹ AYZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. *Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980.

³⁰ LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 2004.

³¹ No original: *Although it is usually taken for granted that attitudes predict social behaviour (Eiser 1995), there seems to be a gap between what people say (their expressed attitudes) and what they do (their actual behaviour), despite the fact that knowing our attitudes should help others predict our behaviour.*

preparação para o comportamento. Também Le Page e Tabouret-Keller³² (1985 apud Kaufmann, 2011) chegaram às mesmas convicções com relação ao vínculo entre atitudes e comportamento linguístico, destacando que

devemos tentar consistentemente distinguir na evidência como as pessoas pensam que deveriam se comportar [normas sociais; GK], como elas dizem que se comportam [uma opinião provavelmente influenciada tanto por normas sociais quanto por atitudes; GK], e como o seu comportamento é observado por outrem [comportamento real, GK]. (LE PAGE; TABOURET-KELLER, 1985, p. 207 apud KAUFMANN, 2011, p. 127)

Mello (2011, p. 141) destaca que, entre os diversos aspectos do bilinguismo, as atitudes merecem atenção especial por serem responsáveis, em muitos casos, pelo surgimento de tensões e estereótipos em relação às pessoas e às línguas que elas falam. “Fato é que em muitas sociedades as minorias linguísticas, sobretudo as de imigrantes e de indígenas, são estigmatizadas porque falam uma língua minorizada ou representam uma cultura diversa daquela da maioria das pessoas que vivem em uma dada comunidade.”. Haugen³³ (1956, p. 118 apud Mello, 2011) pondera que “sempre que duas línguas estão em contato, encontraremos atitudes predominantemente favoráveis e desfavoráveis em relação às línguas envolvidas.” (HAUGEN, 1956, p. 118 apud MELLO, 2011, p. 142). Assim, percebe-se que são nos embates sociais que as escolhas linguísticas se materializam e fazem surgir atitudes positivas ou negativas.

Appel e Muysken (2005) e Botassini (2011) também ressaltam que as línguas carregam significados ou conotações sociais, assim, as pessoas avaliam-na em relação ao status social de seus usuários. Assim, diferenças na pronúncia, por exemplo, entre padrão e não-padrão, podem assumir um importante significado social e indicar traços identitários, prestígio, competência linguística e classe social do falante. Dessa forma, Appel e Muysken (2005, p. 19) destacam que, se considerarmos a avaliação das variedades linguísticas – dialetos e sotaques – eles não refletem tanto a qualidade ou estética linguística, mas expressam convenções sociais que refletem o status e o prestígio concedido aos falantes dessas variedades. As atitudes linguísticas são assim, atitudes sociais. Cardoso (2015, p. 15), complementa ainda que a avaliação que um ouvinte faz da língua de um falante “depende, em grande parte, das atitudes linguísticas pré-estabelecidas em relação ao dialeto, à classe social e ao grupo étnico desse falante.”

³² LE PAGE, Robert B.; TABOURET-KELLER, Andrée. *Acts of Identity: Creole-Based Approaches to Language and Ethnicity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

³³ HAUGEN, Einar. *Bilingualism in the Americas: A Bibliography and Research Guide*. U. of Alabama Presse, 1956.

Calvet (2002) também reforça que os comportamentos frequentemente são, “ao mesmo tempo, linguísticos e sociais: há por trás dele relações de forças que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua”. (CALVET, 2002, p. 68) O autor destaca que a investigação das atitudes frente à fala local brasileira, tipicamente heterogênea, onde convivem diversas línguas minoritárias, pode favorecer juízos de valor depreciativos sobre tais línguas e destaca que “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam.” (CALVET, 2002, p. 57).

Vandermeeren³⁴ (1996, p. 159 apud Vandermeeren, 2005) destaca que as normas sociais são fundamentais para atitudes linguísticas. Assim,

atitudes linguísticas de um falante espelham as normas do grupo de pessoas a quem ele/ela se relaciona mais de perto, especialmente quando essas atitudes e do comportamento que guiam funcionam como marcadores de identidade de grupo. Isto implica que o comportamento linguístico tem significado social e solicita categorização social.³⁵ (VANDERMEEREN 2005, p. 1321).

Para a autora, as atitudes linguísticas são variáveis que se expressam em ações linguísticas e declarações sobre o comportamento linguístico.

Visto que a língua é a principal forma de comunicação e interação do ser humano, as atitudes linguísticas podem influenciar consideravelmente nessa interação. Pois, segundo Lasagabaster (2004) as atitudes em relação às diferentes línguas e variedades refletem as percepções das pessoas nas diferentes categorias sociais, e essas percepções influenciam as interações, dentro e através das fronteiras de uma comunidade de fala. O autor destaca que as atitudes não podem ser consideradas isoladas da sociedade e explica que

está além de qualquer dúvida que as atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais excepcionalmente fortes como a família, o trabalho, a religião, amigos ou a educação, ao ponto de as pessoas tenderem a ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que são as predominantes nos grupos sociais a que se vinculam (LASAGABASTER, 2004, p. 399)³⁶

Fatores sócio-históricos afetam decisivamente as atitudes, assim como a falta de alfabetização na própria língua provoca um impacto sobre as capacidades cognitivas, sobre as

³⁴ VANDERMEEREN, Sonja. “Language attitudes on either side of the linguistic frontier: A sociolinguistic survey in the Voeren/Fouron-area and in Old Belgium North”, in: *Contrastive sociolinguistics*, Hellinger, M./ Ammon, U., eds., Berlin/New York, 157–172. 1996.

³⁵ No original: *A speaker's language attitudes mirror the norms of the group of people to whom he/she relates most closely, especially when these attitudes and the behavior which they guide function as group identity markers. This implies that language behavior has social meaning and prompts social categorization.*

³⁶ No original: *It is beyond any doubt that attitudes are directly influenced by exceptionally powerful environmental factors such as the family, work, religion, friends or education, up to the point that people tend to adjust their attitudes to conform with those that are most prevalent in the social groups they belong to.*

atitudes e traz uma auto-confiança menor, visto que as atitudes positivas facilitam a aprendizagem de outra língua, e são cruciais para o sucesso da aprendizagem.

Conforme Lasagabaster (2004) e Huguet (2006), as atitudes não são herdadas, mas aprendidas, sendo assim, são suscetíveis de serem modificadas. Dessa forma, os pais e a educação são fatores muito influentes e podem afetar as atitudes em relação a uma língua, seja ela majoritária ou minoritária. Também outros fatores de socialização, como amigos, colegas e meios de comunicação de massa, especialmente a televisão nos dias atuais. Porém, o fator mais influente na formação da atitude é a experiência pessoal direta, que é um dos meios que além de mudar atitudes, pode originá-las.

Dessa forma, a pesquisa em questão torna-se relevante, pois como destaca Botassini (2011), os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas permitem compreender e detectar, entre outros aspectos, os fatores das mudanças linguísticas, os preconceitos linguísticos relacionados às variedades linguísticas assim como a seus falantes, que contribuem para a desvalorização das variedades dialetais e conseqüentemente, suas marcas identitárias.

Kersch (2011) ainda ressalta que num estudo de atitudes, o objetivo é buscar o significado social que a variedade linguística de uma pessoa tem para outras, ou seja, “quem usa determinada variedade, onde e para quê, e como isso leva as pessoas a associarem esse uso a uma determinada condição social”. (KERSCH, 2011, p. 398) Desta forma, a autora destaca que as atitudes são avaliações condicionadas a valores acordados pelos falantes de uma sociedade/comunidade de fala³⁷. Também, a autora ressalta que as atitudes dos falantes em sua comunidade exercem um papel importante na manutenção ou substituição de uma língua minoritária, pois a língua é expressão de identidade, é o meio pelo qual o falante demonstra pertencer a determinado grupo.

Assim, quando um povo emigra leva consigo tudo aquilo que faz uma nacionalidade ser diferente da outra, e forma-se um contexto, como no Brasil, de línguas e culturas plurais que propicia o estudo das atitudes linguísticas, pois de acordo com Corbari (2013), é inevitável que falantes de diferentes línguas ou de variedades do mesmo idioma, quando

³⁷ Uma comunidade de fala ou comunidade linguística, segundo De Heredia (1989a) “define-se como tal se seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência (nação, região, minoria).” (DE HEREDIA, 1989a, p. 179). Labov (2008) também destaca que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas, ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua.” (LABOV, 2008 [1972], p. 188). Coelho (2010, p. 39) sintetiza assim a noção de comunidade de fala, ressaltando que esta “recobre tanto aspectos sociais quanto linguísticos, pois envolve atitudes/normas sociais compartilhadas pelos falantes que, por sua vez, compartilham características linguísticas que os diferem de outros grupos sociais”. (COELHO, 2010, p. 39)

postas em contato, assumam certas atitudes diante das discrepâncias que percebam nos falares de outrem. A autora destaca assim que o contato entre línguas é um contato entre falantes, e isso provoca uma relação que não pode ser neutra, mas marcada por atitudes, sentimentos e juízos de valor por parte dos falantes, seja em relação ao outro e à sua fala, ou em relação a eles mesmos e à própria fala.

3.2 IDENTIDADE LINGUÍSTICA

Referindo-se à atitude e identidade, Aguilera (2008) destaca que a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, característica que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. Da mesma forma, Tabouret-Keller (2007) e Appel e Muysken (2005) ressaltam que a língua não é apenas um instrumento para a comunicação de mensagens, mas com a língua um grupo distingue-se. O indivíduo cria por si mesmo padrões de comportamento linguístico de forma a assemelhar-se ou distinguir-se aos do seu grupo ou de outros grupos, conforme ele desejar. De acordo com Appel e Muysken (2005, p. 11), “as normas culturais e valores de um grupo são transmitidos por sua língua. Sentimentos do grupo são enfatizados usando língua própria do grupo, e os membros do grupo externo são excluídos de suas operações internas.”³⁸

Appel e Muysken (2005, p. 12) afirmam que tudo o que diferencia um grupo de outro grupo constitui a identidade do grupo. Embora não existam critérios fixos, um grupo é considerado um grupo étnico com uma identidade étnica específica quando é suficientemente distinto de outros grupos. Tabouret-Keller (2007) destaca que a identidade de uma pessoa é um conjunto heterogêneo e, ao longo da vida, ela é infinitamente criada de novo, de acordo com os vários contrastes sociais (históricos, institucionais, econômicos, etc.) e interações sociais que podem acontecer, fato esse muito subjetivo e único.

Tabouret-Keller (2007) afirma que atos de linguagem são atos de identidade e destaca que “a ligação entre língua e identidade é muitas vezes tão forte que um único recurso de sufixos pode ser usado para identificar a adesão de alguém em um determinado grupo.”³⁹ (TABOURET-KELLER, 2007, p. 215) O autor apresenta duas razões principais que explicam a estreita ligação entre língua e identidade. A primeira pertence à psicologia humana, que são

³⁸ No original: *With its language a group distinguishes itself. The cultural norms and values of a group are transmitted by its language. Group feelings are emphasized by using the group's own language, and members of the outgroup are excluded from its internal transactions.*

³⁹ No original: *The link between language and identity is often so strong that a single feature of language use suffices to identify someone's membership in a given group.*

os processos de identificação, e a segunda reside na ligação com a constituição, ou seja, pela lei. Estados-nação modernos intervêm na união idealizada da língua e da identidade. Forçam uma língua sobre os seus cidadãos, seja pela definição de uma constituição oficial nacional ou língua oficial, ou de outras maneiras, como o controle sobre a língua para a educação escolar, por lei, etc. Destaca-se que na época da imigração a nação polonesa não estava definida, não existia. Assim, a língua, ou melhor, a escolha linguística é uma das manifestações mais visíveis da identidade, e é a mais suscetível à mudança e decadência, pois quando grupos minoritários desejam integrar – ou integram - na sociedade uma função regular, a língua materna diária diminui.

Giles e Johnson⁴⁰ (1987 apud Vandermeeren, 2005) adotam o ponto de vista de que o comportamento linguístico é um importante marcador de identificação de um falante com um grupo étnico. Para os autores, os membros do grupo étnico que valorizam sua língua como um importante símbolo de identidade e que se identificam fortemente com seu grupo, estão propensos a manter as duas línguas, enquanto que para outros membros, para quem a língua do grupo não é um importante marcador de identidade e que se identificam apenas moderadamente ou fracamente com o grupo interno, estão menos propensos a manter os recursos de línguas distintas. A conclusão a que se chega é que “as atitudes linguísticas são muito sensíveis à *identidade etnolinguística*”.⁴¹

Vandermeeren (2005, p. 1321) ressalta que os falantes podem ter, subjetivamente, o compromisso de uma associação a um grupo etnolinguístico, ao qual ele está associado (pelo nascimento) ou associação em um grupo por opção. Assim, a sensação do falante de pertencer a um grupo linguístico pode ser inteiramente subjetivo. Fishman (1998) destaca ainda que a ligação entre língua e etnia é variável, pois para alguns a língua é o principal indicador de expressão de sua etnia e a do outro, enquanto para outros, a língua é opcional.

Esse fato fica perceptível nas pesquisas de Krug (2004) e Scholtz (2014). Krug (2004) verificou o papel da língua na formação da identidade e etnicidade dos grupos étnicos de imigrantes em Imigrante/RS, uma comunidade rural, multilíngue em português, italiano (variedade vêneta) e alemão (variedades *vestfaliana* e *hunsrückisch*) e os resultados constataram que a língua é um dos principais fatores de identificação entre alemães, italianos e luso-brasileiros. Porém Scholtz (2014) ao pesquisar a identidade e o comportamento linguístico de descendentes de poloneses e ucranianos em duas comunidades do Paraná,

⁴⁰ GILES, Howard. JOHNSON, Patricia “Ethnolinguistic identity theory: A social psychological approach to language maintenance”, in: *International Journal of the Sociology of Language* 68, 69–99, 1987.

⁴¹ No original: *attitudes are very sensitive to ethnolinguistic identity*.

concluiu que os descendentes se identificam mais por serem descendentes de poloneses/ucranianos do que pela língua.

3.3 CONTATOS LINGUÍSTICOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Raso, Mello e Altenhofen (2011) ressaltam que a história do Brasil, após a chegada do homem branco é uma história de contatos linguísticos. Nos mais de cinco séculos que seguem após o descobrimento, conviveram no território brasileiro, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, africanas, asiáticas e europeias. Margotti (2004) também destaca que a população brasileira é constituída da miscigenação dos índios, negros e todas as etnias que para aqui imigraram. A um nível maior, Calvet (2002, p. 27) destaca que “o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se margeiam, se superpõem continuamente.” Assim, o plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato.

Assim, somos um país pluricultural e multilíngue, pelas línguas aqui faladas, mas também pela diversidade interna da língua portuguesa. Segundo Margotti (2004), não existe uma etnia dita brasileira, assim, pode-se dizer que não existe uma única língua brasileira. “Além das variantes regionais, sociais e estilísticas do português do Brasil, como língua comum e oficial, a presença de etnias diversas resultou num quadro variado de línguas, falares, dialetos que convivem lado a lado com a língua oficial.” (MARGOTTI, 2004, p. 45)

Dessa forma, os autores Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 13) destacam que se a língua teto, “foi o português, essa língua conviveu e ainda convive em lugares de domínio do repertório com muitas outras; e o próprio português do Brasil mudou em grande parte pelas influências de línguas diferentes, pertencentes a famílias muito distantes”. Isso se deve, segundo Margotti (2004), ao fato de que, além das imigrações externas, ocorreram no país migrações internas no processo de ocupação de novas áreas no final do século XIX e início do século XX. Por isso, para perceber o real conjunto de relações linguísticas do Brasil é necessário perceber a influência das línguas de imigração. Elas são muito representativas histórica, demográfica, sociocultural e geograficamente, principalmente na metade Sul do País. Ferraz (2007) destaca que a grande maioria das línguas existentes no mundo são consideradas como sendo línguas minoritárias, que são

aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial. (FERRAZ, 2007, p. 45)

Segundo o mesmo autor, estas são línguas distintas, que coexistem em uma “mesma comunidade nacional, estando o português, língua majoritária, a conviver não só com as línguas indígenas, mas também com as línguas de imigrantes que aqui se fixaram”. (FERRAZ, 2007, p. 45)

Silva (2011) destaca que o contato entre línguas é um fenômeno comum que faz parte da história linguística e social da maioria das fronteiras nacionais e nem sempre coincide com as fronteiras linguísticas ou com os processos de imigração e com a colonização de outros países. Sendo assim, o resultado do contato depende do tipo de relação que as respectivas comunidades estabelecem entre si e da duração do contato. Mota⁴² (1996 apud Silva, 2011) ressalta que de uma situação inicial de contato, e de acordo com as condições em que se desenvolve, pode surgir dois cenários:

(i) de bilinguismo, que implica a aquisição de uma segunda língua e a manutenção da primeira com influências de uma sobre outra; (ii) de abandono progressivo (em certos extremos, abruptos) ou deslocamento da primeira língua em favor da adoção da segunda como única língua da comunidade. (MOTA, 1996 apud SILVA, 2011, p.16).

Estes dois cenários que surgem a partir dos contatos linguísticos serão abordados abaixo, porém destacamos que estas não são as únicas possibilidades. Existem outras que não serão aqui detalhadas.

3.3.1 Bilinguismo

Como consequência do contato linguístico, Silva (2011) destaca que o movimento migratório é uma das principais causas para o bilinguismo, pois proporciona o inter-relacionamento entre as pessoas que usam línguas diferentes em seu cotidiano. Grosjean⁴³ (1982 apud Silva, 2011) descreve que a razão para o bilinguismo é simples: um grupo de imigrantes passa a residir em um país cujas línguas são diferentes, e como há necessidade de comunicação entre os grupos, em muitos casos os imigrantes adquirem a língua do país acolhedor, assim, em pouco tempo as pessoas tornam-se bilíngues, pois a língua de origem continua sendo falada entre familiares (pelo menos por algum tempo), enquanto a língua da comunidade local é adquirida para o uso nas demais interações.

⁴² MOTA, Maria A. C. *Línguas em contato*. In: FARIA, Isabel H.; PEDRO, Emília R.; DUARTE, Inês e GOUVEA, Carlos A.M. (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho (Coleção Universitária, série Linguística), 1996.

⁴³ GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1994. p. 1656-1660.

Inicialmente, ao pensarmos em bilinguismo, parece ser um tema fácil de conceituar. Wolschick (2016) ressalta que o conceito de bilinguismo que reside na mente da maioria das pessoas é o de um indivíduo que fala duas línguas. Porém, não há apenas uma definição para bilinguismo. Até estudiosos do tema, discordam em alguns pontos.

Hamers e Blanc (2004) destacam que na visão popular, ser bilíngue é ser capaz de falar duas línguas perfeitamente, e essa também é a definição de Bloomfield (1933)⁴⁴, para o qual o indivíduo bilíngue precisa ter “um controle de línguas semelhante à do nativo”⁴⁵ (BLOOMFIELD, 1933 *apud* ROMAINE, 1995, p.11). Haugen⁴⁶ (1953, p. 7 *apud* Romaine, 1995) apresenta a posição oposta e destaca que bilíngue é qualquer indivíduo capaz de produzir enunciados significativos e completos em duas línguas. Também Macnamara⁴⁷ (1969 *apud* Hamers e Blanc, 2004) descreveu o bilinguismo como sendo a habilidade mínima de falar, ouvir, ler ou escrever, ou seja, que apresente uma mínima competência em apenas uma das quatro habilidades, numa língua não-materna.

Auer⁴⁸ (1984 *apud* Oliveira, 2006) sugere que o fator que torna uma pessoa bilíngue não é a proficiência, mas o uso de duas línguas em atos comunicativos. Weinreich (1953) ressalta que a prática do uso alternativo de duas línguas é chamado bilinguismo e as pessoas envolvidas, bilíngues.

Já Mackey (1972, p 555) afirma que o bilinguismo é relativo, visto que é arbitrário ou impossível determinar o ponto exato em que o falante de uma segunda língua torna-se bilíngue. Assim, o autor considera o bilinguismo como o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo. E, ainda apresenta quatro questões para descrever os indivíduos bilíngues: grau, função, alternância e interferência, como descrevemos abaixo.

O grau de bilinguismo refere-se à proficiência, ao conhecimento do indivíduo sobre as línguas em questão, ou seja, o quanto o indivíduo conhece a língua que usa, e em quais habilidades ela é usada. O autor destaca que o bilíngue pode não ter o mesmo domínio em todos os níveis linguísticos, visto que o indivíduo pode ter, por exemplo, um vasto vocabulário, mas uma má pronúncia, ou uma boa pronúncia, mas uma gramática imperfeita.

A função consiste nas situações em que o indivíduo faz uso das línguas, ou seja, para que o falante usa a língua, quando e com que objetivo. Mackey (1972, p. 557-558) ressalta

⁴⁴ BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: H. Holt and Company, 1933.

⁴⁵ No original: *native-like control of two languages* (p. 11)

⁴⁶ HAUGEN, E. *The Norwegian language in America: a study in bilingual behavior*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.

⁴⁷ MACNAMARA, J. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? In: L. G. Kelly (ed.) *Description et mesure du bilinguisme: an international seminar, University of Moncton, June 6-14, 1967*. Toronto: University of Toronto Press, 1969. p. 80-97.

⁴⁸ AUER, P. *Bilingual conversation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

que as funções em que o indivíduo usa as suas línguas podem ser externas e internas. As funções externas são determinadas pelo número de áreas em contato e pela variação de cada uma em duração, frequência e pressão. As funções internas incluem os usos não comunicativos como a fala interna e a expressão de aptidões intrínsecas. A aptidão do indivíduo bilíngue em usar as suas línguas provavelmente será influenciada por fatores como sexo, idade, inteligência, memória, atitudes linguísticas e motivação.

A alternância visa perceber como e com que frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para outra. Para Mackey (1972, p. 568), a função e o grau em que o bilíngue e seus ouvintes dominam ambas as línguas determina a quantidade de alternância de uma língua para outra. A prontidão para a alternância de uma língua para outra depende da fluência em cada língua em suas funções internas e externas. Segundo o autor, o número de vezes que um falante bilíngue alterna de uma língua para outra envolve três fatores, o tópico sobre o qual ele está falando, a pessoa com quem ele está falando e a tensão existente na situação de fala.

A interferência refere-se a como uma língua influencia e interfere na outra, ou seja, até que ponto o falante consegue manter as duas línguas separadas, e até que ponto ele as funde. De acordo com Mackey (1972, p. 569-570), a interferência é a utilização de recursos pertencentes a uma língua ao falar ou escrever outra. Na fala de bilíngues o padrão e a quantidade de interferência não são os mesmos o tempo todo e em todas as circunstâncias. A interferência pode variar de acordo com o meio, o estilo, o registro⁴⁹ e o contexto em que acontece a comunicação.

A partir destas questões de Mackey (1972) é possível perceber que os indivíduos bilíngues se constituem de diferentes níveis e características entre eles. Romaine (1995) ressalta que há mais bilíngues no mundo do que monolíngues, assim, o bilinguismo constitui a norma e não a exceção. Para a autora, o bilinguismo é uma prática a ser cultivada e incentivada, mais que um problema a ser superado.

Hamers e Blanc (2004) distinguem bilinguismo de bilingualidade. O bilinguismo seria também chamado de bilinguismo social, ou seja, a presença de duas ou mais línguas em uma comunidade, enquanto que a bilingualidade seria o uso de duas línguas ou mais por um mesmo indivíduo, conhecido como bilinguismo individual. Os autores Hamers e Blanc (2004), destacam que

o conceito de bilinguismo se refere ao estado de uma comunidade linguística em que duas línguas estão em contato, com o resultado que dois códigos

⁴⁹ Registro é a variedade da língua usada pelo falante de acordo com o seu papel social.

podem ser usados na mesma interação, e que um número de indivíduos é bilíngue (bilinguismo social); mas ele também inclui o conceito de bilinguagem (ou bilinguismo individual). Bilinguagem é o estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como meio de comunicação social.⁵⁰ (HAMERS e BLANC, 2004, p. 6)

Para Grosjean (1994), bilíngues são indivíduos que usam duas (ou mais) línguas (ou dialetos) no dia a dia. Com relação aos dialetos, ou variedades, e a partir da orientação de Coseriu (1982, p. 16) de que ninguém fala o português, o alemão, o espanhol, mas o que se fala é sempre uma forma determinada do português, do alemão, do espanhol, os conceitos de bilinguismo e plurilinguismo se ampliam, e Altenhofen (2013), no plano variacional, destaca que o que efetivamente entra em contato são variedades de uma língua, ou seja, indivíduos bi ou plurilíngues na própria língua, denominados pelo autor, de indivíduos plurivarietais, além de indivíduos plurilíngues entre línguas distintas. Assim, não há entre bilíngues em variedades/dialetos uma diferença sistêmica, que justifique considerar uns como bilíngues e outros não. O que domina aqui é o status sócio-histórico das línguas e respectivas variedades como subsistemas historicamente vinculados a uma determinada língua. Nesse plano, Altenhofen e Margotti (2011, p. 297) acrescentam que “nenhum bilíngue é igualmente bilíngue, pois o grau de proficiência em L1 e L2 e as habilidades de uso dessas línguas variam [...]”.

3.3.2 Manutenção e substituição linguística

Muitos grupos e línguas se tornam minorias ou minoritários através da migração para uma área onde outro grupo e outra língua são dominantes. De acordo com Pertile (2009, p. 38), “no transcorrer da história, sempre houve línguas que se impuseram, quer cultural ou economicamente sobre outras”. Assim, a colonização de um país acontece com a imposição da língua do colonizador. Em processos de imigração, comunidades falantes de línguas distintas da oficial do país que as recebe têm uma acentuada perda linguística.

Dessa forma, percebemos, cada vez mais, que falantes usam a língua majoritária em domínios em que anteriormente falavam a língua minoritária. Conforme Appel e Muysken (2005), os falantes adotam a língua majoritária como seu veículo regular de comunicação, porque acreditam que falar essa língua lhes possibilita melhores condições de ascensão social

⁵⁰ No original: *The concept of bilingualism refers to the state of a linguistic community in which two languages are in contact with the result that two codes can be used in the same interaction and that a number of individuals are bilingual (societal bilingualism); but it also includes the concept of bilinguality (or individual bilingualism). Bilinguality is the psychological state of an individual who has access to more than one linguistic code as a means of social communication.*

e econômica. Garrett (2012) ressalta que, quando ocorre a mudança de uma língua para outra, uma comunidade substitui de forma eficaz, não necessariamente consciente ou intencionalmente o uso de uma língua em favor de outra.

Fishman (1991) destaca que as línguas nativas – e nós incluímos aqui também as línguas de imigração – estão ameaçadas porque a sua continuação entre as gerações decorre de forma negativa, tendo cada vez menos usuários. Esta, de acordo com Garrett (2012) é geralmente a língua que tem servido a comunidade desde os tempos passados, como língua vernácula e identidade étnica. Porém, ao deixar de ser adquirida e utilizada em situações do cotidiano pelos membros das gerações seguintes, ela pode ser perdida completamente. Enquanto isso, a língua para a qual a comunidade está mudando, é na maioria dos casos, uma língua de comunicação que oferece alguma vantagem significativa para aqueles que a falam. Dependendo das circunstâncias, essa vantagem pode ser a simples sobrevivência, assim como o avanço socioeconômico, político, prestígio social, ou alguma combinação destes.

Altenhofen (2004a) também menciona que

a substituição da língua de imigrantes pelo português dá-se lentamente, por meio não de leis mas dos mecanismos sociais que ganham impulso com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, conseqüentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos. Esse processo segue até hoje, em ritmo cada vez mais acelerado. (ALTENHOFEN, 2004a, p. 84).

Appel e Muysken (2005), assim como Kersch (2011) destacam que a vitalidade do grupo garante as chances de sobrevivência de uma língua. Assim, em relação à língua minoritária, a alta vitalidade leva à manutenção (pelo menos por mais tempo), enquanto que a baixa vitalidade resulta na mudança para a língua majoritária, visto que a vitalidade refere-se ao número de domínios, ou seja, às territorialidades⁵¹ em que determinada língua é usada. E quando a língua é falada em menos territorialidades, seu valor diminui e com isso diminui a motivação dos jovens em aprender e usar a língua minoritária.

São mencionados vários dos fatores que se destacam na manutenção ou substituição linguística. Estes são apresentados por Appel e Muysken (2005) e separados em três conjuntos de fatores por Dorian (2004): fatores de status (fatores econômicos, sociais e sócio-históricos, status dentro e fora do grupo), fatores demográficos (proporção da população em geral, a concentração da população minoritária, taxa de natalidade, etc.) e de apoio e controle de fatores institucionais (uso de meios de comunicação, educação, serviços governamentais,

⁵¹ Altenhofen (2011) define territorialidade como o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística.

indústria, religião, cultura e política). Esses fatores contribuem para que a população minoritária mantenha ou substitua sua língua.

Já Corbari (2012) ressalta que inúmeros falantes de várias línguas e dialetos crescem acreditando nas avaliações da língua e do comportamento linguístico, de que as suas formas de comunicar, que constituem um aspecto fundamental da sua identidade são inadequadas, e muitos falantes acabam tendo vergonha do modo como falam, e muitas vezes se tornam alvo de gozações por carregarem marcas linguísticas da língua minoritária, o que pode colaborar para o abandono desta em favor da língua majoritária.

Dorian (2004) destaca as hierarquias de poder e prestígio que existem entre as línguas que coexistem de forma interativa dentro de uma região, o que reflete as hierarquias de poder e prestígio entre os grupos de falantes, sendo que a língua oficial adotada pelo Estado, sempre confere vantagens ao idioma em questão, e deixa em desvantagem outros idiomas que não tem apoio institucional. Quando as populações percebem que a língua oficial do estado confere maiores vantagens em termos de acesso à educação, emprego, participação política e serviços do Estado, inicia-se o processo de mudança. Dessa forma, também os pais que sofreram sanções sociais ou desvantagens educativas e profissionais através do conhecimento limitado da língua oficial, decidiram não transmitir a língua minoritária aos seus filhos. A autora destaca ainda que é incomum manter o bilinguismo quando há presença e oportunidade de acesso à língua dominante que motivam a mudança a seu favor.

Pertile (2009), assim como Appel e Muysken (2005), destacam que a mudança linguística em grupos de imigrantes tem como bilíngues a primeira geração (nascida no país de origem), mas a língua minoritária é dominante, a segunda geração é bilíngue e uma das línguas prevalece, a terceira geração é bilíngue com predominância da língua majoritária, e a quarta geração só tem domínio da língua majoritária. Esses falantes que não chegaram a falar a língua dos pais, Pertile os denomina como “bilíngues passivos”, ou seja, tiveram o contato com a língua de origem, mas não aprenderam a falar. Porém, Appel e Muysken (2005, p. 40-41) destacam que

a mudança linguística ocorre de forma gradual da “nova forma” de um certo domínio. A língua A (ou variante A) nunca é substituída de repente pela língua B (ou variedade B), mas o uso da língua torna-se variável, ou seja, A e B são ambos usados no mesmo contexto social. Após essa etapa, o uso da variável B torna-se categórico. (APPEL e MUYSKEN, 2005, p. 40-41)⁵²

⁵² No original: *Linguistic change takes place by the gradual spread of the 'new form' in a certain domain. Language A (or variant A) is never replaced suddenly by language B (or variant B), but language use becomes variable, i.e. A and B are both used in the same social context. After this stage of variable use, the use of B will become categorical.*

Bright (1998) destaca que a língua está sempre mudando, e ela muda de diferentes maneiras em diferentes lugares. O autor destaca alguns tipos de mudanças. Uma delas é o processo de padronização, em que uma língua é apresentada como oficial para toda a área multidialetal e multilinguística. Porém, quando as línguas entram em contato, o bilinguismo pode tornar-se comum, e podem ser produzidos fenômenos de contatos, como o *code-switching*, o empréstimo de palavras e a assimilação de padrões gramaticais da língua de maior valor social. Outro resultado pode ser a limitação da língua minoritária para contextos sociais mais restritos, até tornar-se obsoleta em alguns locais e mudar completamente em direção à língua majoritária. A fase final é a morte da língua, quando nenhuma comunidade mais fala a língua. E Appel e Muysken (2005) destacam que mesmo que a língua não morra por ainda estar em uso em outro lugar, em determinada comunidade ela é uma língua morta. A comunidade perde assim, um forte símbolo de identidade que irá influenciar consideravelmente as condições psicológicas e sociais. Porém, destacamos que é difícil uma língua morrer por completo. Se não está em uso verbal, a história está atrelada a ela, e assim garante seus direitos ao menos como língua de memória.

Como consequência da perda da língua, Fishman (1991) destaca que

a destruição de uma língua é uma abstração que é concretamente espelhada na destruição concomitante da intimidade da comunidade e da família, através de envolvimento e intrusões nacionais e internacionais, a destruição da vida local pela campanha publicitária do mercado de massa e moda, do fraco pelo forte, do original e tradicional pela uniformização, supostamente elegante e propositadamente efêmera. (FISHMAN, 1991, p. 4)⁵³

Mello (2011, p.144) ressalta que, “historicamente, a mudança ou deslocamento de uma língua em contextos bi(multi)línge tem sido caracterizada pela sequência temporal monolinguismo → bilinguismo → monolinguismo:” a comunidade que já foi monolínge na língua A, torna-se temporariamente bilínge na língua B, dominante, caminha na extinção da língua A, tornando-se novamente monolínge, porém, na língua B.

Em sua pesquisa, Horst (2011) observou que o alemão (especialmente as variedades *hunsrückisch* e *westfaliana*) ainda está significativamente representado no dia a dia da maioria dos indivíduos da comunidade estudada (Colinas/RS). Porém, vários fatores contribuem para que o português se torne cada vez mais presente na fala dos indivíduos. Também Wehrmann (2016) buscou perceber a situação do alemão em duas cidades do estado de Santa Catarina e constatou que o uso do alemão ainda predomina sobre o uso do português, nas duas

⁵³ No original: *The destruction of languages is an abstraction which is concretely mirrored in the concomitant destruction of intimacy, family and community, via national and international involvements and intrusions, the destruction of local life by mass-market hype and fad, of the weak by the strong, of the unique and traditional by the uniformizing, purportedly 'stylish' and purposely ephemeral.*

localidades. Já Bortolotto (2015), que buscou perceber a manutenção ou substituição do *talian* na fala dos ítalo-brasileiros de Chapecó-SC e Pato Branco-PR, concluiu que há uma maior substituição do *talian* pelo português.

3.3.3 Revitalização linguística: cooficialização

Muitas vezes há uma tendência para reverter o processo de substituição linguística, pois algumas pessoas percebem que a língua minoritária está desaparecendo e tentam promover a sua utilização e proficiência, através da revitalização, como destacam Appel e Muysken (2005).

Nesse sentido, Morello (2015) destaca que, assim como os povos indígenas tiveram seus direitos educacionais e culturais garantidos pela Constituição Federal de 1988, “ganham destaque no Brasil, duas políticas linguísticas extremamente inovadoras, voltadas ao conhecimento e reconhecimento das línguas brasileiras: a Cooficialização de Línguas (Decretos Municipais), e a política do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (Decreto Federal nº. 7.387/2010).”

Segundo Oliveira (2015), a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos⁵⁴ atribuía direitos a todas as línguas de comunidades linguísticas, independente de classificações como oficial/não-oficial; majoritária/minoritária; escrita/ágrafa; etc. A oficialização de línguas é um ponto importante para a promoção social dos grupos que as falam, visto que a manutenção sem estatuto oficial é um poderoso instrumento para a subjugação desta comunidade linguística. Quanto à oficialização e cooficialização de uma língua, o autor destaca que

Oficializar uma língua significa que o estado reconhece sua existência e reconhece aos seus falantes a possibilidade de não terem que mudar de língua sempre que queiram se expressar publicamente ou tratar de aspectos da sua vida civil e que possam utilizar as suas línguas para a produção de conhecimento de que necessitam para as suas vidas e para deixar a sua contribuição epistemológica específica à história humana. *Cooficializar* uma língua, por sua vez, significa que ela se torna oficial ao lado de outra língua que já goza do estatuto de oficialidade, como é o caso da língua portuguesa no Brasil. Ambas, assim, são línguas oficiais, com igualdade de possibilidades de acordo com a letra da lei. (Oliveira, 2015, p. 26 e 27)

Dessa forma, a oficialização de línguas pode ser vista como uma oportunidade pelas comunidades brasileiras falantes de línguas de imigração, como o pomerano, o *hunsrückisch*,

⁵⁴ A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos é um documento que visa apoiar o direito linguístico, especialmente os de línguas ameaçadas de extinção.

o *talian*, entre outras que se estabeleceram no Brasil desde o século XIX, que além de não contar com nenhum reconhecimento do Estado, passaram por uma forte repressão no passado. Essas línguas já são cooficiais em alguns municípios, inclusive Nova Erechim/SC, nosso ponto de pesquisa, tem o *talian* como língua cooficial.

3.4 TERMOS DE PARENTESCO

Quanto à origem do parentesco, Bourguignon⁵⁵ (1989 apud Horst, 2011) destaca que os sistemas de parentesco são uma criação humana, porém seus fundamentos já existiam entre os primatas.

Ghasarian (1996) destaca que ligadas ao parentesco, estão as estruturas sociais e o funcionamento das sociedades tradicionais, visto que a organização do parentesco coincide com a organização econômica, política e social. O autor destaca que as pessoas precisam ter parentes para sobreviver na sociedade, os indivíduos necessitam constituir grupos de cooperação e estes normalmente são constituídos com base no parentesco, que de acordo com Horst (2011) origina ajuda mútua e, conseqüentemente, gera apoio e segurança. Batalha (1995, 2003) também ressalta que as relações de parentesco são a principal forma de organização social.

Assim, Ghasarian (1996) complementa que nas sociedades humanas, os indivíduos recebem os primeiros elementos do seu estatuto e da sua identidade social através do parentesco, visto que uma pessoa sem parentes não tem posição social. E ressalta ainda que o parentesco continua sendo importante nas sociedades industrializadas, assim como foi nas sociedades tradicionais, principalmente no que se refere aos sentimentos. Dessa forma a separação entre parentes e não-parentes é fundamental nas sociedades tradicionais, uma vez que essa é a forma de diferenciar uns dos outros.

Segundo Ghasarian (1996), os grupos sociais fundamentam-se no parentesco real (sanguíneo) e fictício (por adoção) e nas relações de aliança. Assim, a consanguinidade cria laços profundos, porém, em muitas sociedades, a adoção é tão importante quanto o parentesco sanguíneo. Geckeler⁵⁶ (1973 apud Horst, 2011), assim como Ghasarian (1996), ao considerarem o tipo de parentesco, deparam-se com o parentesco sanguíneo e por aliança. O primeiro grupo envolve laços sanguíneos, mesmo que distantes, e o segundo é a relação pelo

⁵⁵ BOURGUIGNON, André. *L'Homme Imprévu. Histoire Naturelle de l'Homme*. Paris: Presses universitaires de France. 1989.

⁵⁶ GECKELER, Horst. *Strukturelle Semantik des Französischen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. 1973.

casamento, quando o integrante de uma família origina um novo grupo de parentes. Batalha (1995) usa os termos filiação e afinidade. A filiação traduz a relação consanguínea, enquanto a afinidade traduz a relação de parentesco estabelecida entre dois grupos sociais distintos, através do casamento, o qual não significa apenas a ligação entre duas pessoas, mas também dos grupos a que pertencem. Fortes⁵⁷ (1969 apud Batalha, 1995) aplica o termo filiação para designar relações dentro da família nuclear (pais-filhos-irmãos) e o termo descendência a relações que se estendem por mais de duas gerações (netos-avós). Porém, Ghasarian (1996) destaca que a filiação não é obrigatoriamente biológica, mas é acima de tudo, social.

Galvão (2006, p. 96) ressalta que parentes consanguíneos são os indivíduos ligados pelo sangue, ou melhor, descendentes do mesmo ancestral ou participantes da mesma árvore genealógica. E Geckeler (1973 apud Horst, 2011) destaca as relações possíveis entre parentes sanguíneos, das quais surgem os seguintes termos: pai, mãe, irmão, irmã, neto, neta, avô, avó, tio, tia, primo, prima, sobrinho, sobrinha, bisneto, bisneta, bisavô e bisavó. Também podemos ter: padrasto, madrastra, enteado e enteada.

O casamento, que é a união de duas pessoas por laços matrimoniais de cunho civil ou religioso, é conhecido como parentesco por aliança, que faz com que os contraentes aumentem a sua parentela. A partir da proibição do incesto, em 3000 a.C. surgiu uma nova ordem (Lévi-Strauss, 1982), pois com a exogamia os grupos humanos passaram a se relacionar, deixando de lado as relações naturais da consanguinidade e adotando as relações culturais da aliança. Geckeler (1973 apud Horst, 2011) destaca que o parentesco por aliança faz surgir um número ainda maior de relações e destas surgem os termos: marido, mulher, sogro, sogra, cunhado, cunhada, genro, nora.

O casamento no Brasil, conforme o Código Civil Brasileiro⁵⁸ é monogâmico, e somente pode realizar-se entre um homem e uma mulher⁵⁹. Com o passar dos tempos, conforme Horst (2011), as uniões consensuais estão tomando o lugar do casamento oficial que teve como causas a praticidade e a liberdade, o que fez surgir um número significativo de famílias do tipo recomposta, que segundo Lobo (2005, p. 91) são famílias “saídas de uniões sucessivas e que integram pais, filhos, padrastos, enteados, avós, irmãos, meio-irmãos.” O autor destaca que o número de recasamentos se elevou com o aumento dos divórcios, aumentando o número de famílias recompostas.

⁵⁷ FORTES, Meyer. *Kinship and the Social Order: The Legacy of Henry Morgan*. Chicago: Aldine. 1969.

⁵⁸ Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm, acessado em 27/06/2016.

⁵⁹ Em 2013, foi aprovada a Resolução nº 175 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/resol_gp_175_2013.pdf, acessado em 27/06/2016.

Com o processo migratório, surgiram muitas estratégias familiares e individuais e mudanças nas relações intrafamiliares. Machado⁶⁰ (1997 apud Horst, 2011) registrou na primeira geração de descendentes no Brasil a endogamia étnica absoluta. Com o passar dos anos observou-se uma ruptura dessa endogamia étnica, onde foram sendo registrados a cada ano um maior número de casamentos exogâmicos, assim como o desenvolvimento econômico, urbano e social.

Dentro do parentesco fictício encontra-se o parentesco espiritual, definido pela igreja. Nacif (2013) menciona que os pais biológicos não poderiam ser também os espirituais, dessa forma, Goldschmidt (2004) destaca que os parentes espirituais são os padrinhos, madrinhas, afilhados e compadres que se dão no momento do batismo e da confirmação. Segundo Ghasarian (1996), o padrinho e a madrinha são o homem e a mulher escolhidos pelos pais biológicos, que seguram na criança durante a cerimônia do batismo cristão. Posteriormente, eles têm a obrigação de tomar conta da criança, em caso de morte dos pais naturais. Assim, com o batismo, geram-se dois sistemas de relações, do apadrinhamento e do compadrio. Fukui⁶¹ (1979 apud Horst, 2011, p. 30) ressalta que

a escolha dos parentes espirituais está relacionada com o estreitamento das relações, por um lado, dentro da própria família, como por exemplo, com o cunhado ou primos; mas também com os vizinhos, uma vez que estes, pela proximidade de residência, podem passar a ter contatos mais frequentes em virtude deste laço espiritual que surge entre eles, por ocasião do batismo.

Sobre a terminologia e os sistemas de parentesco, para Ghasarian (1996), a terminologia é uma verdadeira linguagem que classifica os parentes em categorias e subcategorias. Ao aprender os termos de parentesco, a criança aprende a comportar-se de uma maneira apropriada relativamente às pessoas a quem esses termos se aplicam. O termo de parentesco é, na prática, uma etiqueta sobre a qual se pode apor um comportamento.

3.5 O MODELO TEÓRICO DA DIALETOLÓGIA PLURIDIMENSIONAL

Neste capítulo, abordaremos algumas considerações sobre a “ciência da variação linguística” (Thun, 2010a), analisando as diferenças existentes entre os modelos teóricos da Sociolinguística e da Dialetologia Monodimensional. Em seguida será destacada a

⁶⁰ MACHADO, Cacilda da Silva. *A família e o Impacto da Imigração (Curitiba, 1854-1991)*. In: Ver. Brasileira de História. Vol 17, n. 34. São Paulo. 1997

⁶¹ FUKUI, Lia Freitas Garcia. *Sertão e bairro rural: parentesco e família entre sitiantes tradicionais*. São Paulo: Ática. 1979.

Dialetologia Pluridimensional e, a partir da perspectiva desta, serão abordadas suas dimensões e parâmetros.

3.5.1 Dialetologia Tradicional e Sociolinguística

A ciência da variação linguística iniciou com a Dialetologia Monodimensional, que compreendia somente os dialetos “puros”, entendidos como a variedade de uma determinada região, era vista como mais conservadora e próxima da origem cultural e linguística do respectivo grupo de fala, ou seja, priorizava a variação diatópica e a fala rural mais conservadora. É também chamada de Dialetologia Tradicional ou Areal. O registro dos “dialetos puros”, mais próximos de um dialeto “original” eram encontrados nos depoimentos de um único grupo de informantes que era homogêneo, constituído por “velhos, de nível sociocultural baixo, habitantes de zonas rurais, com movimento restrito no espaço e com poucos contatos com pessoas de fora”⁶². (THUN, 1998, p. 702) Os princípios da Dialetologia Monodimensional regeram os seguintes atlas linguísticos, dentre muitos outros: o *Atlas linguístico da Alemanha*⁶³ (DSA – 1888-1923 – Atlas Linguístico da Alemanha), do alemão Georg Wenker e o *Atlas linguístico da França*⁶⁴ (ALF – 1902-1910), do suíço Jules Guillieron. (THUN, 2010b).

A Sociolinguística surge a partir de 1964, distanciando-se da dialetologia monodimensional, após críticas a esta que envolvia somente informantes homogêneos que viviam em um “mundo rural em vias de desaparecimento, a exclusão das mulheres, dos jovens, das camadas sociais não camponesas, etc.”. (THUN, 2009, p. 534) A sociolinguística desenvolve assim, uma teoria que busca o registro da variação linguística a partir da observação de diferentes tipos de variações não relacionadas ao espaço geográfico, mas considerando as diferentes variáveis extralinguísticas, como idade, gênero, classe social, etc. Destacam-se aqui os estudos de Labov.

A sociolinguística, ao mesmo tempo em que enriquece os estudos, ao inserir as variáveis linguísticas, reduz o espaço de análise (diatopia) estudado pela dialetologia monodimensional. Dessa forma, Thun (1998) afirma que “a dialetologia areal, monodimensional por tradição majoritária, mas não por necessidade intrínseca, é uma sociolinguística (e pragmática) limitada” e “a sociolinguística, multidimensional por tradição,

⁶² No original: *ancianos, de nivel sociocultural bajo, habitando zonas rurales, con restringido movimiento en el espacio y con pocos contactos con los de afuera*

⁶³ *Deutscher Sprachatlas*.

⁶⁴ *Atlas Linguistique de la France*.

mas relutante ao espaço, é uma dialetologia limitada”⁶⁵. (THUN, 1998, p. 702). Ou seja, do ponto de vista da sociolinguística, a dialetologia tradicional reduz as inúmeras variáveis sociais a um único ponto, e do ponto de vista da dialetologia tradicional, a sociolinguística reduz a dimensão de área a um ponto. (Thun, 2010b)

A partir dos modelos expostos e suas respectivas características surge o modelo da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998; 2010), apresentada a seguir.

3.5.2 Dialetologia Pluridimensional e Relacional

Visto que a dialetologia tradicional se restringe exclusivamente à variação diatópica sem considerar as variáveis linguísticas e que a sociolinguística aborda as diferentes variáveis extralinguísticas em apenas um determinado espaço, a dialetologia pluridimensional e relacional procura suprir as lacunas existentes nessas duas diferentes abordagens ao analisar as diferentes variáveis extralinguísticas em diversos pontos ou localidades de pesquisa (THUN, 1998; 2010b).

Dessa forma, a dialetologia pluridimensional e relacional busca constituir uma ciência da variação linguística ampla, corrigindo as deficiências da geolinguística tradicional. Ela é, de acordo com Thun (1998, p. 704) uma geolinguística ampliada composta pela Dialetologia areal e pela Sociolinguística e entendida como uma parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades por um lado e falantes por outro. Assim, a Dialetologia Pluridimensional, considerada por Thun (2010b) como uma sub-disciplina da ciência geral da variação linguística, além da fusão metodológica da dialetologia tradicional e da Sociolinguística, envolve aspectos e técnicas para analisar as línguas em contato. Thun (2010b) destaca que essa expansão parece particularmente necessária no Novo Mundo, onde a paisagem linguística, desde a chegada dos europeus, foi moldada por contatos entre múltiplas culturas e línguas.

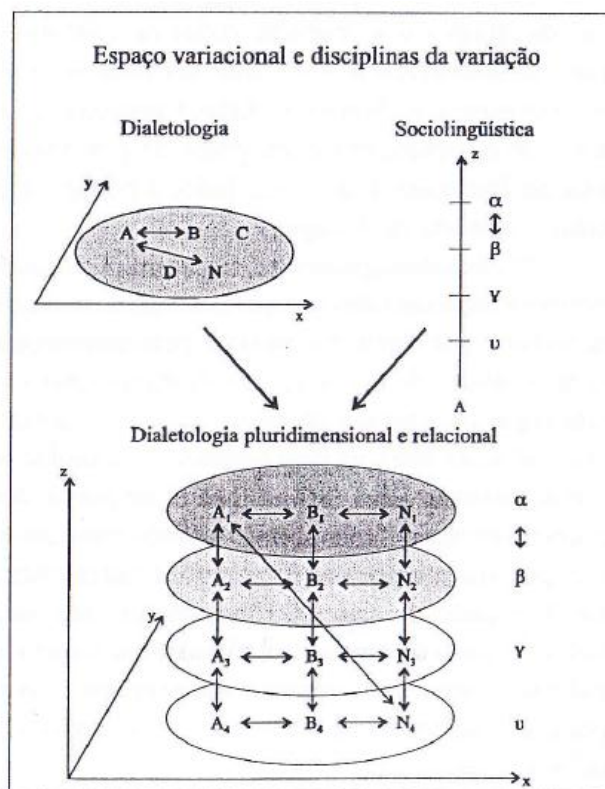
Os três modelos descritos são ilustrados na figura 4, de Thun (1998, 2005). À esquerda encontra-se o esquema da dialetologia monodimensional, no qual apenas a fala de um determinado tipo de sujeito é estudada em diversos pontos de pesquisa. À direita está o modelo da sociolinguística, no qual as variáveis são analisadas em um único local de coleta. E abaixo está o modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, que compreende o espaço

⁶⁵ No original: *la dialectología areal, monodimensional por tradición mayoritaria pero no por necesidad intrínseca, es una sociolingüística (y pragmática) limitada*” y *“la sociolingüística, multi-dimensional por tradición pero reacia al espacio, es una dialectología limitada.*

tridimensional, ou seja, a superfície bidimensional horizontal da Dialetologia e o eixo vertical da Sociolinguística, sendo a Geolinguística ou Dialetologia Pluridimensional também relacional, pois

analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \leftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ($\alpha \leftrightarrow \beta$), mas estuda também os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma superfície ($A_1 \leftrightarrow B_1$ e $A_2 \leftrightarrow B_2$) e as relações entre pontos diagonais ($A_1 \leftrightarrow B_2$). É assim que se podem focalizar grupos que mantêm redes de comunicação e outros que se comparam só tipologicamente. (THUN, 2005, p. 68)

Figura 5: Esquema variacional e disciplinas da variação



Fonte: (Thun, 2005, p. 67)

Com este programa, Thun (1998) destaca que a Dialetologia Pluridimensional se aproxima do ideal da descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e sua relação com os falantes, ressaltando que “a pluridimensionalidade pretende ampliar o marco de percepção dos fatos variacionais e resgatar certos fenômenos do despercebimento” (p. 707)⁶⁶. Dessa forma, enquanto a Dialetologia tradicional compreendia somente os dialetos “puros” e a Sociolinguística compreendia os socioletos, para a Dialetologia Pluridimensional interessam

⁶⁶ No original: *la pluridimensionalidad pretende ensanchar el marco de percepción de los hechos variacionales y rescatar ciertos fenómenos del despercebimiento.*

as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, de formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparadas com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais. (THUN, 1998, p. 706)⁶⁷.

Seguem os princípios da Dialetologia Pluridimensional e Relacional os atlas de contato do Rio da Prata, a chamada “trilogia rio-platense, entre eles estão o *Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU e ADDU-Norte); o *Atlas Linguístico Guaraní-Românico* (ALGR) e o *Atlas Linguístico das Minorias Alemãs na Bacia do Rio da Prata - Hunsrückisch* (ALMA-H). (Thun, 2010b)

3.5.3 Dimensões e parâmetros

Em relação à pluridimensionalidade, princípio que fundamenta o modelo teórico em questão, Thun (1996, 2005) apresenta dimensões e parâmetros que merecem ser explicados:

1. **Dimensão dialingual:** aborda as línguas ou variedades envolvidas no estudo, ou seja, o contato entre as línguas faladas pelos informantes da pesquisa. Thun (2010b, p. 509) destaca que a “geolingüística pluridimensional não exclui dialetos, mas abre campos de observação a todo espectro de variedades que ocupam o espaço linguístico entre o padrão e o subpadrão”.
2. **Dimensão diatópica:** refere-se à descrição dos dados nos diversos pontos de coleta, buscando identificar a variação linguística no espaço. Thun (1996) destaca a dimensão diatópico-cinética, cujos parâmetros de análise podem ser topostáticos ou topodinâmicos. O primeiro restringe-se ao estudo de informantes demograficamente estáveis, enquanto o segundo apresenta uma mobilidade relativa, se ocupa com as migrações.
3. **Dimensão diastrática:** aborda a classe social que para Thun (1996) é determinada pela escolaridade, ou seja, separa os entrevistados em estratos sociais distintos. Assim, geralmente são considerados da Ca os informantes que têm ensino superior completo ou incompleto e Cb os informantes com escolaridade até o ensino médio.

⁶⁷ No original: *las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorías y de mayorías, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastado con el de los grupos topostáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parámetros más.*

4. **Dimensão diageracional:** diz respeito a separação em grupos de acordo com a faixa etária dos informantes, e constitui-se pela geração II (GII) composta por falantes com mais de 55 anos de idade e pela geração I (GI) com falantes entre 18 e 36 anos de idade. Essa dimensão é relevante por permitir observar mudanças linguísticas de uma geração para outra, em tempo aparente⁶⁸.
5. **Dimensão diassexual:** também conhecida como diagenérica, pois enfatiza o significado social de gênero, refere-se ao sexo/gênero, marcando a variação na fala entre homens e mulheres.
6. **Dimensão diafásica:** É também conhecida como variação estilística, refere-se aos diferentes estilos de entrevista, da coleta de dados: leitura, respostas ao questionário e conversa dirigida ou livre. Segundo Thun (1996), a leitura representa o estilo menos espontâneo e de maior autocontrole. A conversa (livre ou dirigida) é mais espontânea dentro do que permite a entrevista. O estilo de respostas encontra-se no meio da escala de espontaneidade. A presente dissertação analisa principalmente os dados coletados no estilo resposta ao questionário.
7. **Dimensão diarreferencial:** compreende os comentários metalinguísticos do informante, que pode ser uma fala “objetiva” ou uma fala metalinguística. Engloba as atitudes e percepções sobre as línguas e variedades.
8. **Dimensão diarreligiosa:** analisa a relevância da confessionalidade religiosa no uso de uma determinada língua ou variedade.

Altenhofen (2004) ressalta que a pluridimensionalidade multiplica consideravelmente a quantidade de dados e os “cruzamentos” que se deve e se pode fazer entre as dimensões. Dessa forma é necessário selecionar quais serão analisadas. Existem dimensões que segundo Thun (1998, 1999) constituem os quatro grupos “padrão” ou *standar* definidos pelo critério sociocultural ou diastrático (escolaridade formal) e pelo critério da idade ou diageracional. Estes estão representados na cruz elaborada por Thun (1996, 1999), que é uma opção de apresentação gráfica dos dados em mapas ou quadros para a análise de dados. A cruz possui quatro compartimentos ou células sociais, formados por um eixo horizontal e outro vertical,

⁶⁸ O *tempo aparente*, de acordo com Tarallo (1999) consiste em um recorte transversal da amostra sincrônica em diferentes faixas etárias dos informantes. No presente trabalho serão abordadas duas faixas etárias: GII (informantes com 55 anos ou mais) e GI (informantes entre 18 e 36 anos de idade), coexistindo no mesmo tempo sincrônico. Enquanto que a análise em *tempo real*, segundo Labov (1996, p. 138) consiste em observar uma comunidade de fala em dois pontos discretos no tempo. É necessário acumular dados em tempo real. Uma forma mais simples e eficiente é buscar a bibliografia da comunidade em questão e comparar os dados antigos com os atuais. Outra forma de aproximação é muito mais difícil e elaborada, consiste em voltar na comunidade depois de um longo tempo e repetir o mesmo estudo.

nos quais se distribuem os grupos socioculturais e geracionais, como apresenta a figura abaixo:

Figura 6: Esquema da cruz

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

Fonte: Thun (2010a, p. 709)

Segundo Thun (1998, 2010b), a seção superior é reservada para a classe sociocultural mais elevada e a seção inferior para a classe sociocultural mais baixa. A seção da esquerda é destinada para as pessoas mais velhas (GII) e a seção da direita para a geração mais jovem (GI). Essa técnica de apresentação de dados é exigida pelos atlas que são produzidos a partir da pluridimensionalidade.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo principal que orienta esta pesquisa consiste em identificar as crenças e as atitudes linguísticas dos polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC nas dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual, além de verificar se existem relações entre crenças e atitudes. Para responder a esse objetivo faz-se necessária uma pesquisa de campo, nas duas localidades mencionadas, com a aplicação de um questionário que busca levantar dados metalinguísticos (anexo 2) através das crenças, percepções e convicções dos falantes bilíngues com relação às suas línguas, e outro questionário lexical (anexo 3), sobre os termos de parentesco, para perceber as atitudes linguísticas através da manutenção dos termos em *Pol.* ou a substituição por termos em *Pt.*-RS. Também são consideradas informações anotadas em caderno de campo.

Assim, este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados. Inicialmente serão apresentadas as dimensões de análise utilizadas na pesquisa e a descrição dos informantes. Posteriormente serão explicados os procedimentos da coleta, seleção, descrição e análise dos dados.

4.1 DIMENSÕES ANALISADAS

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun 1996, 2005, 2010b), apresenta uma série de dimensões e parâmetros. Buscando garantir a exequibilidade da pesquisa foram selecionadas para a análise as dimensões padrão (diastrática, diageracional e diassexual) nos dois tópicos de pesquisa, Áurea/RS e Nova Erechim/SC (diatópica). Também a dimensão diafásica constitui o questionário, o qual consiste nos três estilos de entrevista (conversa livre, leitura e respostas ao questionário), com ênfase para as respostas do questionário, objetivo principal do trabalho, sendo que os demais estilos vêm para complementar a pesquisa, através de observações necessárias para a explicação e entendimento dos dados encontrados, e não são foco de análise desta pesquisa.

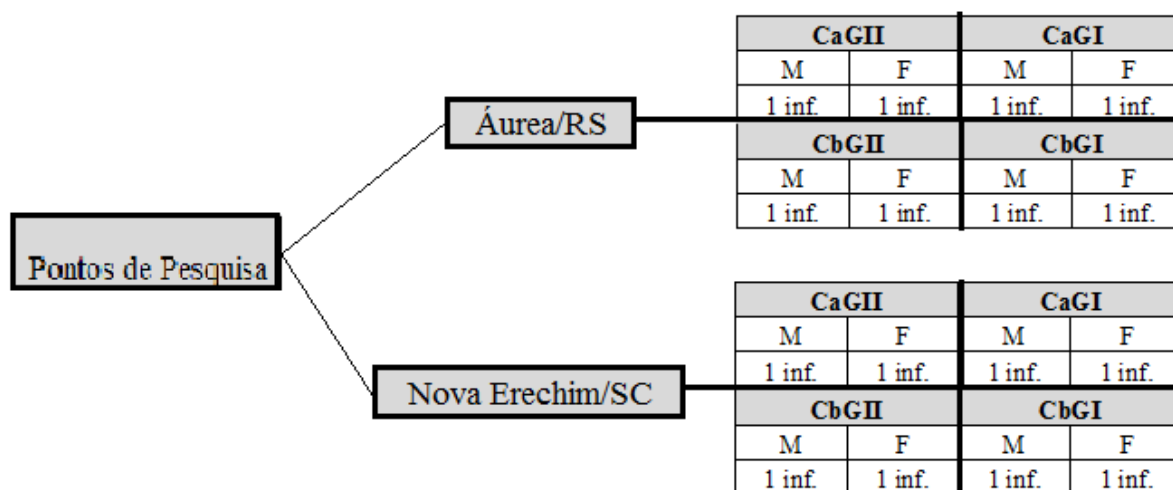
4.2 DESCRIÇÃO DOS INFORMANTES

Os critérios para a seleção dos informantes seguiu o princípio da pluridimensionalidade. Assim, em cada um dos dois pontos de coleta de dados, são entrevistados oito informantes, dos quatro grupos sociais (CaGII, CaGI, CbGII e CbGI), que

equivalem aos parâmetros *standard* da pluridimensionalidade e constituem a cruz de Thun (1996).

Dessa forma, são entrevistados, em cada localidade, um homem e uma mulher da CaGII (com Ensino Superior e idade acima de 55 anos), um homem e uma mulher da CaGI (com Ensino Superior e idade entre 18 e 36 anos), um homem e uma mulher da CbGII (com escolaridade até o Ensino Médio e idade acima de 55 anos) e um homem e uma mulher da CbGI (com escolaridade até o Ensino Médio e idade entre 18 e 36 anos), conforme ilustrado na figura abaixo:

Figura 7: Distribuição dos inf.(s) polono-brasileiros nos municípios de Áurea/RS e Nova Erechim/SC conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e distrática.



Fonte: Princípio da Pluridimensionalidade (Thun, 1996) adaptado por WEPIK (2017).

Os informantes são descendentes de imigrantes poloneses, possuem sobrenome polonês, ou seja, sobrenome de pai e mãe de origem polonesa, e residem no local pelo menos 3/4 da vida, obrigatoriamente os últimos cinco anos.

A seleção dos informantes, no município de Áurea/RS, foi realizada pela pesquisadora, que conhece muitas pessoas, por ter residido no município a maior parte da sua vida. No município de Nova Erechim/SC, a seleção foi feita com a ajuda dos dirigentes da Braspol. Posteriormente entramos em contato com os informantes (pessoalmente ou por telefone). Nesse primeiro contato, foi possível confirmar sua descendência étnica, e o tempo de residência no local, assim como sua disposição em marcar a entrevista. O assunto

referenciado a tratar foi de que seria uma conversa sobre a língua e a imigração polonesa no Sul do Brasil e a colonização na localidade.

4.3 COLETA DE DADOS

A entrevista foi constituída pelo questionário pluridimensional do *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF)⁶⁹, com as adaptações necessárias. A dimensão diafásica foi utilizada na entrevista, visto que aplicamos os três estilos: a conversa livre semidirigida, respostas ao questionário e a leitura. A primeira parte foi a *conversa livre*, partindo do tema “família”. Foi solicitado ao informante para que falasse um pouco sobre sua família, conversa que permitiria perceber se o uso dos termos de parentesco em *Pol.* ocorrem neste estilo tido como o mais espontâneo, que deixa o informante envolvido emocionalmente com o que relata, sem preocupar-se em como relata, possibilitando assim o uso do vernáculo em *Pol.*, como destaca Tarallo (1999).

A segunda parte foi formada por questões explícitas sobre atitudes, que buscaram perceber as crenças linguísticas dos falantes, suas convicções e percepções sobre a língua de imigração através do estilo de *respostas ao questionário*. A maioria das questões foram adaptadas para que suas respostas fossem objetivas, tornando exequível a pesquisa, devido ao grande número de questões e consequentemente, de respostas. No total foram 22 questões metalinguísticas. Nas primeiras sete questões, foi solicitado aos informantes que respondessem somente: “*po polsku / polonês*” ou “*po portugalsku/po brazylijski / português/brasileiro*”. Para ilustrar, tomemos como exemplo a questão de número 2: “*Który język lubię mówić więcej?* / Em que língua gosta de conversar mais?” Nas outras seis questões foi sugerido aos informantes responder somente “*tak / sim*” ou “*nie / não*”, como na questão de número 10: “*Są takie sytuacje, ktore osoby wstydzią się mówić po polsku?* / Existem situações em que você/as pessoas tem vergonha de falar polonês?” Outras nove questões exigiram dos informantes respostas subjetivas, as quais não foram tabeladas em suas dimensões, serviram apenas como base para observações e considerações durante as análises. Como exemplo, tomemos a questão número 14: “*Co myślisz ludzi, którzy tylko mówią po portugalsku i nigdy własnego języka w domu, języka polskiego?* / O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, a língua polonesa?” Além do

⁶⁹ KRUG (2013).

questionário, também foram considerados como dados de pesquisa as observações realizadas e anotadas no caderno de campo.

A terceira parte consistiu em um questionário lexical sobre os termos de parentesco, que além de gravado também foi registrado por escrito, em questionário impresso, no momento da gravação. Foram marcadas as respostas espontâneas, por insistência e a sugerida, referentes aos três tipos de termos de parentesco - sanguíneo, de aliança e espiritual, além dos termos neutros⁷⁰. Estes passos “perguntar, insistir e sugerir” seguem a técnica em três tempos, desenvolvida por Thun nos atlas linguísticos da trilogia rio-platense (ADDU, ALGR e ALMA). Segundo Thun (1998) o princípio da sugerência baseia-se na concepção de que fazem parte do repertório de variantes da comunidade também aquelas formas que, mesmo não sendo mais faladas, são de conhecimento passivo dos falantes. Quanto ao questionário lexical, as perguntas foram realizadas de maneira que a entrevistadora não proferiu o termo de parentesco, podendo proferi-lo somente em outras questões, depois que o mesmo já tenha sido falado pelo informante.

Compuseram o questionário lexical um total de 43 questões⁷¹, sendo 22 sobre os termos de parentesco sanguíneo, 12 sobre os termos de parentesco por aliança, 6 sobre os termos de parentesco espirituais e 3 sobre os termos neutros. A fim de ilustrar, observamos a primeira pergunta do questionário lexical, que se refere ao termo de parentesco sanguíneo “mãe”: “*Jak ty nazywa osoba która dała ci życie?* / Como você chama a pessoa que te gerou?” Primeiramente a pesquisadora fez a pergunta até obter uma resposta espontânea, após, a entrevistadora insistiu para saber se existem outras variantes do termo na comunidade. Quando o informante não sabia, a entrevistadora sugeriu novas variantes já previstas no questionário: “a) *matka*; b) *mama*; c) *mamucha*; d) mãe”, na qual foram esperadas respostas como: “conheço/não conheço; conheço e uso; conheço, mas não uso. Visto que os informantes são fluentes em *Pt.RS*, o termo em *Pt.RS* não foi sugerido, somente as opções em *Pl.*.”

Os dados desse questionário forneceram dados qualitativos para averiguar o grau de manutenção ou substituição do *Pol.* nas dimensões diastrática, diageracional, diagenérica e diatópica, conforme estabelecido nos objetivos do presente estudo.

A *leitura* que é considerada o estilo mais formal, foi realizada ao final a partir de um texto em *Pol.* (anexo 4) contendo os termos de parentesco enfatizados no estudo. O objetivo

⁷⁰ Thun (2005b) denomina “neutro” o termo que não estabelece nenhuma relação de sangue, por aliança ou espiritual.

⁷¹ O questionário encontra-se nos anexos, anexo 3.

era apresentar ao informante o texto na variedade polonesa local (*Pol.*) e outro na variedade polonesa padrão, para perceber com qual dos textos os informantes se identificariam e conseguiriam ler. Porém, essa prática não foi possível, pois o *Pol.* falado nos locais pesquisados não possui uma grafia escrita, para escrever, recorre-se ao polonês padrão, o qual não é de conhecimento dos informantes. Dessa forma, foi apresentado ao informante um texto traduzido pela pesquisadora, utilizando o polonês padrão, adaptado o máximo possível da variedade (*Pol.*). Assim, o estudo e análise da leitura não foi foco do trabalho, serviu apenas para perceber que existe um *Pol.* local, o qual é unicamente oral, e que somente o polonês padrão é representado graficamente, porém existem diferenças consideráveis da variedade local em relação ao polonês padrão, o que dificulta a escrita da variedade e consequentemente a leitura pelos informantes.

As gravações foram feitas através de um gravador portátil Handy Recorder *H4n*, que permite a gravação de uma grande quantidade de dados em um longo período de tempo sequente, de fácil manuseio e de fácil transferência de dados para o computador. As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora desse trabalho. Aconteceram nas residências dos informantes, em data e horário agendados, principalmente nos períodos matutino e vespertino, em finais de semana, devido principalmente à disponibilidade dos informantes. Quando foi possível, no caso dos informantes serem da mesma família, houve pluralidade simultânea⁷², as demais foram entrevistas individuais.

4.4 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Após a coleta de dados, foi realizada primeiramente a transcrição dos dados do questionário metalinguístico sobre as crenças linguísticas. As questões que permitiram respostas objetivas foram tabeladas e utilizadas para exemplificar e ilustrar a análise realizada no tópico 5.1.

Posteriormente partimos para o questionário lexical, para o qual elaboramos o quadro disponível no anexo 5, no qual utilizamos a técnica em três tempos, com o registro individual de cada resposta espontânea, por insistência e sugeridas aceitas e não aceitas de cada informante. As respostas novas, as quais não havíamos previsto, que não constavam no questionário e que foram produzidas pelos informantes, foram acrescentadas ao questionário e configuradas em escrita itálica no quadro do (anexo 5). Seguiu-se uma detalhada análise

⁷² Juntaram-se dois informantes, um feminino e outro masculino, ambos da mesma classe social e da mesma geração, a fim de realizar juntos a entrevista.

desses dados individuais no tópico 5.2.1. Porém, para a posterior análise de dados, conforme os objetivos desta pesquisa, optou-se por considerar somente as respostas espontâneas, devido ao presente trabalho estar nas delimitações de uma dissertação de mestrado.

Dos grupos de termos de parentesco o grupo dos termos sanguíneos compôs o maior número de termos, das questões 23 a 44. O grupo de termos por aliança é formado pelas questões de 45 a 56 e os termos espirituais de 57 a 62. Já os termos neutros compuseram as questões 63, 64 e 65, referentes a parente, órfão e casal.

Na próxima etapa, foram separadas as variantes de cada questão em variante em *Pol.* e em *Pt.-RS*. As respostas em *Pol.* são processadas como grau de manutenção do *Pol.* e as respostas em *Pt.-RS*, como grau de substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS*. Para muitas questões foram proferidas mais de uma resposta, tanto em *Pol.* como em *Pt.-RS* por parte dos informantes. Dessa forma, a fim de verificar a quantidade de variantes usadas em *Pol.* (manutenção) e em *Pt.-RS* (substituição) de forma geral para cada dimensão, de acordo com os objetivos da pesquisa, elaborou-se dois quadros contendo o número total de respostas espontâneas em *Pol.* e em *Pt.-RS*. Nesses quadros foram somadas todas as respostas espontâneas de cada informante, mantendo a separação em variantes em *Pol.* e em *Pt.-RS* e a separação dos quatro grupos de termos de parentesco, nos dois locais de pesquisa, obtendo o valor total geral de cada informante, de cada tipo de resposta, em *Pol.* e em *Pt.-RS*, em cada local pesquisado, como exposto nos quadros 1 e 2 no próximo capítulo.

A partir dos dados dos quadros 1 e 2, os resultados foram calculados em percentagens e apresentados em gráficos para cada dimensão (diatrática, diageracional, diassexual e diatópica), sempre apresentados em duas cruzeiras, de acordo com os objetivos da pesquisa. Esses gráficos de resultados, descrições e análises se encontram no próximo capítulo, de análise de dados.

A fim de complementar os dados e a interpretação do questionário lexical, realizou-se também uma breve consideração da etapa da conversa livre semidirigida e da leitura, no tópico 5.3. Como último passo, após a análise das crenças e atitudes linguísticas, foi analisada a relação existente entre estas, no tópico 5.4.

5. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, faremos a análise das *crenças linguísticas*, dados obtidos através do questionário que buscou as percepções e convicções dos informantes sobre o *Pol.*, e das *atitudes linguísticas*, cujos dados foram obtidos através da aplicação do questionário lexical sobre os termos de parentesco, por falantes descendentes de poloneses de Áurea/RS e Nova Erechim/SC.

Destacamos que, de acordo com a proposta da Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1996), cada ponto conta com oito informantes, totalizando dezesseis informantes. Porém, não encontramos a informante CbGI-F em Nova Erechim/SC, que se enquadrasse nos critérios da pesquisa. Dessa forma, Nova Erechim/SC teve apenas sete informantes, totalizando 15 informantes nos dois pontos. Assim, em cada compartimento da cruz foram entrevistadas duas pessoas, um homem e uma mulher, sendo oito informantes em Áurea/RS, e sete informantes em Nova Erechim/SC, totalizando quinze entrevistas nos dois pontos.

A primeira parte da entrevista foi a conversa livre semidirigida, sobre o tema família, que foi realizada em *Pol.* somente pelos informantes da CbGII. Os informantes da CaGII de Áurea iniciaram em *Pol.* mas mudaram para o *Pt.*RS. Os demais informantes usaram somente o *Pt.*-RS.

As questões metalinguísticas foram organizadas de forma a obter respostas objetivas, visando facilitar a análise de dados. Mesmo assim, a maioria das questões geraram mais conversas e opiniões. Esta parte do questionário também foi realizada em *Pol.* para todos os informantes da GII, e para os informantes da CbGI de Áurea/RS, porém com muitas explicações e traduções para uma melhor compreensão. Para os demais informantes da GI o mesmo foi realizado em *Pt.*-RS. Esse fato, de aplicar o questionário em *Pt.*-RS deu-se pela necessidade, devido aos informantes não entenderem o *Pol.*, pois segundo a metodologia, o mesmo deveria ser aplicado em *Pol.*.

O questionário sobre as atitudes linguísticas, que objetivou perceber o uso dos termos de parentesco, também foi realizado em *Pol.* para os informantes da GII e CbGI de Áurea/RS e GII de Nova Erechim/SC, e em *Pt.*-RS para os demais informantes da GI.

Neste questionário, além dos termos em *Pol.* e em *Pt.*-RS, surgiu um termo misto, ou seja, um termo no qual ocorreu uma junção das duas línguas, o termo *famielia* para referir-se à família. Porém, por estar inserido em um contexto de fala em *Pol.*, e por possuir traços fonéticos do *Pol.*, o termo está integrado ao *Pol.* e foi considerado, nesta pesquisa, como

termo em *Pol.* e processado como grau de manutenção do *Pol.*. Outro termo misto que surgiu foi *pápai*, para referir-se a papai. Aqui o traço fonético do *Pol.* e seu uso durante uma conversa em *Pol.* fazem com que consideremos o mesmo como sendo pertencente ao *Pol.*. Porém este termo, somente foi proferido na insistência, e não foi analisado, visto estarmos analisando somente as respostas espontâneas.

Para verificar o número de variantes proferidas de forma espontânea em *Pol.* e *Pt.-RS* foram elaborados os quadros a seguir, o quadro 1 com os resultados de Áurea/RS e o quadro 2 com os resultados de Nova Erechim/SC. Esses quadros mostram que das 43 questões aplicadas para os 15 informantes resultaram em 671 respostas espontâneas, sendo 373 em Áurea/RS e 298 em Nova Erechim/SC.

Quadro 1: Totais de respostas espontâneas na aplicação dos termos de parentesco a partir da dimensão diatópica: Áurea/RS

Questão	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total
Sanguíneo	M	F	M	F	M	F	M	F	Áurea/RS
<i>em Pol.</i>	14	15	1	1	21	19	7	1	79
<i>em Pt.-RS</i>	9	9	23	23	4	4	15	20	107
Total	23	24	24	24	25	23	22	21	186
Aliança									
<i>em Pol.</i>	6	2			9	9	2	2	30
<i>em Pt.-RS</i>	9	7	13	13	4	5	12	13	76
Total	15	9	13	13	13	14	14	15	106
Espiritual									
<i>em Pol.</i>	3	4	1	1	6	7			22
<i>em Pt.-RS</i>	6	4	7	7			6	6	36
Total	9	8	8	8	6	7	6	6	58
Neutros									
<i>em Pol.</i>					1	2			3
<i>em Pt.-RS</i>	2	3	3	3	2	1	3	3	20
Total	2	3	3	3	3	3	3	3	23
Totais									
<i>em Pol.</i>	23	21	2	2	37	37	9	3	134
<i>em Pt.-RS</i>	26	23	46	46	10	10	36	42	239
Total Geral	49	44	48	48	47	47	45	45	373

Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Quadro 2: Totais de respostas espontâneas na aplicação dos termos de parentesco a partir da dimensão diatópica: Nova Erechim/SC

Questão	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total
Sanguíneo	M	F	M	F	M	F	M	F	Nova Erechim
<u>em Pol.</u>	13	4			24	24			65
<u>em Pt.-RS</u>	11	15	22	22	1	1	22		94
Total	24	19	22	22	25	25	22		159
Aliança									
<u>em Pol.</u>					12	12			24
<u>em Pt.-RS</u>	10	10	12	12			12		56
Total	10	10	12	12	12	12	12		80
Espiritual									
<u>em Pol.</u>	2	1			6	6			15
<u>em Pt.-RS</u>	4	5	6	6			6		27
Total	6	6	6	6	6	6	6		42
Neutros									
<u>em Pol.</u>					1	1			2
<u>em Pt.-RS</u>	3	3	3	3			3		15
Total	3	3	3	3	1	1	3		17
Totais									
<u>em Pol.</u>	15	5			43	43			106
<u>em Pt.-RS</u>	28	33	43	43	1	1	43		192
Total Geral	43	38	43	43	44	44	43		298

Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

A partir desses quadros, os resultados foram calculados em percentagens para cada dimensão analisada e apresentados em gráficos no decorrer da análise. Para o cálculo das percentagens, por exemplo, da dimensão diatrática da Ca de Áurea/RS, somaram-se as respostas da Ca, ou seja, os números totais das quatro primeiras colunas do quadro 1 acima, ou seja, os totais 49, 44, 48 e 48, que totalizaram 189 respostas. Esse número equivale a 100% das respostas da Ca de Áurea/RS. Para encontrar as porcentagens de termos em *Pol.* da Ca de Áurea/RS, somaram-se as respostas totais em *Pol.* das quatro primeiras colunas do quadro 1, que foram 23, 21, 2 e 2, que totalizaram 48 respostas. Posteriormente realizamos o cálculo para encontrar esse valor em percentagem. O resultado foi de 25,39%. Optou-se por arredondar as percentagens em duas casas decimais, arredondando de 00,01 a 00,50 para baixo e de 00,51 a 00,99 para cima. Dessa forma, o percentual de uso do *Pol.* pela Ca de Áurea/RS é de 25%.

Esse mesmo procedimento aplicou-se para o cálculo das porcentagens em todas as dimensões, nos dois pontos de pesquisa. Para calcular a porcentagem de respostas em *Pol.* pela dimensão diasssexual de Nova Erechim/SC, por exemplo, soma-se o total de respostas dos informantes masculinos de Nova Erechim/SC (43, 43, 44 e 43) e dos femininos (38, 43 e 44), de acordo com os dados do quadro 2. As respostas masculinas somaram 173 e as femininas 125. Esses números correspondem a 100% para cada gênero. Posteriormente, soma-se o total de respostas em *Pol.* de cada gênero, de acordo com os resultados do quadro 2. Temos assim, para os informantes masculinos $15+0+43+0=58$ e para as informantes femininas $5+0+43=48$. Após o cálculo de porcentagem, obtivemos como resultado 33,52%, arredondando fica 34% de uso do *Pol.* pelos homens de Nova Erechim/SC e 38,40%, arredondado corresponde a 38% de uso do *Pol.* pelas mulheres de Nova Erechim/SC.

O tópico 5.2.6 visa apresentar em porcentagens o uso dos diferentes tipos de parentesco (sanguíneo, por aliança, espiritual e neutro) nos dois pontos de pesquisa. Para isso foi necessário calcular a porcentagem do uso dos termos em *Pol.*. Tomemos como exemplo os termos do tipo sanguíneo de Áurea/RS. Os números totais estão na última coluna do quadro 1. Foram usados 186 termos do tipo sanguíneo em Áurea/RS, que corresponde à 100%. Em *Pol.* foram usados 79 termos. Calculando a porcentagem, temos 42,47%, arredondando temos 42% de manutenção dos termos de parentesco sanguíneo em *Pol.*. Este procedimento foi aplicado para obter as porcentagens dos demais tipos de termos de parentesco nas duas localidades de pesquisa.

A partir dessas porcentagens, os dados de cada localidade foram analisados em tabelas e gráficos separados, e, para responder aos objetivos da pesquisa, este capítulo possui quatro tópicos, alguns divididos em outros tópicos, com a seguinte estrutura:

- a) O tópico 5.1 apresenta a análise dos dados do questionário metalinguístico que consistiu em perceber quais são as crenças linguísticas dos falantes em relação à língua de imigração polonesa;
- b) O tópico 5.2 apresenta a análise da aplicação dos termos de parentesco (sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros) em cada dimensão (diatrática, diageracional, diasssexual e diatópica) a fim de perceber as atitudes linguísticas dos falantes. Este tópico se subdivide em outros sete tópicos:
- c) O tópico 5.2.1 apresenta as descrições do resultado individual das respostas espontâneas, por insistência e sugeridas de cada termo de parentesco do questionário lexical, coletados em Áurea/RS e Nova Erechim/SC;

- d) O tópico 5.2.2 expõe os dados das respostas espontâneas pela dimensão distrática – Ca e Cb;
- e) O tópico 5.2.3 mostra os dados das respostas espontâneas pela dimensão diageracional – GII e GI;
- f) No tópico 5.2.4 são apresentadas as porcentagens das respostas espontâneas pela dimensão diassexual – M e F;
- g) O tópico 5.2.5 apresenta os dados das respostas espontâneas pela dimensão diatópica – Áurea/RS e Nova Erechim/SC, somando as respostas dos quatro grupos de cada local;
- h) No tópico 5.2.6 são expostas as porcentagens das respostas espontâneas de cada tipo de termo de parentesco – sanguíneos, por aliança, espiritual e neutros – nos dois pontos de pesquisa;
- i) O tópico 5.2.7 apresenta os dados obtidos a partir do questionário lexical, contendo as respostas espontâneas nas dimensões diastrática, diageracional e diagenérica, nos quatro espaços da cruz, separando os dados pela dimensão diatópica em duas cruzeiras;
- j) No tópico 5.3 são exibidas algumas considerações sobre a conversa livre semidirigida e sobre a leitura;
- k) O tópico 5.4 apresenta a relação existente entre crenças e atitudes linguísticas, a partir das respostas aos questionários (metalinguístico e lexical), assim como da conversa livre semidirigida e da leitura.

5.1 CRENÇAS LINGUÍSTICAS

A primeira parte da entrevista consistiu em perceber as crenças linguísticas dos falantes, as suas percepções e convicções acerca de suas línguas. Para isso foi aplicado um questionário constituído por 22 questões, sendo que algumas tiveram respostas objetivas. As primeiras sete questões tiveram como respostas *Pol.* ou *Pt.-RS*. Para uma melhor visualização, as mesmas foram organizadas e expostas no quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Questões sobre crenças linguísticas (1 a 7) que exigiram respostas objetivas: *Pol.* ou *Pt.-RS*.

Nº da questão	Pergunta
1	Que língua costuma falar na família?
2	Em que língua gosta de conversar mais?
3	De modo geral, em que língua costuma falar mais?
4	Qual é sua língua materna?
5	Quando vem visita, que língua prefere usar?
6	Que línguas você fala nas seguintes ocasiões em seu município?
6.1	No correio:
6.2	No mercado e nas lojas:
6.3	No sindicato
6.4	No restaurante
6.5	Na prefeitura
6.6	No posto de saúde
6.7	No confessionário
6.8	No posto de gasolina
6.9	No trabalho
7	Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade, em que língua você fala com ele?

Fonte: KRUG (2013), adaptado por WEPIK (2017).

Quadro 4: Resultados individuais de questões objetivas (1 a 7) sobre crenças linguísticas.

Responderam <i>Pol.</i> (●)				Responderam <i>Pt.-RS</i> (○)				Ambas: <i>Pol.</i> e <i>Pt.-RS</i> (◐)								
	AUREA/RS								NOVA ERECHIM/SC							
	<u>CaGII</u>		<u>CaGI</u>		<u>CbGII</u>		<u>CbGI</u>		<u>CaGII</u>		<u>CaGI</u>		<u>CbGII</u>		<u>CbGI</u>	
Nº da Questão	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1	○	○	○	○	●	●	◐	○	○	○	○	○	●	●	○	
2	●	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●	●	○	
3	○	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	◐	◐	○	
4	●	○	○	○	●	●	○	○	●	◐	○	○	●	●	○	
5	◐	◐	○	○	◐	◐	◐	○	○	○	○	○	◐	◐	○	
6.1	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.2	○	○	○	○	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.3	○	○	○	○	◐	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.4	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.5	○	○	○	○	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.6	○	○	○	○	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.7	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.8	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
6.9	○	○	○	○	◐	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	
7	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	

Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

A partir da aplicação do questionário descrito no quadro 3, detalhamos as respostas individuais de cada informante no quadro 4 acima, no qual é possível perceber como os informantes se sentem, o que pensam, suas percepções e convicções acerca de suas línguas. Percebemos, a partir dos dados, (1ª questão) que somente os quatro falantes da CbGII falam o *Pol.* na família, e o informante da CbGI-M de Áurea/RS fala ambas as línguas na família. Os

demais dez informantes usam somente o *Pt.-RS*. As respostas foram quase as mesmas ao serem questionados sobre a língua em que gostam de conversar mais (2ª questão). Os quatro informantes de CbGII responderam que em *Pol.* acrescidos aqui do informante da CaGII-M de Áurea/RS, que relatou gostar de falar em *Pol.*, quando está com os amigos. Os dez informantes restantes informaram que gostam de falar mais em *Pt.-RS*. Mas ao serem questionados em qual língua falam mais, de modo geral (3ª questão), somente os dois informantes da CbGII de Áurea/RS responderam que falam mais em *Pol.* Já os dois informantes da CbGII de Nova Erechim/SC disseram falar ambas as línguas, em casa e com os vizinhos e filhos falam o *Pol.*, mas com os netos e comunidade em geral, falam o *Pt.-RS*, como podemos perceber na fala do informante CbGII-M de Nova Erechim/SC:

É, entre nós, só polonês, agora, assim, fora de casa, é tudo em português. (CbGII-M – Nova Erechim/SC)

A questão de número 4 buscava informações sobre a língua materna dos informantes. Os quatro informantes da CbGII tem o *Pol.* como língua materna, assim como os dois informantes da CaGII-M. A informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC disse ter as duas línguas, o *Pol.* e o *Pt.-RS* como maternas. Da GII, somente a informante da CaGII-F de Áurea/RS teve o *Pt.-RS* como língua materna. Dos informantes pertencentes à GI, todos têm como língua materna o *Pt.-RS*. Porém, essa pergunta incitou outra, que visava perceber como os informantes que têm como língua materna o *Pol.* aprenderam o *Pt.-RS*. Somente o informante da CaGII-M de Áurea/RS aprendeu o *Pt.-RS* com alguns vizinhos que não eram descendentes de poloneses. Os demais informantes que destacaram possuir como língua materna o *Pol.* aprenderam o *Pt.-RS* a partir do momento em que iniciaram a vida escolar, visto que as aulas eram em *Pt.-RS*.

Quando questionados sobre a língua que preferem usar quando vem visita (5ª questão), os informantes da CbGII responderam que depende da visita. Se forem descendentes de poloneses que falem a língua, usam o *Pol.*, caso contrário usam o *Pt.-RS*, como observamos na fala do informante da CbGII-M de Áurea/RS:

A jak przyszedł polaki to po polsku, a jak przyszedł z drugi, drugiego języka no to po brazylijsku, tylko po polsku i po brazylijsku tutaj naiwiencej gadamy. (CbGII-M – Áurea/RS)⁷³

A informante da CaGII-F de Áurea/RS destacou que:

[...] quando recebo visitas com pessoas de mais idade, ou pessoas que a gente sabe que são de descendência polonesa, eu procuro conversar

⁷³ Tradução: Ah, quando vem poloneses falamos polonês, quando vem pessoas de outras línguas então falamos português, somente polonês e português que nós mais falamos. (CbGII-M – Áurea/RS)

com elas na língua polonesa porque vejo que inclusive elas se sentem mais à vontade e a gente relembra algumas coisas, para também não deixar morrer assim, de uma vez, né, a língua polonesa. (CaGII-F – Áurea/RS)

Aos demais informantes, que preferem usar o *Pt.-RS*, foi estabelecida a hipótese de que a visita só fale *Pol.* Os dois informantes da CaGII e o informante da CbGI-M de Áurea/RS ressaltaram que tentariam falar em *Pol.* Os demais informantes, ou seja, os dois informantes da CaGII de Nova Erechim/SC e os demais (seis) informantes da GI disseram que não haveria comunicação entre eles. Talvez até conseguissem entender algo, mas não conseguiriam falar. Percebemos aqui uma perda linguística em curso, na comparação em tempo aparente, da GII para a GI. É o que ilustramos com a fala do informante da CaGI-M de Nova Erechim/SC:

Muito basicamente, algumas palavras eu entenderei, mas eu propriamente dialogar com ela será difícil, se eu estar com ela eu vou entender algumas palavras que ela vai me colocar, mas muito pouco. (CaGI-M – Nova Erechim/SC)

O informante da CaGII-M de Nova Erechim/SC destaca que:

Entender, até eu entendo razoavelmente, só pra me expressar eu tenho dificuldade, hoje. (CaGII-M – Nova Erechim/SC)

Ao serem perguntados sobre a língua que usam em diferentes ocasiões em seu município (6ª questão), percebemos que os que ainda usam um pouco o *Pol.* são todos residentes em Áurea/RS. Tal fato pode ser justificado pela homogeneidade étnica do município, que é constituída por 92% da população de origem polonesa, segundo dados municipais. O informante da CaGII-M usa ambas as línguas no restaurante. Os dois informantes da CbGII usam ambas as línguas no mercado, no sindicato (principalmente), usavam na prefeitura quando o prefeito era de descendência polonesa e no trabalho. O informante da CbGI-M usa ambas as línguas no sindicato e no trabalho. Porém, os informantes ressaltaram usar ambas as línguas nos locais citados, não só o *Pol.*, pois nestes locais trabalham pessoas descendentes de poloneses que, às vezes falam o *Pol.*. Ao conversar com estas pessoas, acontecem conversas em *Pol.* e com as demais pessoas que trabalham nesses locais as conversas são realizadas em *Pt.-RS*. Em Nova Erechim/SC, onde a imigração italiana é predominante, o *Pol.* é usado somente em ambientes familiares.

Já na questão de número 7, ao serem questionados sobre qual língua usam para falar com um estranho na sua cidade, a resposta foi unânime: *Pt.-RS*. Aqui percebe-se que o uso do *Pol.* é uma forma de identificação entre os falantes, e sempre que surge alguém desconhecido

ou que os informantes acreditam que eles não falem ou não compreendam o *Pol.*, é usado o *Pt.-RS*.

O quadro 5 abaixo apresenta as respostas individuais das questões 8 a 13:

Quadro 5: Questões sobre crenças linguísticas (8 a 13) que exigiram respostas objetivas: *Sim* ou *Não*.

Nº da questão	Pergunta
8	Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a língua de casa, a língua polonesa, mas insistia em só falar <i>Pt.-RS</i> ?
9	Acha importante que os filhos aprendam a língua polonesa dos pais? Por quê?
10	Existem situações em que você/as pessoas tem vergonha de falar <i>Pol.</i> ?
11	Acha que deveria ter ensino de <i>Pol.</i> ?
12	Quando fala <i>Pt.-RS</i> , você mistura com o <i>Pol.</i> ?
13	Quando fala em <i>Pol.</i> , você mistura com o <i>Pt.-RS</i> ?

Fonte: KRUG (2013), adaptado por WEPIK (2017).

As perguntas do quadro acima foram elaboradas de modo a obter respostas objetivas *sim* ou *não*, como demonstradas no quadro 6 abaixo:

Quadro 6: Resultados individuais de questões objetivas (8 a 13) sobre crenças linguísticas.

Responderam <i>Sim</i> (●) Responderam <i>Não</i> (○)																
Nº da Questão	ÁUREA/RS								NOVA ERECHIM/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
8	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
9	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
10	●	●	○	○	●	●	●	○	○	○	●	●	●	●	●	
11	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	●	●	●	●	●	
12	●	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●	●	○	
13	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	●	●	●	●	

Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

A partir do quadro acima, podemos perceber que todos os informantes conhecem alguém que sabe falar a sua língua de casa, o *Pol.*, mas insiste em só falar o *Pt.-RS* (8ª questão). A informante CaGII-F de Áurea/RS destaca que este é um dos motivos pelo qual a língua está morrendo. A informante destaca que:

[...] às vezes as pessoas, infelizmente né, não valorizam a sua cultura, daí fazem de conta que não sabem falar... [...] tem gente que às vezes parece que tem vergonha da sua origem, infelizmente, né, não sei por que, muitos têm preconceito, eu acho que deveriam ter orgulho, mas infelizmente é assim. (CaGII-F – Áurea/RS)

Ao serem questionados se acham importante que os filhos aprendam o *Pol.* dos pais (9ª questão), a resposta geral, de todos os informantes foi favorável a essa transmissão de conhecimento da língua aos filhos, e os motivos consistem em manter as origens, a tradição, não deixar morrer a história e língua dos antepassados e por ser uma forma de cultura, e destacaram a importância de saber mais de uma língua. Porém, quanto aos informantes da GI, ilustramos a maioria das respostas dessa geração com a fala do informante da CaGI-M de Áurea/RS, que relatou:

Seria importante sim, aprender e passar para os filhos, mas eu não teria condições de passar hoje para os filhos, porque a gente sabe muito pouco né, então não tem como passar, mas gostaria de ter aprendido [...]. (CaGI-M – Áurea/RS)

A informante da CaGI-F de Áurea/RS ressalta e lamenta que os pais e avós conversavam em *Pol.*, mas eles não se interessavam em passar a língua para as novas gerações. Segundo a informante, muitas vezes a geração mais velha falava em *Pol.* a fim de que as crianças não entendessem. A informante da CbGI-F de Áurea/RS também lamenta não ter aproveitado para aprender o *Pol.* com os pais e avós na infância, como percebemos através de sua fala:

[...] a gente tinha os professores em casa bem dizer e não deu valor. (CbGI-F – Áurea/RS)

Os informantes da CbGII de Áurea/RS destacam essa importância de os filhos aprenderem a língua polonesa, até pelo título que a cidade carrega, de Capital Polonesa dos Brasileiros, e visto que a maioria da população é de origem polonesa.

Foi questionado também se os informantes têm vergonha de falar *Pol.*, ou para maioria dos informantes que não falam *Pol.*, se as pessoas que eles conhecem tem vergonha de falar a língua de imigração (10ª questão). Dez dos quinze informantes responderam que sim, que conhecem pessoas que tem vergonha, e alguns dos próprios informantes relataram que já tiveram vergonha, mas que hoje não tem mais. Cinco informantes relataram que eles ou as pessoas não têm vergonha de falar em *Pol.*

Ao serem interrogados se deveria ter ensino de *Pol.* (11ª questão), somente a informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC disse que não, que atualmente não há necessidade de estudar a língua, como observamos em seu relato:

Acho que não. Pra nós aqui não tem sentido, né, só se mesmo alguém que pretende viajar pra fazer intercâmbio é interessante, se não, não, está se acabando né. Não tem necessidade [...]. (CaGII-F – Nova Erechim/SC)

O informante da CaGII-M de Nova Erechim/SC relatou que deveria ter ensino de *Pol.*, mas que não fosse obrigatório. Os demais treze informantes destacaram que deveria ter ensino de *Pol.*, mesmo que fosse o básico para manter uma comunicação na língua. O informante da CaGI-M de Áurea/RS destaca que o ensino da língua ajuda na sua valorização, e está ciente de que nas próximas gerações o uso do *Pol.* vai terminar, será usado somente o *Pt.-RS*.

Outra questão visava perceber se os informantes, ao falar em *Pt.-RS*, misturam com o *Pol.* (12ª questão). Os quatro informantes da CbGII e o informante da CaGII-M de Áurea/RS disseram que sim, que essa mistura acontece. Os demais não misturam as línguas ao falar em *Pt.-RS*, porém os dois informantes da CaGI de Áurea/RS destacaram que seus parentes e conhecidos o fazem. A outra questão buscava saber se ao falar em *Pol.* os informantes misturam com o *Pt.-RS* (13ª questão). Quase todos os informantes, ou seja, catorze, responderam que sim, quem fala em *Pol.* mistura com o *Pt.-RS*, e os informantes que não falam o *Pol.* percebem essa mistura nas pessoas que falam.

As demais nove questões (14 a 22)⁷⁴ tiveram respostas subjetivas, as quais não foram tabeladas, foram pontuados e analisados somente os aspectos mais relevantes para a nossa análise.

Foi perguntado aos informantes, o que eles achavam das pessoas que só falam *Pt.-RS* e nunca sua própria língua de casa, o *Pol.*. O informante da CaGI-M de Áurea/RS disse que gostaria de saber falar *Pol.*, mas que não teve a oportunidade de aprender, ou não foi incentivado a aprender. A informante da CbGII-F de Áurea/RS destaca que:

A be musieli się nauczyć i gadać żeby nie zgubić ten język polski, nie, to to jest wszystko mocno ładny to żeby nie zapomnieć, ale że nie będą ludzie gadać no to po mało będzie sie zapominało, zapominało i te młode już później zgubią por completo i nie będą nic umiały.
(CbGII-F – Áurea/RS)⁷⁵

Porém, a informante da CaGII-F de Áurea/RS destaca que é questão de conhecimento, insistência e persistência também dos pais, são eles que devem conversar em *Pol.* para que os filhos sigam o exemplo. E sem a prática, os próprios pais acabam esquecendo a língua. Pois, como destaca o informante da CaGII-M de Áurea/RS:

[...] tem famílias que têm mãe e pai polonês, mas os filhos não sabem falar nada. (CaGII-M – Áurea/RS)

⁷⁴ Questionário disponível nos anexos.

⁷⁵ Tradução: Precisariam aprender e falar né, para não perder a língua polonesa, porque é muito bonita, para não esquecer, porque se as pessoas não vão falar então aos poucos vão esquecendo, esquecendo e os mais novos vão perder por completo e não vão saber mais nada. (CbGII-F – Áurea/RS)

Estudos de Horst (2011), Horst (2014) e Wehrmann (2016), voltados ao contato português-alemão, mostram uma situação diferente. As famílias conversam em alemão (variedades), estimulando, dessa forma, o uso da língua pelos filhos. Já a pesquisa de Bortolotto (2015), sobre o contato português-*talian* se aproxima do *Pol.* (nosso estudo), apresentando resultados que confirmam o pouco uso pelos falantes da GI.

Nesse sentido, o informante da CaGII-M de Nova Erechim/SC disse sentir dificuldade em opinar, pois, muitas vezes, os filhos (que já são pais) não herdaram mais o conhecimento da língua. A informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC relaciona o não uso da língua por não ter mais com quem se comunicar, como podemos ver em sua fala:

Ah, isso acontece porque foi se perdendo né, aí não teve mais com quem se comunicar e eles acabam indo para o português que se torna mais fácil, né. (CaGII-F – Nova Erechim/SC)

Já o informante da CbGI-M de Áurea/RS ressalta que o não uso da língua se deve ao fato de muitas pessoas não darem muita importância para a língua. É o que destaca o informante da CbGII-M de Nova Erechim/SC, de que muitas pessoas são poloneses somente de sobrenome, mas não sabem falar ou tem vergonha da sua língua.

Essa questão foi seguida por outra que visava perceber o que os informantes acham dos jovens que não falam mais a língua dos pais, o *Pol.* Os informantes da GI ressaltam ser esse o caso deles próprios. Ilustramos com a fala da informante da CaGI-F de Áurea/RS:

É o nosso caso né? Entender a gente entende um pouco da língua polonesa, mas falar, a gente não fala nada, então isso vem que as próximas gerações, às vezes não vão chegar nem a entender se não vão buscar um estudo, se as escolas não vão incentivar, que os próprios pais não vão ter como ensinar porque eles também não sabem, né? (CaGI-F – Áurea/RS)

Os demais informantes dessa geração também lamentam não ter aprendido, e o informante da CbGI-M de Áurea/RS destaca que muitas pessoas não tem facilidade de aprender. Às vezes, recebem o mesmo estímulo, mas uma pessoa fala e outra não, até tentam, mas apresentam muita dificuldade. É o caso do informante e seus irmãos. A informante da CaGI-F de Nova Erechim/SC destaca que o afastamento da família, ou seja, quando deixaram de conviver com os avós, a língua começou a se perder, e hoje se usa só o *Pt.*-RS por ser mais prático. Já os informantes da GII de Áurea/RS ressaltam que os jovens deveriam falar o *Pol.*, porém como destaca o informante da CaGII-M de Áurea/RS:

Muitos não querem, muitos têm vergonha de falar, dá pra ver na escola né, não querem falar porque tem vergonha de falar polonês. [...] (CaGII-M – Áurea/RS)

Os informantes da CaGII de Nova Erechim/SC apresentam opiniões diferentes. O informante M destaca a importância do *Pol.* presente, falado na Polônia, visto que o que se utiliza na região é um dialeto arcaico, como vemos em sua fala:

Não tenho assim, opinião formada, nem crítica, nem favorável, eu acho até que pela dificuldade, porque como nós, e o nosso polonês é um dialeto bastante arcaico já, então é difícil querer insistir que se mantenha isso porque hoje, se for utilizado o polonês atual, tem muitas palavras que não são mais aplicadas. Então precisaria ter acesso ao conhecimento da língua presente, não do passado, porque o nosso dialeto ele é muito antigo, [...]. (CaGII-M – Nova Erechim/SC)

A fala do informante acima deixa clara a noção de certo e errado que se apresenta na sociedade. O *Pt.-RS*, assim como o polonês padrão são considerados corretos, e assim gozam de um maior prestígio. Já o *Pol.* falado no sul do Brasil é considerado um dialeto “antigo, arcaico”, dessa forma, as pessoas não sentem a necessidade de manter a língua. Essa noção de certo e errado se apresenta também nos contatos com outras línguas de imigração, por exemplo, nas variedades do alemão e do italiano, conforme Krug (2004), Bortolotto (2015) e Wehrmann (2016).

A informante CaGII-F destaca que os jovens não falam mais o *Pol.* por não haver mais necessidade em Nova Erechim/SC:

Como eu vivo numa região de italianos eu não sinto assim, a falta do polonês, não sinto falta, por isso eu acho que os jovens também não, tem muito pouco polonês e também já os idosos acabaram ficando talvez em outras cidades, né, vem só os mais novos, ou porque casou com alguém de outra língua, né, então não vejo assim uma necessidade para outros, né, eu gostaria de continuar falando fluentemente como eu conversava polonês, mas, hoje estou tropeçando bastante. (CaGII-F – Nova Erechim/SC)

Percebemos na fala acima mais um mito que não condiz com a realidade e que se apresenta na sociedade. Esse mito é apresentado por King e Mackey (2007), de que apenas pais bilíngues podem criar filhos bilíngues, de pessoas que acham que não são capazes de passar a sua língua adiante sem a ajuda do companheiro/a. Os autores reforçam que é possível transmitir a língua, porém é mais difícil, pois exige mais conhecimento e uma boa estrutura.

A próxima questão perguntava em que situações o informante usa o *Pol.* e em que situações usa o *Pt.-RS*. Os informantes da GI, em sua maioria, responderam que não falam o *Pol.* Somente os informantes da CbGI de Áurea/RS que falam um pouco, e usam o *Pol.* com pessoas mais velhas, mas muito basicamente, ou usam por brincadeira. Os informantes da GII disseram usar o *Pol.* sempre que tem pessoas de origem polonesa que sabem a língua, porém se há pessoas que não compreendem, mesmo que seja uma única pessoa, usam o *Pt.-RS*.

Visamos constatar, a partir de outro questionamento, se os informantes percebem diferenças no *Pol.* falado em seus municípios e em outras localidades, e qual a diferença. A maioria dos informantes destacou que há diferenças, mas com relação ao *Pol.* falado hoje na Polônia. O informante da CbGI-M de Áurea/RS citou o exemplo de sua tia, que fala muito bem o *Pol.* aqui, no Brasil, mas foi para a Polônia, e lá ela teve muita dificuldade para se comunicar e se entender, pois o significado das palavras muda. Os demais informantes que destacaram haver diferenças, falam que o *Pol.* local é misturado, atrapalhado, deturpado. Percebemos isso na fala do informante da CaGII-M de Áurea/RS:

A pronúncia das palavras, né, tem muitas palavras que não dá nem para entender o que falam, né, porque a gente fala misturado, português e polonês, por isso. (CaGII-M – Áurea/RS)

A informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC reforça essa ideia:

A tem, tem diferença, ela já vem deturpada, todas as línguas, né, seja ela italiana, seja polonesa, já vem bem atravessada. (CaGII-F – Nova Erechim/SC)

O informante da CbGII-M de Nova Erechim/SC destaca que o *Pol.* aqui falado é antigo, arcaico, além de estar misturado com o *Pt.*-RS:

Aqui o que falam é a fala antiga, a renovada não [...] é, misturam sim, o nosso polonês aqui ele já tem bastante palavras em português, porque nem que tu fala em polonês, mas algum significado da palavra não é correto, já é pego do português. (CbGII-M – Nova Erechim/SC)

Já o informante da CbGII-M de Áurea/RS afirma que:

[...] *A jest* diferença, *bo zatem że gdzie ojce nauczałe dobrze po polsku, a my to trochę* atrapalhado *gadamy, juz nie gadamy tak certo, jak po polsku* mesmo, *jak w Polce gadają*, porque, *ja, dziadki moję po umierałe jak ja małutki byłę, a ojce już nie gadałam tak jak dziadki, po polsku dobrze, no to jest ta* diferença. (CbGII-M – Áurea/RS)⁷⁶

Também buscamos perceber como foi ou é na igreja e na escola o uso do *Pol.* Os informantes de Áurea/RS destacaram que até poucos anos atrás havia missas em *Pol.* Os informantes da GII, em sua maioria, fizeram a catequese toda em *Pol.* Na escola era usado o *Pt.*-RS, e foi onde muitos tiveram contato e aprenderam o *Pt.*-RS. Já a GI destaca que a catequese sempre foi em *Pt.*-RS, mas felizmente, na escola municipal existem aulas de *Pol.* Já os informantes da GII de Nova Erechim/SC, que fizeram a catequese no RS destacam ter sido

⁷⁶ Tradução: [...] A tem diferenças, porque os pais ensinaram bem o polonês, e nós já falamos um pouco atrapalhado, já não falamos bem certo, como o polonês mesmo, como falam na Polônia, porque meus avôs morreram quando eu era pequenininho, e os pais já não falavam o polonês tão bem assim como os avós, então tem essa diferença. (CbGII-M – Áurea/RS)

em *Pol.*, assim como as missas. Porém, ao mudarem-se para Nova Erechim, passou a ser tudo em *Pt.-RS*, devido ao grande número de italianos no local.

Perguntamos também aos informantes como eles acham que as pessoas que vem de fora, de outros lugares veem as pessoas originárias que nascem e vivem nos municípios de Áurea/RS e Nova Erechim/SC. Os informantes de Áurea acreditam que seja de uma forma boa, positiva, pois o município conserva a cultura, conta com atividades polonesas, grupo folclórico polonês, festas, turismo rural polonês, museus, etc.. Porém, a informante da CaGII-F destacou que as pessoas pensam que em Áurea/RS todos são poloneses, que falam a língua polonesa e vivem os costumes poloneses, mas na verdade não é bem assim. O *Pol.* é mais conservado nos museus, escolas e grupo de danças folclóricas. Em Nova Erechim/SC, alguns informantes acreditam que o município, além de ser uma cidade simples, pequena, é vista de forma positiva. O informante da CaGI-M ressalta essa visão positiva, visto que o município se destaca pela formação das pessoas, dos profissionais. Esse fato foi perceptível por não termos encontrado no município a informante da CbGI-F. Isso permite supor que o grau de instrução no município seja elevado, e todos os jovens cursam ensino superior. O informante da CbGII-M também acredita que o município seja visto de forma positiva:

A, eles acham que Nova Erechim é um lugar assim mais calmo, mais aconchegante, de um povo mais acolhedor... *Bardziej przyjemny, tutaj nasze ludzi polskie, tu my jeszcze mówimy po polsku.* (CbGII-M – Nova Erechim/SC)⁷⁷

Somente a informante CaGI-F acredita que Nova Erechim/SC seja vista como um povo do interior, uma cidade pequena, pacata, sem muitas coisas para fazer, uma cidadezinha parada.

Ao serem perguntados sobre como os informantes se sentem mais, se poloneses, gaúchos/catarinenses ou brasileiros, nove informantes responderam que se sentem poloneses, sendo os quatro informantes da CbGII, os dois informantes da CbGI-M, as duas informantes da CaGII-F e a informante da CaGI-F de Nova Erechim/SC, porém esta destaca sentir-se polonesa por conviver com os costumes e pessoas de descendência polonesa, mesmo que não saiba falar a língua. O informante da CaGII-M de Nova Erechim/SC sente-se brasileiro de descendência polonesa. A informante CbGI-F de Áurea/RS ressaltou sentir-se polonesa, gaúcha e brasileira, sem distinção. Os demais quatro informantes sentem-se brasileiros hoje.

⁷⁷ Tradução: A, eles acham que Nova Erechim é um lugar assim mais calmo, mais aconchegante, de um povo mais acolhedor... Muito acolhedor, aqui nossa gente polonesa, que aqui ainda falamos polonês. (CbGII-M – Nova Erechim/SC)

Também visamos perceber quem os informantes acreditam que fale melhor o *Pol.*, de modo geral. A maioria dos informantes respondeu que são as pessoas mais velhas, os avós, e pessoas das gerações passadas. Outros responderam que são as pessoas que estudam o *Pol.*, os professores de *Pol.*, visto que os demais falam atrapalhado e misturado. O informante da CaGII-M de Nova Erechim/SC disse ser os próprios residentes no país de origem, que falam melhor a língua. Já a informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC destacou que os primeiros imigrantes, das gerações passadas, falavam melhor o *Pol.*, mas atualmente aquela língua não existe mais. E os informantes da CbGII de Nova Erechim/SC acreditam ser eles próprios que falam melhor o *Pol.*, segundo a fala do informante da CbGII-M:

Nós, eu acho que aqui no Brasil, falamos melhor o polonês, mais bonito, porque outros lugares já não falam assim [...]. É, acho que nós mesmos, a nossa descendência, a nossa geração [...] sim, quando se encontramos com os poloneses da nossa geração, então a gente ainda preserva e fala. (CbGII-M – Nova Erechim/SC)

Para concluir, perguntamos se a seleção brasileira de futebol jogasse contra a seleção polonesa, para quem os informantes torceriam. Em Áurea, os quatro informantes da GI torceriam para a seleção brasileira. Os dois informantes M da GII, um da Ca e outro da Cb torceriam para a seleção polonesa. Já as informantes F da GII, uma da Ca e outra da Cb ficaram indecisas e responderam que queriam que desse empate. Em Nova Erechim, também os informantes da GI torcem para a seleção brasileira, assim como a informante da CaGII-F. Já o informante da CaGII-M e os dois informantes da CbGII torcem para a seleção polonesa. Percebemos aqui que os informantes da GII são os que torcem para a Polônia, os quais mantêm mais vínculos afetivos com o país de origem de seus antepassados. São estes informantes que mais mantêm o *Pol.*. Já os informantes da GI, que estão mais distantes da cultura e da língua polonesa, torcem todos para o Brasil.

5.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Este capítulo apresenta os dados e a análise da aplicação dos termos de parentesco (sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros) em cada dimensão (diastrática, diageracional, diassexual e diatópica) a fim de perceber as atitudes linguísticas dos falantes. Inicialmente são apresentadas as descrições individuais das aplicações de cada termo de parentesco do questionário lexical, seguido da análise do uso dos termos de parentesco nas dimensões.

5.2.1 DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DAS APLICAÇÕES DE CADA TERMO DE PARENTESCO DO QUESTIONÁRIO LEXICAL

Considerando as 43 questões sobre os termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espirituais e neutros, segue a análise dos dados individuais que estão expostos em tabela no anexo 5. Aplicamos aqui a técnica de três tempos na entrevista (Thun, 2005b), que consiste em obter respostas espontâneas, por insistência e sugeridas.

As primeiras 22 questões (23 a 44) são referentes aos termos de parentesco sanguíneo. A primeira questão sobre os termos de parentesco foi a de número 23, referente ao termo *matka/mama/mãe*. Dez dos quinze informantes responderam de forma espontânea o termo em *Pol.*, *matka* ou *mama*, sendo estes, todos da GII – Áurea/RS e Nova Erechim/SC – e da CbGI de Áurea/RS. Os demais cinco informantes, todos da GI, responderam o termo em *Pt.-RS*, porém, quando sugeridas variantes em *Pol.* todos demonstraram conhecer.

Na questão de número 24, *ojciec/ojca/tata/pais*, ocorreram respostas espontâneas em *Pt.-RS* e em *Pol.* Oito informantes responderam o termo em *Pol.* e sete em *Pt.-RS*. Dos informantes que usaram o termo em *Pol.* cinco pertencem a GII e um à CbGI. Todos os informantes que usaram o *Pt.-RS* como resposta espontânea conhecem o termo em *Pol.*, como comprovamos a partir das respostas por insistência e sugeridas.

O mesmo já não aconteceu na questão 25, *rodzica/rodzina/ojcie/pais*. Somente seis informantes, todos pertencentes a GII proferiram os termos *rodzina* e *ojcie* em *Pol.* como respostas espontâneas. Os demais nove informantes responderam em *Pt.-RS*, e desses nove, somente dois conhecem os termos em *Pol.* a partir da sugestão.

A questão de número 26, referente ao termo *córka/filha*, foi respondida espontaneamente em *Pol.* por oito informantes, sete destes pertencentes à GII e um à CbGI-M, e entre as respostas surgiram também os termos *córeczka*, *dzieczka* e *dziwucha*, como variantes em *Pol.* Os demais sete informantes, todos da GI e um da CaGII-M responderam em *Pt.-RS*, e desses, somente três conhecem o termo a partir da sugestão.

Na questão de número 27, que se refere aos termos *syn/filho*, surgiu também a variante *synek*. Dos quinze informantes, somente sete responderam o termo em *Pol.* e seis em *Pt.-RS*. Dois informantes não tiveram respostas espontâneas, mas na sugestão reconheceram o termo em *Pol.* Novamente, das respostas espontâneas em *Pol.* seis foram proferidas por falantes da GII, e uma pelo falante da CbGI-M de Áurea/RS.

A questão 28, *bliźnięta/bliźniaki/gêmeos*, teve um menor número de respostas espontâneas em *Pol.* Somente quatro informantes, todos da CbGII responderam em *Pol.* Os

demais onze informantes responderam em *Pt.-RS*, e desses, apenas quatro informantes, todos da CaGII reconhecem o termo em *Pol.* a partir da insistência e da sugestência. Todos os informantes da GI desconhecem o termo em *Pol.*

Na questão 29, *brat/braciszek/irmão*, oito informantes responderam espontaneamente termos em *Pol.*, surgindo aqui ainda a variante *bratchak*, em *Pol.*, sendo seis pertencentes à GII e um à CbGI-M de Áurea/RS. Sete informantes responderam em *Pt.-RS*, a maioria informantes da GI, e desses, somente três conhecem os termos em *Pol.* constatados a partir da insistência e sugestência.

O mesmo não ocorreu na questão 30, *siostra/irmã*. Aqui, somente quatro informantes responderam o termo em *Pol.* A informante CaGII-F de Nova Erechim/SC respondeu a variante em *Pol.* *siostrzytzka*. Novamente as respostas em *Pol.* foram todas proferidas pela GII. Oito informantes responderam o termo em *Pt.-RS*, e três informantes não apresentaram respostas espontâneas, mas conhecem os termos a partir da insistência e sugestência.

A questão 31, *dziadek/dziadzia/avô/vovô*, teve como espontâneas em *Pol.* as respostas de oito informantes, a maioria pertencentes à GII. Os informantes CaGI-M e F e CbGI-F de Áurea/RS responderam o termo em *Pol.* por insistência. Estes três informantes, somados a outros cinco, proferiram o termo em *Pt.-RS*, porém todos conhecem o termo em *Pol.* a partir das sugestões.

A questão 32, *babka/babcia/babucha*, teve um maior número de respostas espontâneas, sendo dez em *Pol.*, e destas duas foram o termo *bathi*, variante considerado como *Pol.* A informante CbGI-F de Áurea/RS respondeu o termo em *Pt.-RS*, mas na insistência, respondeu em *Pol.* Quatro pessoas responderam em *Pt.-RS* e uma não apresentou respostas espontâneas. Porém, na sugestão de respostas, todos os informantes conhecem o termo em *Pol.*

Diferente do termo anterior é a questão de número 33, *wnuk/wnuczek/neto*. Somente cinco informantes responderam espontaneamente o termo em *Pol.* e um respondeu na insistência. Esses informantes pertencem todos à GII. Os demais nove informantes responderam de forma espontânea o termo em *Pt.-RS*, e desses, somente cinco reconheceram o termo a partir da sugestão.

A questão anterior, a partir da sugestência, fez alguns informantes lembrarem a resposta da questão 34, *wnuczka/neta*. Sete informantes responderam de forma espontânea o termo em *Pol.*, informantes estes, todos pertencentes à GII. Os demais informantes, todos da GI e a informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC responderam espontaneamente o termo em *Pt.-RS*.

Na questão 35, *pradziadek/bisavô*, somente cinco informantes da GII responderam o termo em *Pol.* Os demais dez informantes responderam espontaneamente o termo em *Pt.-RS*, sendo que somente três desses informantes conhecem o termo em *Pol.* a partir das sugestões.

Já na questão 36, *prababka/bisavó*, oito informantes proferiram o termo em *Pol.*, alguns, depois da sugestão apresentada na questão 35, lembraram da forma feminina em *Pol.* Destacamos que os oito informantes são todos pertencentes à GII. Entre eles está a informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC, que usa a variante *babcia* para referir-se à bisavó. Seis informantes responderam o termo em *Pt.-RS*, e uma informante não apresentou resposta espontânea. Dos seis informantes que responderam em *Pt.-RS*, cinco não conhecem o termo em *Pol.*, nunca o ouviram, de acordo com as sugestões.

A questão 37, *prawnuk/bisneto* apresentou como espontâneas em *Pol.* as respostas de quatro informantes, todos da CbGII. Os demais onze informantes responderam em *Pt.-RS.*, e somente dois deles conhecem o termo em *Pol.* como apontam as respostas por sugestão.

O mesmo aconteceu com o termo da questão 38, *prawnuczka/bisneta*. Os quatro informantes da CbGII responderam o termo em *Pol.*, acrescidos de mais dois informantes da CaGII que lembraram do termo feminino a partir da sugestão do termo masculino da questão 36, e responderam espontaneamente em *Pol.* Os demais nove informantes responderam em *Pt.-RS*, sendo que a partir da sugestão, somente dois destes informantes conhecem o termo em *Pol.*

A questão 39, *wuj/wujek/stryj/strya/tio*, teve seis respostas espontâneas em *Pol.* sendo proferidas por falantes da GII. Nove informantes responderam o termo em *Pt.-RS*, sendo que quatro destes conhecem os termos em *Pol.* a partir da sugestão.

Já na questão 40, *ciotka/ciocia/stryenka/wujenka/tia*, oito informantes responderam espontaneamente em *Pol.*, sendo estes todos da GII. Sete informantes, todos da GI, responderam o termo em *Pt.-RS*, e desses somente três demonstraram, a partir da sugestão, ter conhecimento do termo em *Pol.*

Diferente foi a questão 41, *siostrzeniec/bratanek/sobrinho*, que apresentou catorze respostas espontâneas em *Pt.-RS* e uma informante não apresentou respostas espontâneas. Somente os dois informantes da CbGII de Nova Erechim/SC, na insistência, mencionaram a variante *syn brateczny*, em *Pol.* Além destes, um único informante manifestou conhecer um dos termos em *Pol.*, a partir da sugestão.

Muito parecida foi a questão de número 42, *siostrzenica/bratanica/sobrinha*, na qual somente os dois informantes da CbGII de Nova Erechim/SC responderam espontaneamente em *Pol.*, sendo que a variante proferida por eles foi *siostra brateczna*. Doze informantes

responderam o termo em *Pt.-RS* e uma informante não apresentou resposta espontânea. Nenhum informante que respondeu em *Pt.-RS* conhece alguns dos termos referentes à questão em *Pol.*

As questões de número 43 – *kuzyn/brat wujeczny/primo* – e 44 – *kuzynka/siostra wujeczna/prima* – obtiveram resultados idênticos. Cada uma obteve como espontâneas em *Pol.* apenas as respostas dos dois informantes da CbGII de Nova Erechim/SC, que responderam, na questão 43 a variante *brat stryeczny*, e na questão 44, *stryeczna siostra*. Os demais treze informantes responderam em *Pt.-RS*, e nenhum conhece os termos sugeridos em *Pol.*

As próximas 12 questões (45 a 56) são referentes aos termos de parentesco por aliança. Na primeira questão, de número 45, *mąż/malżonek/esposo/marido*, quatro informantes responderam espontaneamente em *Pol.*, todos da CbGII. O informante da CbGI-M de Áurea/RS respondeu a variante *chłop* (homem), porém o termo foi anteriormente proferido pela entrevistadora na elaboração da questão. Dez informantes responderam os termos em *Pt.-RS*, sendo que apenas um desses informantes reconheceu o termo sugerido em *Pol.* Uma informante não apresentou respostas espontâneas.

A questão de número 46, *żona/malżonka/kobieta/esposa/mulher*, foi respondida espontaneamente em *Pol.* por seis informantes, sendo estes, os dois da CaGII de Áurea/RS e os quatro da CbGII de Áurea/RS e Nova Erechim/SC. Uma informante não apresentou respostas espontâneas e oito informantes responderam em *Pt.-RS*, porém, na sugestão, todos demonstraram conhecer o termo *kobieta*, em *Pol.*

O termo 47, *macocha/madrasta*, obteve quatro respostas espontâneas em *Pol.*, provindas dos informantes da CbGII. Os demais onze informantes responderam o termo em *Pt.-RS*, e três destes conheceram o termo em *Pol.* quando sugerido. O pouco uso do deste termo em *Pol.* justifica-se por ser esta uma tradição nova de origem brasileira.

Já o termo *pasierb/pasierbica/enteado/enteada*, contido na questão de número 49, não obteve respostas espontâneas em *Pol.* Onze informantes responderam o termo em *Pt.-RS*. A partir da sugestão, dois informantes lembraram o termo em *Pt.-RS* e os dois informantes da CbGII de Nova Erechim/SC lembraram do termo em *Pol.*

A questão de número 50, *teść/sogro*, teve duas respostas espontâneas em *Pol.* proferidas pelos informantes da CbGII de Nova Erechim/SC, os quais usaram o termo *ojciem*, e o termo *teść* foi proferido na insistência. Os demais treze informantes proferiram o termo em *Pt.-RS*, e desses, apenas quatro demonstraram conhecer os termos em *Pol.* a partir da sugestão.

A questão 51, *teściowa/sogra*, foi proferida em *Pol.* por quatro informantes. Dois informantes da CbGII de Áurea/RS, usaram o termo *teściowa*, já os informantes da CbGII de Nova Erechim/SC proferiram o termo *matka* (mãe), e relataram que é a forma de chamar a sogra. Os demais onze informantes responderam espontaneamente o termo em *Pt.-RS*. Destes, somente uma informante conheceu o termo em *Pol.* a partir da sugestão.

Analisando a questão de número 52, *szwagier/cunhado*, obtivemos a resposta em *Pol.* de seis informantes. Quatro da CbGII, um da CaGII de Áurea-RS e um da CbGI de Áurea/RS. Nove informantes responderam o termo em *Pt.-RS*, e destes, três conhecem o termo em *Pol.* a partir da sugestão.

A questão 53, *bratowa/szwagierka/cunhada*, também teve a resposta de seis informantes como espontâneas em *Pol.*, sendo todos os quatro da GII de Áurea/RS e os dois informantes da CbGII de Nova Erechim/SC. Os demais nove informantes responderam o termo em *Pt.-RS*, sendo que a partir da sugestão, destes nove, quatro conhecem o termo em *Pol.*

Na questão de número 54, *zięć/genro*, obtivemos seis respostas espontâneas em *Pol.* e uma por insistência. Estes pertencem à GII, com exceção da informante da CbGI-F de Áurea/RS. Nove informantes proferiram o termo em *Pt.-RS*, e destes, dois conhecem o termo em *Pol.* a partir da sugestão.

A questão 55, *synowa/nora*, apresentou como espontâneas em *Pol.* as respostas de cinco informantes, todos pertencentes à GII. Dez informantes responderam ao termo em *Pt.-RS*, e a partir da sugestão, constata-se que seis deles conhecem o termo em *Pol.*

A questão 56, *ojcowie/consogros*, teve cinco respostas espontâneas em *Pol.* e uma por insistência. Um informante respondeu as variantes *pais e sogros* em *Pt.-RS*. Os demais informantes não souberam responder, e a variante *consogros* em *Pt.-RS* é desconhecido para os informantes.

A partir de agora serão analisadas as respostas individuais dos seis termos de parentesco espiritual (57 a 62). A primeira questão, de número 57, referente aos termos *chrzestny/ojcec chrzestny/protektor/padrinho*, apresentou quatro respostas espontâneas em *Pol.*, sendo estas proferidas pela CbGII. Os demais onze informantes responderam o termo *padrinho* em *Pt.-RS*, e destes onze informantes, sete conhecem o termo *chrzestny* em *Pol.*

A questão 58, *chrzestna/matka chrzestna/protektorka/madrinha* obteve seis respostas espontâneas do termo *chrzestna* em *Pol.* Quatro destas foram da GII de Áurea/RS, e duas da CbGII de Nova Erechim/SC. Outros nove informantes proferiram a variante *madrinha* em *Pt.-*

RS de forma espontânea, sendo que desses nove, cinco conhecem o termo *chrzestna* em *Pol.* quando sugerido.

Já o termo *chrześniak/syn chrzestny/afilhado* obteve somente quatro respostas em *Pol.* proferidas pelos informantes da CbGII. Onze informantes responderam em *Pt.-RS*, e destes, cinco conhecem o termo em *Pol.* a partir da sugestão.

A questão 60, *chrześniaczka/córka chrzestna/afilhada* obteve como espontâneas em *Pol.*, as respostas de seis informantes, todos pertencentes à GII. A informante da CbGII-F de Áurea/RS mencionou ainda a variante *chrzestnicza*. Nove informantes proferiram o termo em *Pt.-RS*, e quatro desses informantes tem conhecimento do termo em *Pol.*, segundo as sugestões.

Na questão 61, referente aos termos *kumoter/compadre*, obtivemos seis respostas espontâneas em *Pol.*, novamente proferidas pela GII. Oito informantes responderam em *Pt.-RS*, sendo que sete deles lembraram da variante em *Pol.* a partir da sugestão. Uma informante não apresentou resposta espontânea, porém, na sugestão demonstrou conhecer o termo em *Pol.*

Já na questão 62, *kumozka/comadre*, foram proferidas dez respostas espontâneas em *Pol.*, e foi perceptível que isso aconteceu devido aos falantes terem lembrado o termo a partir da sugestão da questão anterior, de número 61. Cinco informantes responderam em *Pt.-RS*, e destas, uma respondeu em *Pol.* na insistência e três conhecem o termo em *Pol.* de acordo com a sugestão.

As três últimas questões (63 a 65) são referentes aos termos de parentesco neutros. A questão 63, *krewni/pokrewny/parente*, apresentou somente uma resposta espontânea em *Pol.*, proferida pela informante da CbGII-F de Áurea/RS, citada como *famielia*, que é um termo misto, ou seja, que tem traços de ambas as línguas em uso, neste caso vem integrar o repertório do *Pol.*. Na insistência surgiram ainda as variantes *parentka* (outro termo misto, constituído do *Pt.-RS* e *Pol.*, mas, por estar integrado na língua de imigração e só ser usado nessa situação, ele está integrado ao *Pol.*), *rodzina* e *famielia daleka*. Dez informantes responderam em *Pt.-RS*. Dois informantes não apresentaram respostas espontâneas.

A questão 64, *sierota/órfão*, teve quatro respostas espontâneas em *Pol.*, proferidas, mais uma vez, pelos falantes da CbGII. Onze informantes responderam em *Pt.-RS*, sendo que destes, três conhecem o termo em *Pol.* como constatado a partir da sugestão.

A última questão, de número 65, *para/malżeństwo/casal*, não apresentou respostas espontâneas em *Pol.* Na insistência foi mencionado o termo *rodzina* (família) pelos dois

informantes da CbGII de Nova Erechim/SC. Treze informantes responderam em *Pt.-RS*, e destes, a partir das sugestões, verificou-se que quatro conhecem o termo em *Pol.*

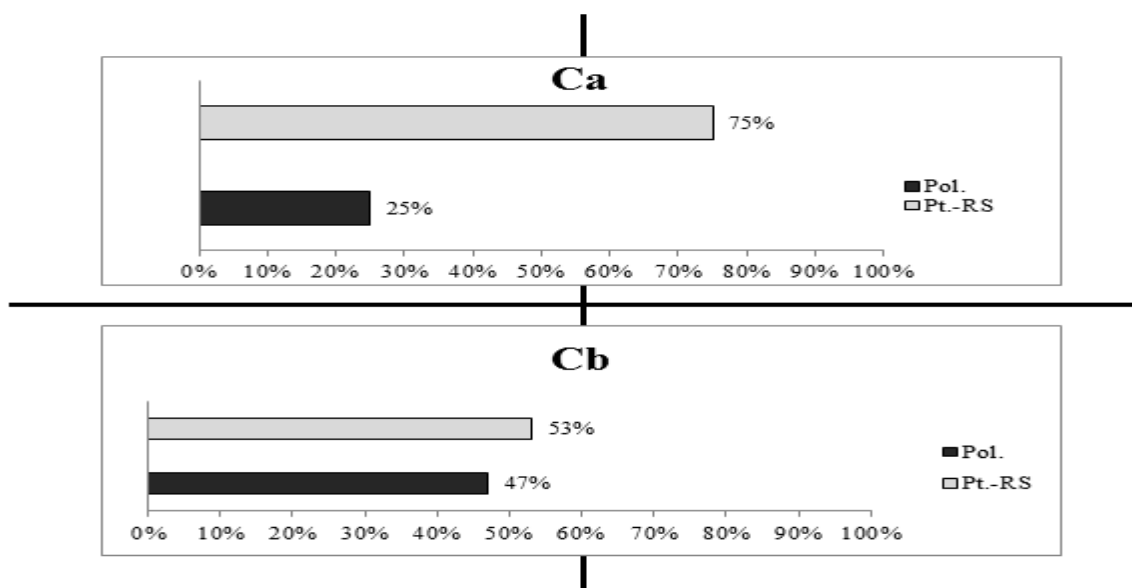
5.2.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA

Nessa parte da pesquisa, descreve-se e analisa-se a manutenção e a substituição dos quatro grupos dos termos de parentesco pela dimensão diastrática a partir das respostas espontâneas do questionário lexical. Os resultados são apresentados em dois gráficos, um de Áurea/RS e outro de Nova Erechim/SC.

Iniciamos pela descrição dos dados de Áurea/RS. No gráfico 1 abaixo, observa-se que a Cb apresenta uma manutenção do *Pol.* (47%), enquanto que a Ca aplicou 25% dos termos de parentesco em *Pol.*. A diferença de uso do *Pol.* entre a Cb e a Ca é de 22%. Dessa forma, a substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS* é maior na Ca, que apresentou uma substituição de 75% em relação à Cb (53%).

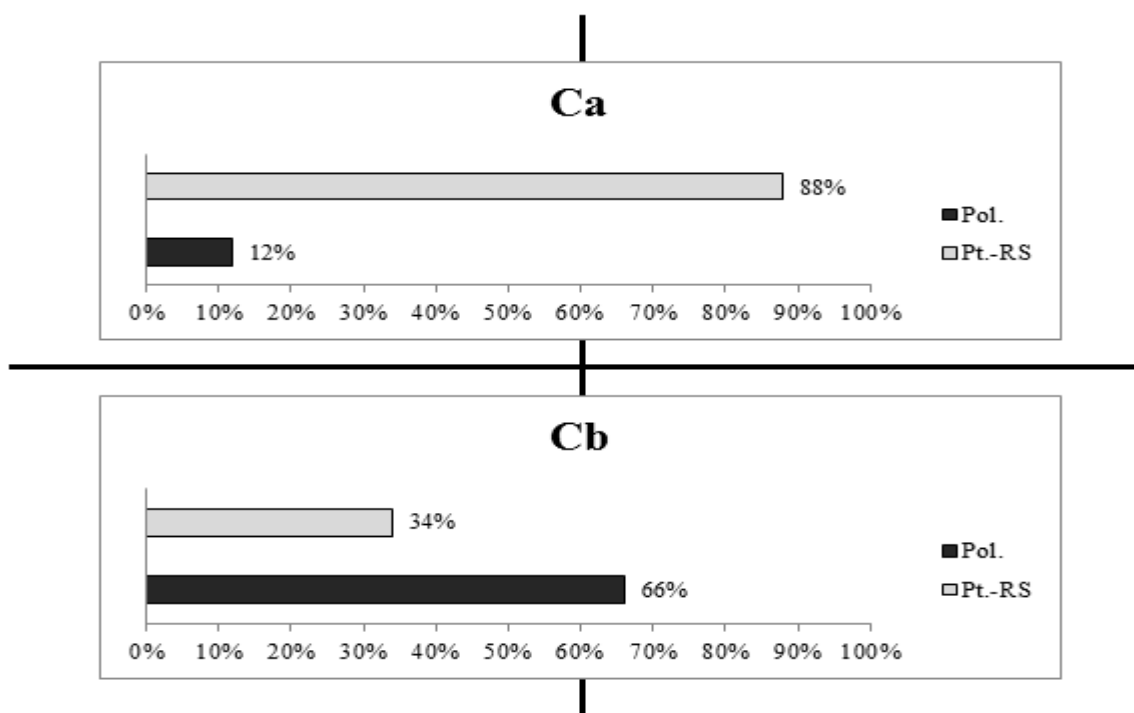
Para podermos visualizar e comparar melhor os dados, após o gráfico 1, expomos também o gráfico 2, com dados de Nova Erechim/SC:

Gráfico 1: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diastrática: Áurea/RS.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Gráfico 2: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diastrática: Nova Erechim/SC.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Em Nova Erechim/SC, de acordo com o gráfico 2 acima, a manutenção do *Pol.* também é realizada mais pela Cb (66%) em relação à Ca (12%). Aqui a diferença é ainda mais considerável que em Áurea/RS, sendo que a Cb apresentou uma manutenção de 54% de termos em *Pol.* a mais que a Ca. Dessa forma, a substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS* ocorre mais na Ca (88%), enquanto que a Cb apresentou uma substituição de 34%.

Observamos que em Áurea/RS, tanto na Ca como na Cb, o *Pol.* vem sendo substituído mais do que mantido, visto os números apontar para o uso do *Pol.* inferior a 50%, ou seja, a Ca apresentou uma manutenção de 25% e a Cb de 47%. O mesmo acontece na Ca de Nova Erechim/SC, que apresentou uma manutenção de 12% de termos em *Pol.*. Já na Cb deste local, percebe-se uma maior manutenção, foram aplicados 66% de termos em *Pol.*, sendo 19% a mais de manutenção do que a Cb de Áurea/RS. Acreditamos, a partir dos dados e informações do caderno de campo, que este maior uso de *Pol.* pela Cb de Nova Erechim/SC deve-se à manutenção da língua na família, única situação em que o *Pol.* é utilizado nesse município. Por ser a língua de comunicação entre integrantes da mesma família, que residem juntos, ela não sofre interferências externas, sendo mantida por mais tempo. Também o fato

de não termos encontrado a informante CbGI-F pode ter realçado o maior uso do *Pol.*, visto que a GI de Nova Erechim/SC usa preferencialmente o *Pt.-RS*.

Quanto à substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS*, a Ca de Nova Erechim/SC lidera o grau de substituição, com 88%; seguida pela Ca de Áurea/RS, com 75%; a Cb de Áurea/RS, com 53%, e a Cb de Nova Erechim/SC, com um menor grau, 34%.

Pela dimensão diastrática, de forma geral, é a Cb que mais mantém o *Pol.* nos dois pontos de pesquisa, e entre eles, Nova Erechim/SC apresenta 19% a mais, resultado que corrobora com a primeira hipótese. Margotti (2004) defende que os mais escolarizados favorecem a difusão do *Pt.-RS* ao fazer uso das variantes prescritas na escola ou adquiridas através de materiais escritos e da interação com pessoas letradas e falantes monolíngues de *Pt.-RS*.

Destacamos que a variedade do *Pol.* falada no local é uma variedade unicamente oral, pois os informantes, em sua maioria, relataram, durante o questionário metalinguístico, que não leem e nem escrevem na língua, fato este que confirmamos no momento da leitura do texto, pois a variedade não possui uma grafia, utiliza-se o polonês padrão na escrita. Porém, nenhum dos informantes tem contato com a língua polonesa escrita, a qual difere muito do *Pt.-RS*, única língua utilizada na modalidade escrita pelos informantes. A Ca, que manteve mais contatos com a língua portuguesa escrita usa mais o *Pt.-RS*, pois o domínio da língua em mais habilidades, segundo Mackey (1972), Grosjean (1982) e King e Mackey (2007) favorece a manutenção. Porém a única língua usada em domínios públicos e formais é o *Pt.-RS*, motivo pelo qual a mesma vem substituindo o *Pol.*. Já a Cb, que mantém menos contato com a escrita do *Pt.-RS*, ainda mantém o *Pol.* em maior número, no âmbito familiar.

Percebemos que a Cb mantém mais o *Pol.* do que a Ca. Os informantes da Cb de Nova Erechim/SC mantêm mais que a mesma célula de Áurea/RS. Já os informantes da Ca de Áurea/RS mantêm mais que os informantes da mesma célula de Nova Erechim/SC. Os informantes da CaGII-M e de Áurea/RS-F são professores, atuantes ainda, e acreditamos que uma maior formação/escolaridade provoca uma maior consciência linguística. Percebemos em Áurea/RS, a partir do questionário metalinguístico, que os informantes têm consciência sobre a importância do uso da língua, e que a mesma é ensinada e incentivada na escola do município, mesmo assim o uso que estes informantes da Ca fazem do *Pol.* é inferior aos informantes da Cb. O menor emprego de termos em *Pt.-RS* pela Ca demonstra que, atualmente, os informantes tem pouco conhecimento do *Pol.*, em muitos casos, insuficiente para manter uma comunicação na língua, mesmo que o questionário sobre as crenças demonstre que os mesmos tem consciência da importância da língua e cultura polonesa.

Resultado contrário foi apresentado na pesquisa de Wehrmann (2016), que pesquisou a situação do alemão em Tunápolis e Cunha Porã/SC, segundo a dimensão diarreligiosa, e os resultados indicaram que a Ca mantém mais o alemão que a Cb. A autora destacou que o maior conhecimento da Ca, o pertencimento a grupos de maior prestígio e o emprego do alemão em vários grupos de domínio foram fatores que implicaram a maior manutenção da língua pela Ca.

Em nossa pesquisa, a pouca difusão e a consequente substituição do *Pol.* pode estar relacionada com o pouco prestígio da língua, pois conforme Krug (2004), Labov (2008), Aguilera (2008), Appel e Muysken (2005), Tabouret-Keller (2007) e Altenhofen (2011), a língua identifica o grupo ao qual o falante pertence. Se o grupo possui prestígio e *status*, a língua desses falantes também possui. Em nossa pesquisa, os informantes da Cb, que mais mantém o *Pol.*, ou são agricultores ou têm uma profissão sem muito *status*, o que reflete na língua. Os próprios informantes da Ca e, inclusive da Cb, afirmam que o *Pol.* por eles falado é errado, misturado, arcaico.

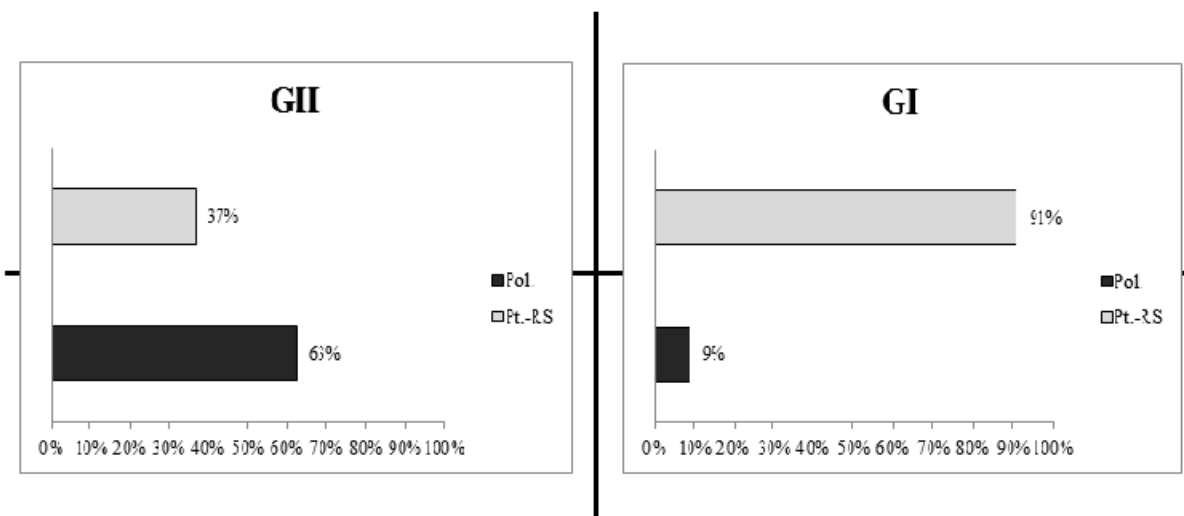
Em suma, pelos resultados demonstrados nos gráficos 1 e 2, verifica-se um grande diferencial em porcentagem quanto à manutenção do *Pol.* entre as classes socioculturais. Em Áurea/RS, há uma diferença de 22% da Cb sobre a Ca, e em Nova Erechim/SC essa diferença é ainda mais considerável, sendo de 54%.

5.2.3 DIMENSÃO DIAGERACIONAL

Neste tópico, apresentamos e analisamos a aplicação dos quatro tipos de termos de parentesco, obtidos através das respostas espontâneas, pela dimensão diageracional, a fim de verificar como está a situação do *Pol.* entre a GII, acima de 55 anos e a GI, entre 18 e 36 anos. Os dados estão apresentados em duas cruzes, uma para cada ponto de pesquisa, Áurea/RS e Nova Erechim/SC.

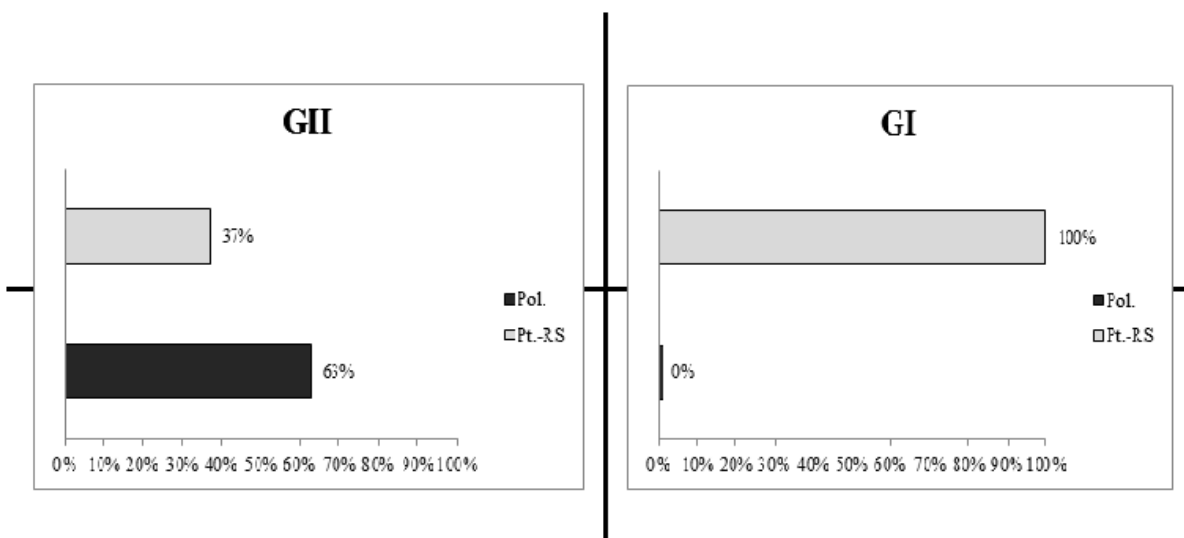
Em Áurea/RS, através dos resultados apresentados no gráfico 3 abaixo, observamos que a GII mantém mais o *Pol.* (63%) em relação à GI (9%), corroborando com a hipótese inicial. Dessa forma, o maior número de substituição é apresentado pela GI, que apresentou 91% dos termos em *Pt.*-RS em relação à GII, que apresentou uma substituição de 37%.

Gráfico 3: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diageracional: Áurea/RS.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Gráfico 4: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diageracional: Nova Erechim/SC.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Em Nova Erechim/SC, a partir dos resultados apresentados no gráfico 4 acima, é somente na GII que ocorre a manutenção do *Pol.*, sendo essa manutenção de 63%. A GI não produziu nenhuma resposta espontânea em *Pol.*. Dessa forma, a GI apresentou uma substituição de 100% em *Pt.-RS* em relação à GII (37%).

Comparando os dados, percebe-se que nos dois pontos de pesquisa, é a GII que mais mantém o *Pol.*, sendo que os resultados mostram que tanto em Áurea/RS como em Nova

Erechim/SC, a GII apresenta uma manutenção de 63%, apontando assim, um empate de dados. Dessa forma, a substituição, ou seja, o uso de termos em *Pt.-RS*, nos dois pontos pela GII é de 37%.

Os resultados que apresentaram o empate de 63% de manutenção do *Pol.* nas duas localidades pela GII, torna-se interessante, pois os informantes dessa geração, tanto de Áurea/RS como de Nova Erechim/SC, todos tem as mesmas origens, nasceram no RS, enquanto que a GI teve realidades diferentes no meio em que vivem.

Já a GI de Áurea/RS mantém mais o *Pol.* apresentando uma manutenção de 9%. Os informantes da GI de Nova Erechim/SC não proferiram nenhum termo em *Pol.*, indicando uma substituição de 100%.

Acreditamos que tal resultado esteja de acordo com o que destaca Margotti (2004), de que tanto falantes jovens como velhos tendem a reproduzir o estado da língua adquirido no início da vida até a adolescência e tendem a não mudar depois disso. Em nossa pesquisa, percebemos que sete dos oito informantes da GII teve o *Pol.* como língua materna, língua que era usada nos mais diferentes espaços e domínios, sendo que muitos só tiveram contato com o *Pt.-RS* na escola. Há várias décadas havia mais contatos em *Pol.*, pois a maioria dos interlocutores possuíam conhecimento do *Pol.*, fato que, de acordo com De Heredia (1989), Krug (2004), Appel e Muysken (2005), Fishman (2006) e Kersch (2011), favorece um maior número de contatos, ou seja, a vitalidade, que beneficia a manutenção. Este é um dos motivos pelo qual a GII mantém mais o *Pol.* do que os informantes da GI, que em sua maioria sempre falaram somente em *Pt.-RS*. Também, para muitos informantes da GII, principalmente os da Cb, a língua de imigração é uma forma de expressão da identidade, conforme Krug (2004), Appel e Muysken (2005), Tabouret-Keller (2007), Aguilera (2008) e Kersch (2011), o que faz com que estes informantes ainda mantenham o *Pol.*

Observa-se nitidamente que o grau de manutenção reduziu muito de uma geração para outra. Em Áurea/RS a redução foi de 54%, e em Nova Erechim/SC foi de 63%. A queda maior no grau de diminuição do *Pol.* entre as gerações, em Nova Erechim/SC, é explicável, de acordo com Thun (1996) e Altenhofen (2011), visto que vivem em um espaço com mais mobilidade e mais contatos, principalmente com o *Pt.-RS* e com o italiano, descendência da maioria da população nova-erechinense. Isso faz com que, nesse ponto de pesquisa, a língua majoritária uniformize-se entre a comunidade. Porém, isso não justifica o pouco uso do *Pol.* pela GI de Áurea/RS, local mais homogêneo etnicamente, cuja maioria da população é de descendência polonesa, que oferece suporte institucional em *Pol.*, e que, até pouco tempo rezavam-se missas em *Pol.*. O fato de o local ser mais homogêneo etnicamente deveria

favorecer uma maior manutenção da língua, e o fato de possuir a disciplina de língua polonesa no currículo escolar da escola municipal, segundo Heredia (1989), Altenhofen (2011) e Dück (2011), favoreceria a sua manutenção e consequentemente sua valorização nas instituições formais, visto ela estar representada. Porém, ressaltamos que a comunidade usa uma variedade da língua polonesa (*Pol.*), e a escola busca transmitir a língua polonesa padrão, fato que pode contribuir para a desvalorização da variedade. Também, percebemos que as aulas semanais de língua polonesa não são suficientes para a manutenção da língua entre os jovens, visto este ser o único incentivo com relação à língua.

Fishman (1991) destaca que as línguas estão ameaçadas porque a sua transmissão entre as gerações decorre de forma negativa, tendo cada vez menos usuários, assim como Krug (2004) e Margotti (2004) destacam que a língua segue um estágio decrescente, da geração mais velha para a geração mais nova. Assim, Garret (2012) destaca que ao deixar de ser adquirida e utilizada em situações do cotidiano pelos membros das gerações seguintes, ela pode ser perdida completamente. É o que observamos em nossa pesquisa. O *Pol.* está tendo cada vez menos usuários da GI, em Nova Erechim/SC a variedade já foi perdida completamente nessa geração.

Podemos concluir que a GI não adquire mais um conhecimento do *Pol.* que faça com que possam se comunicar. Já os informantes da CaGII também não possuem esse conhecimento suficiente para se comunicar fluentemente. Na GI de Áurea/RS podemos quase afirmar, e na GI de Nova Erechim/SC é possível perceber o a perda linguística, visto que os falantes estão deixando a língua morrer. Como os próprios informantes ressaltaram durante o questionário metalinguístico, os próprios falantes são os responsáveis por esta perda, pois os pais não estão repassando o conhecimento da língua no ambiente familiar.

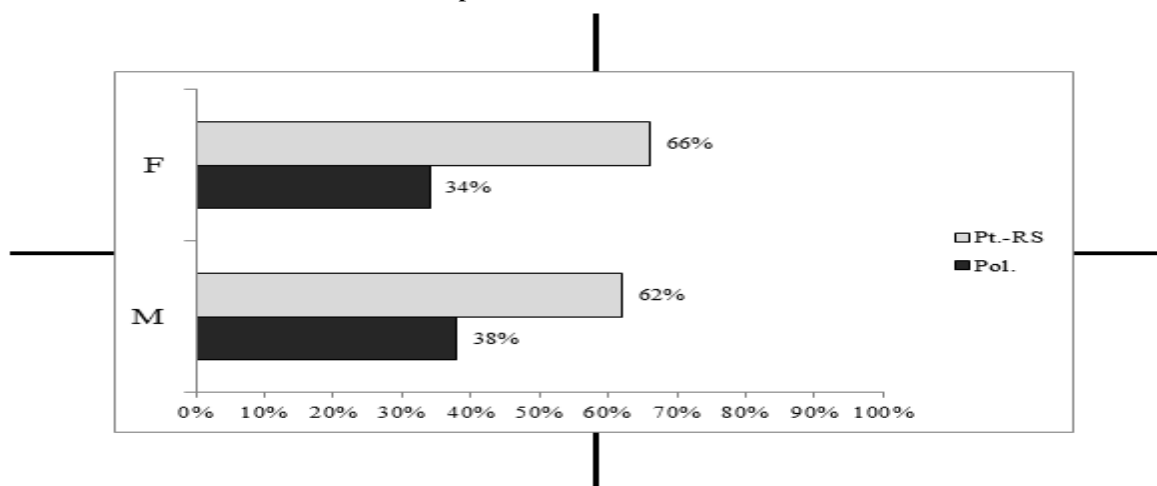
Appel e Muysken (2005) e Kersch (2011) destacam que a vitalidade do grupo garante as chances de sobrevivência de uma língua. Dessa forma, em relação a uma língua minoritária, a alta vitalidade indica a manutenção e a baixa vitalidade a substituição, sendo que a vitalidade refere-se às territorialidades em que determinada língua é usada. Em nossos contextos de pesquisa, percebemos que o *Pol.* vem apresentando uma baixa vitalidade, principalmente na GI. Os autores justificam que se a língua for usada em poucas territorialidades ou domínios, diminui o seu valor e com isso, diminui também a motivação dos jovens em aprender e usar a língua minoritária.

5.2.4 DIMENSÃO DIASSEXUAL

A soma do uso dos quatro tipos de termos de parentesco seguem apresentados e analisados pela dimensão diasssexual ou diagenérica, ou seja, a partir do gênero, masculino e feminino. Os resultados são expostos através de dois gráficos, um de Áurea/RS e outro de Nova Erechim/SC.

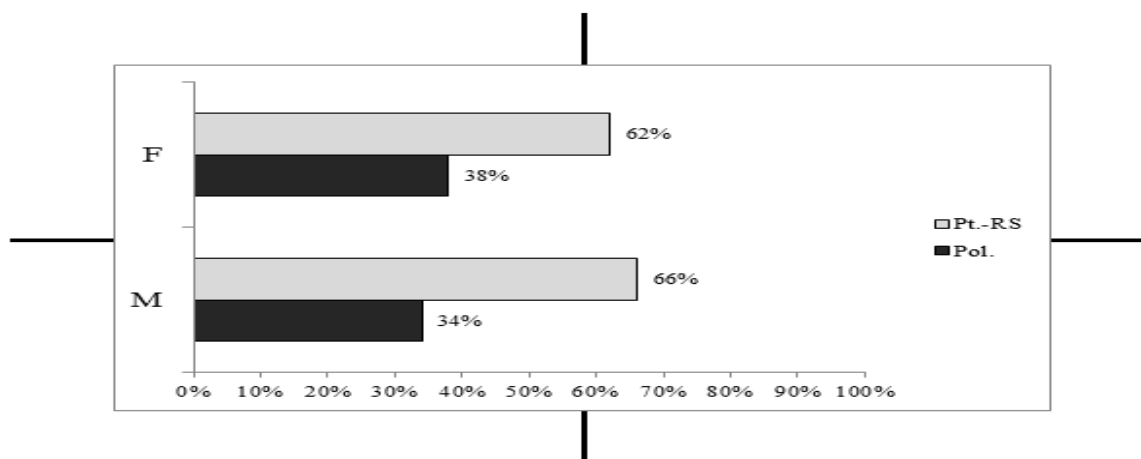
Percebemos em Áurea/RS, no gráfico 5 abaixo, que os homens apresentam um percentual maior na aplicação dos termos de parentesco em *Pol.* (38%) em relação às mulheres (34%). Dessa forma, é maior o grau de substituição entre as mulheres, que usam mais o *Pt.-RS* (66%) em relação ao uso do *Pt.-RS* pelos homens (62%). Porém, por ser muito pequena, essa diferença não é significativa

Gráfico 5: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diasssexual: Áurea/RS.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Gráfico 6: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diasssexual: Nova Erechim/SC.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Já em Nova Erechim/SC, de acordo com o gráfico 6 acima, aconteceu o inverso, podemos perceber que são as mulheres que mantêm mais o *Pol.* (38%) em relação aos homens (34%). Assim, os homens substituem mais, usando o *Pt.-RS* (66%) em relação às mulheres (62%). Destacamos que a informante da CbGI-F não foi encontrada, tais resultados foram calculados com base em quatro informantes masculinos e três informantes femininas.

Relacionando os dois gráficos, observamos que em Áurea/RS são os homens que mantêm mais o *Pol.* enquanto que em Nova Erechim/SC são as mulheres. As porcentagens foram as mesmas, sendo em Áurea/RS 38% de manutenção dos homens e em Nova Erechim/SC, esse mesmo número, 38% de manutenção, porém das mulheres.

Dessa forma, a substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS*, em Áurea/RS foi maior entre as mulheres, que apresentaram 66% de termos em *Pt.-RS*. O mesmo número foi usado pelos homens de Nova Erechim/SC.

Trudgill e Chambers (2004) defendem que as mulheres, em média, tendem a usar mais variantes de *status* mais alto do que os homens, ou seja, o *Pt.-RS*, assim como Piller e Pavlenko (2004) destacam que geralmente são as mulheres que começam a substituição linguística em suas comunidades. Labov (2001) também defende essa ideia, de que os homens usam com maior frequência formas não padrão e as mulheres tendem a proferir formas prestigiadas. Porém, em nossas comunidades de fala, é necessário observar suas peculiaridades. Labov (1981, apud Vieira, 2010)⁷⁸ destaca que nas mudanças linguísticas as mulheres estão na frente, porém reconhece que essa propensão das mulheres é para as formas de prestígio, e é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida pública. Assim, torna-se necessário considerar a língua em sua esfera sociocultural.

Eckert (1989) destaca que o sexo não é diretamente relacionado ao comportamento linguístico, mas reflete uma prática social complexa, que deve ser correlacionada com as demais variáveis linguísticas. Baseado em Labov, Eckert (1989, p. 248) destaca que o sexo não tem o mesmo efeito sobre o uso da língua em todos os lugares. A liderança das mulheres poderia ser explicada a partir da hierarquia socioeconômica.

Dessa forma, vinculamos nessa análise o gênero à classe sociocultural e ao papel que as mulheres desempenham na vida pública, para compreender se as mulheres realmente se aproximam mais da norma de prestígio que os homens.

⁷⁸ LABOV, Willian. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, n. 57, p. 267-308, 1981

Em Áurea/RS, a mulher da CaGII é professora ainda atuante; a mulher da CbGII é agricultora aposentada e atualmente reside na cidade; a mulher da CaGI trabalha em uma cooperativa da cidade; e a mulher da CbGI trabalha com serviços gerais na prefeitura. Aqui percebemos que somente a mulher da CbGII não desempenha funções na vida pública e os resultados comprovam que é esta informante que mantém mais o *Pol.* enquanto que as outras três usam mais o *Pt.-RS*, tida como mais prestigiada.

Em Nova Erechim/SC, a mulher da CaGII também é professora, porém aposentada; a mulher da CbGII é agricultora aposentada que ainda vive no meio rural; e a mulher da CaGI trabalha como atendente na prefeitura. Aqui, também é a mulher da CbGII que mantém mais o *Pol.*, enquanto que as outras duas substituem mais que as mulheres da mesma classe sociocultural e geração de Áurea/RS.

Analisando o papel que as mulheres desempenham na vida pública, o resultado esperado seria o mesmo nos dois locais, visto ser só as mulheres da CbGII que mantém mais o *Pol.*, as demais utilizam o *Pt.-RS*, que possui maior *status*. Porém, o que faz com que em Áurea/RS sejam as mulheres que substituem mais o *Pol.* pelo *Pt.-RS* e os homens em Nova Erechim/SC consiste na soma dos totais de termos utilizados por cada gênero. Como essa diferença foi muito pequena, de 4% entre os homens e as mulheres, em ambos os locais, destacamos que a dimensão diassexual não é relevante nessa análise.

Wehrmann (2016) percebeu em sua pesquisa que as mulheres mantêm mais o alemão nos dois locais de pesquisa, discordando também da ideia de Labov (2001). Porém a diferença em relação aos homens foi muito pequena, sendo de 1%. Já Bortolotto (2015) confirmou a ideia de Labov, pois as mulheres de Chapecó/SC e Pato Branco/PR apresentaram uma substituição maior do *talian* pelo *Pt.-RS*, sendo as diferenças de 4% e 9% a mais de uso de *talian* pelos homens em relação as mulheres nos dois locais, respectivamente. Para Horst (2014), a dimensão diassexual não apresentou resultados relevantes, assim como para Horst (2011), a aplicação dos termos de parentesco em alemão por homens e mulheres foi equilibrada, apresentando os mesmos resultados.

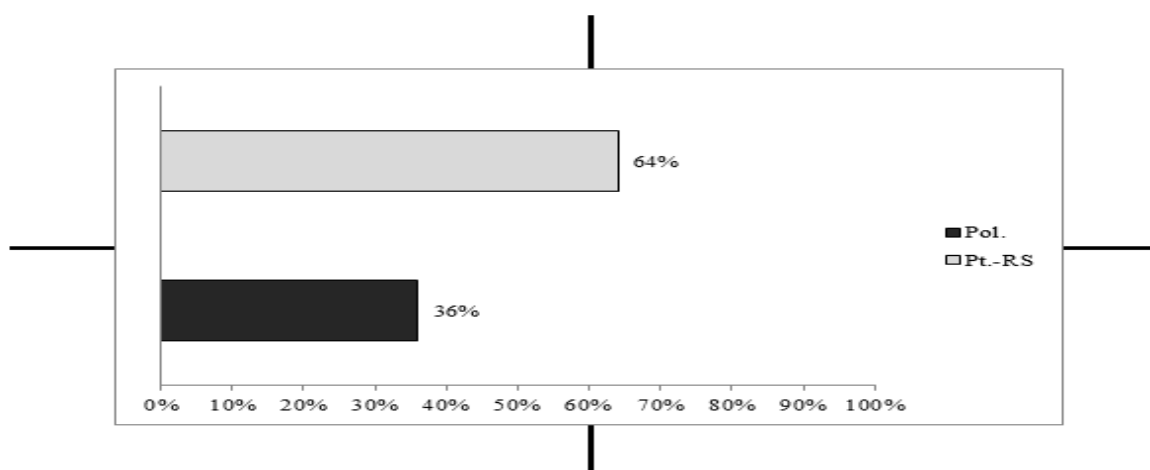
Dessa forma, para os contextos de imigração, podemos perceber que a dimensão diassexual não apresenta muita relevância, pois os resultados geralmente aparecem equilibrados entre homens e mulheres ou apresentam uma diferença muito pequena entre eles.

5.2.5 DIMENSÃO DIATÓPICA

A análise que segue apresenta uma visão geral sobre a dimensão diatópica, ou seja, o uso das duas línguas, o *Pol.* e o *Pt.-RS* nos dois locais de pesquisa, Áurea/RS e Nova Erechim/SC. Os dados, com as informações das dimensões diastrática, diageracional e diassexual estão agrupados em duas cruzes, uma para cada tópico de pesquisa.

Segundo o gráfico 7 a seguir, que mostra os dados de Áurea/RS, percebe-se que a língua que predomina é o *Pt.-RS*, com 64% dos termos. O índice de manutenção do *Pol.* é de 36%.

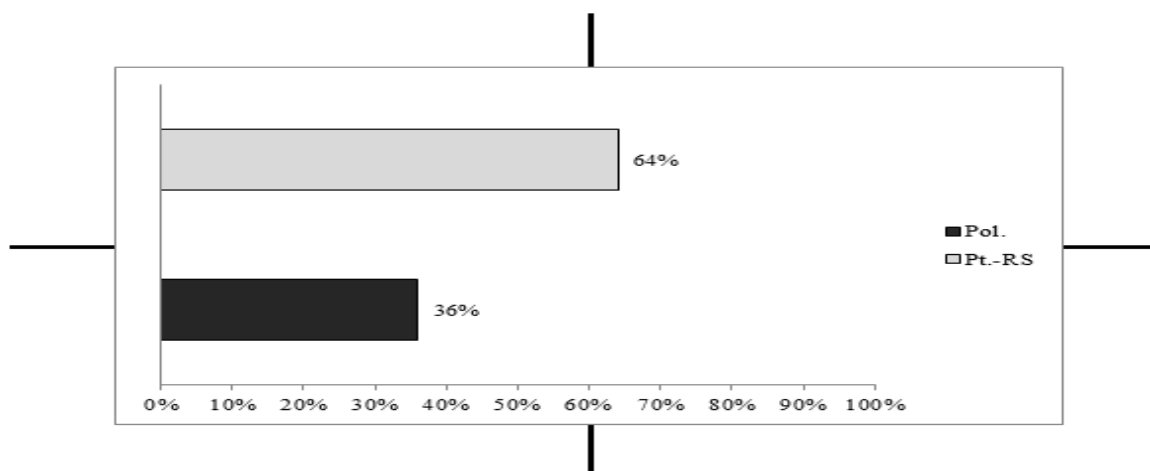
Gráfico 7: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diatópica: Áurea/RS.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Nada diferente foi o resultado de Nova Erechim/SC. No gráfico 8 abaixo, observou-se a predominância da substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS* de 64% e a manutenção no *Pol.* de 36%. Comparando os dois gráficos, verificamos que os resultados foram exatamente os mesmos nos dois pontos de pesquisa.

Gráfico 8: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir da dimensão diatópica: Nova Erechim/SC.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Altenhofen (2002) destaca que o oeste de Santa Catarina pode ser visto como prolongamento do avanço rio-grandense, mantendo um povoamento recente, no qual se encontram ainda falantes nascidos no Rio Grande do Sul. Esse é o caso de Nova Erechim/SC. Há uma relação topodinâmica entre os dois pontos de pesquisa. Podemos considerar Nova Erechim/SC como uma continuação de Erechim/RS e regiões próximas (inclusive Áurea/RS), devido à migração. A região de Erechim/RS é assim a matriz de origem de Nova Erechim/SC, pois todos os informantes da GII de Nova Erechim/SC nasceram no RS, na microrregião de Erechim/RS. Por isso, acreditávamos que os contatos linguísticos proporcionados pela mobilidade influenciassem no uso da língua dos informantes de Nova Erechim/SC, mas o resultado da nossa pesquisa, considerando a dimensão diatópica, não confirmou a nossa hipótese. Porém, através dos dados do caderno de campo, obtidos através da observação das localidades pesquisadas, percebe-se que o *Pol.* está muito mais presente em Áurea/RS, visto sua população ser predominantemente de origem polonesa, enquanto que, em Nova Erechim/SC a maioria da população é de origem italiana.

Também Altenhofen (2011) afirma que as variáveis tempo, origem dos imigrantes, suporte institucional e a diversidade étnica exercem uma grande influência na variação linguística, variáveis estas favoreceriam a manutenção do *Pol.* em Áurea/RS, ao contrário de Nova Erechim/SC. Também os fatores apresentados por Appel e Muysken (2005) e Dorian (2004), que se destacam na manutenção e substituição linguística, favoreceriam uma maior manutenção em Áurea/RS e menor em Nova Erechim/SC, principalmente os fatores

demográficos e institucionais, visto que a proporção da população de descendência polonesa em Áurea/RS é grande, além do incentivo à língua e cultura através da educação, grupo folclórico, museus, festas e roteiros que visam reviver e manter a cultura e tradições dos antepassados. Já quanto ao fator de *status*, percebe-se que o *Pt.-RS* goza de mais prestígio e *status* em ambos os locais.

Porém o empate técnico nos dados mostra que em nossa pesquisa, considerando os termos de parentesco, essas variáveis, ou fatores não exerceram influência no uso da língua. Talvez a justificativa seja que, em Áurea/RS, como o *Pol.* ainda é usado em alguns contextos na comunidade, com pessoas que possuem diversos níveis de conhecimento da língua, a mesma vem sofrendo mais interferências do *Pt.-RS*, o que facilita a comunicação entre os interlocutores. Assim, em conversas em *Pol.*, muitos termos são usados em *Pt.-RS*, e acabam sendo substituídos completamente.

O mesmo não ocorre em Nova Erechim/SC, onde a língua é usada exclusivamente na família pela CbGII ou com alguns vizinhos descendentes de poloneses da mesma geração, os quais são poucos. Dessa forma, o *Pol.* não sofre interferências do *Pt.-RS* ou de outras línguas, e assim se mantém entre esses informantes. Percebemos aqui a importância que a família desempenha na manutenção linguística. Porém, isso só acontece na GII, a GI apresenta uma substituição total do *Pol.* pelo *Pt.-RS*.

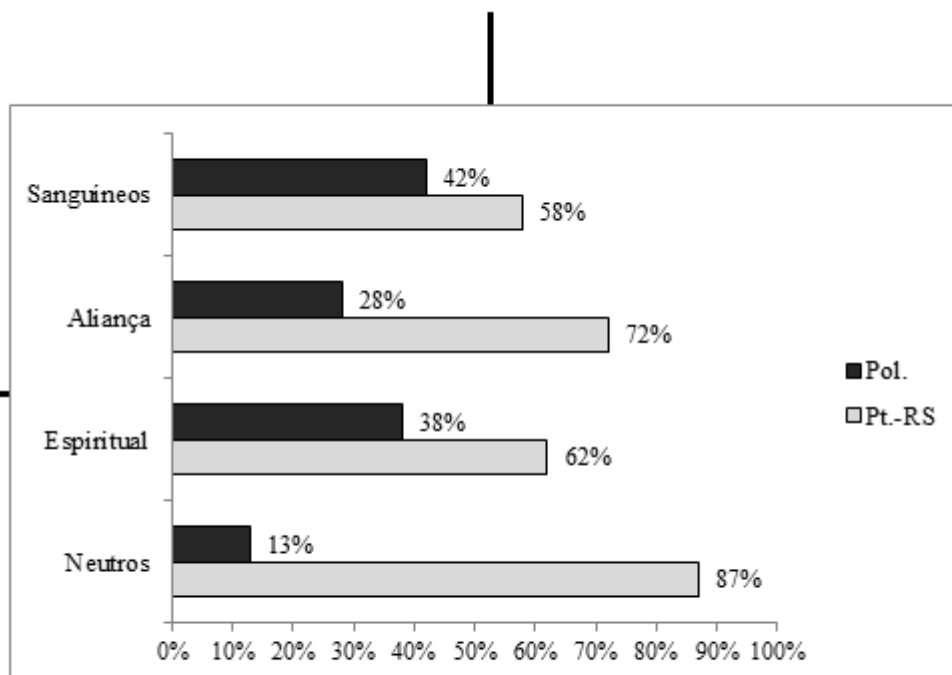
5.2.6 USO DOS DIFERENTES TIPOS DE PARENTESCO

Neste tópico, é analisado o uso dos diferentes tipos de parentesco (sanguíneos, por aliança, espirituais e neutros), considerando a soma de todos os informantes de cada ponto de pesquisa. Dessa forma, os resultados são apresentados em dois gráficos, um de Áurea/RS e outro de Nova Erechim/SC.

Inicialmente, em Áurea/RS, no gráfico 9 abaixo, percebemos que a maior manutenção dos termos em *Pol.* ocorre no tipo sanguíneo (42%), seguido do parentesco espiritual (38%). Já os termos de parentesco por aliança apresentaram uma manutenção de 28% em *Pol.* e os termos neutros mantêm 13% em *Pol.*

Dessa forma, percebemos que a substituição é maior que a manutenção em todos os tipos de parentesco. Lideram essa substituição os termos de parentesco neutros (87%), seguidos dos termos por aliança (72%), termos espirituais (62%) e por último, os termos sanguíneos, com 58% de uso em *Pt.-RS*.

Gráfico 9: Aplicação dos diferentes tipos de parentesco: Áurea/RS.

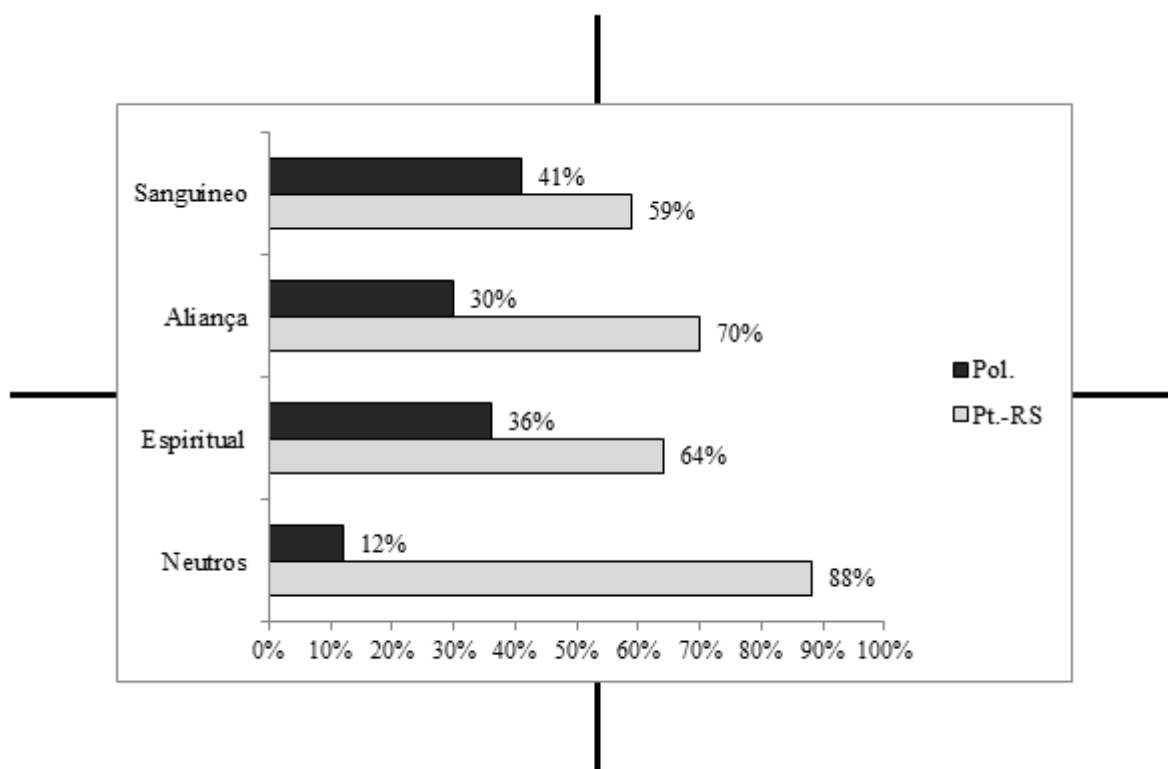


Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Em Nova Erechim/SC, a partir do gráfico 10 abaixo, percebemos que os termos que mantêm mais o *Pol.* são os termos sanguíneos (41%) seguidos dos termos espirituais (36%). Os termos de parentesco por aliança apresentaram uma manutenção do *Pol.* de 30% seguida pelos termos neutros (12%).

Da mesma forma que em Áurea/RS, predomina a substituição dos termos de parentesco do *Pol.* em relação à manutenção. Os termos neutros são os que mais foram substituídos pelo *Pt.-RS*, com 88%, seguidos dos termos por aliança (70%), os termos espirituais (64%) e os termos de parentesco sanguíneo, com 59%.

Gráfico 10: Aplicação dos diferentes tipos de parentesco: Nova Erechim/SC.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Relacionando as duas localidades de pesquisa, percebemos que os números apontam dados muito parecidos em ambas. Na aplicação dos diferentes tipos de termos de parentesco, houve mais ocorrências de termos em *Pt.-RS*, para todos os tipos de termos em ambos os pontos geográficos. Os informantes de Áurea/RS e Nova Erechim/SC mantêm mais os termos sanguíneos, seguidos dos espirituais, por aliança e neutros respectivamente. Porém os informantes de Áurea/RS apresentaram uma pequena vantagem nos termos sanguíneos, 42% em relação à 41% de Nova Erechim/SC, apresentando 1% a mais de manutenção. Já em relação aos termos de parentesco por aliança os informantes de Nova Erechim/SC apresentaram uma manutenção de 30% de termos em *Pol.* em relação à Áurea/RS (28%), apresentando assim 2% a mais de manutenção. Dos termos de parentesco espirituais, os informantes de Áurea/RS apresentaram mais manutenção do *Pol.* (38%) em relação à Nova Erechim/SC (36%), apresentando aqui 2% a mais de manutenção do *Pol.*. Áurea/RS também apresentou vantagem de 1% a mais de manutenção que Nova Erechim/SC nos termos neutros, apresentando 13% de uso do *Pol.* em relação à Nova Erechim/SC, que apresentou 12%.

Acredita-se que o maior uso de termos sanguíneos se deve à maior frequência de uso, logo uma maior resistência ao esquecimento ou substituição pelo *Pt.-RS*. Corrobora com este

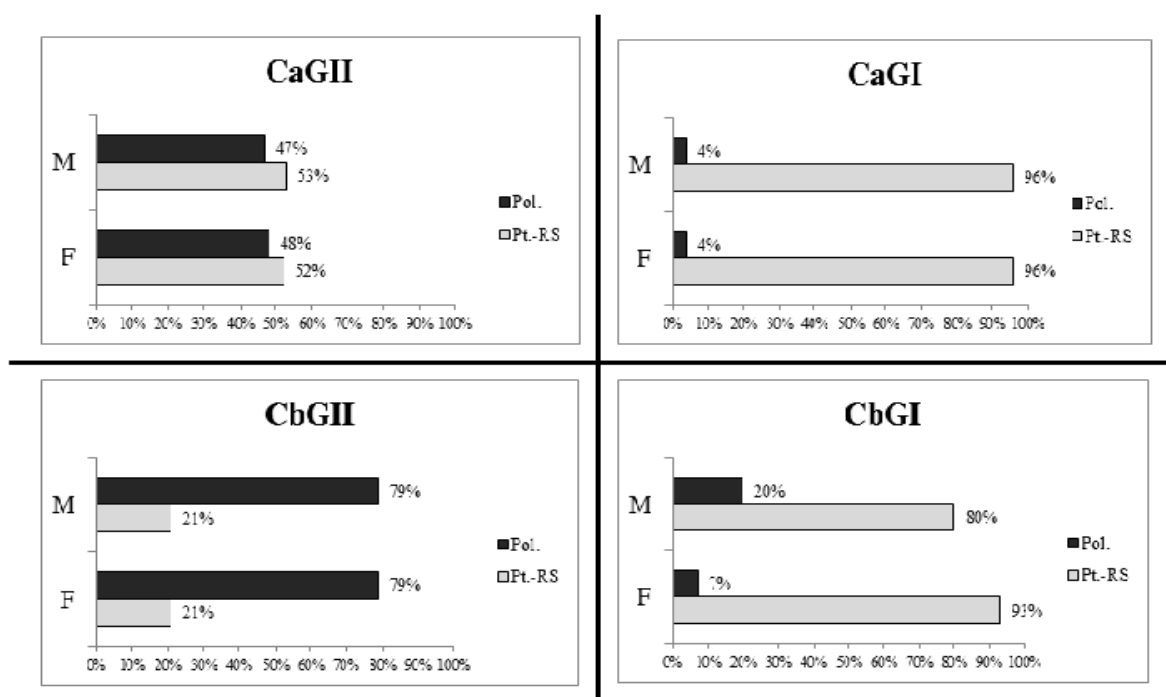
resultado a pesquisa de Bortolotto (2015), a qual também apresentou o maior uso de termos de parentesco sanguíneos em *talian*. Já para Horst (2011) o maior uso de termos em alemão foi o espiritual, seguido dos sanguíneos. O parentesco espiritual, segundo que mais se mantém em *Pol.* nesta pesquisa, é mantido principalmente pela GII, e acredita-se que os laços de amizade e respeito que os informantes ainda cultivam com parentes, amigos e vizinhos seja responsável por essa manutenção.

O menor uso dos termos de parentesco por aliança em *Pol.* condiz com a pesquisa de Horst (2011), em que os resultados apontaram que o parentesco por aliança foi o menos aplicado em alemão, entre os informantes teuto-brasileiros de Colinas/RS. A autora justifica essa substituição da língua minoritária pelo *Pt.-RS* nos termos de parentesco por aliança devido aos casamentos mistos, cujos termos passaram a ser lusitanizados. Ou seja, como cada cônjuge é de uma etnia e fala uma língua, eles acreditam, muitas vezes, não ser possível falar a sua língua com os filhos e utilizam a variedade portuguesa como língua oficial no lar e com os filhos.

5.2.7 DIMENSÕES: DIATÓPICA, DIAGERACIONAL, DIASTRÁTICA E DIASSEXUAL

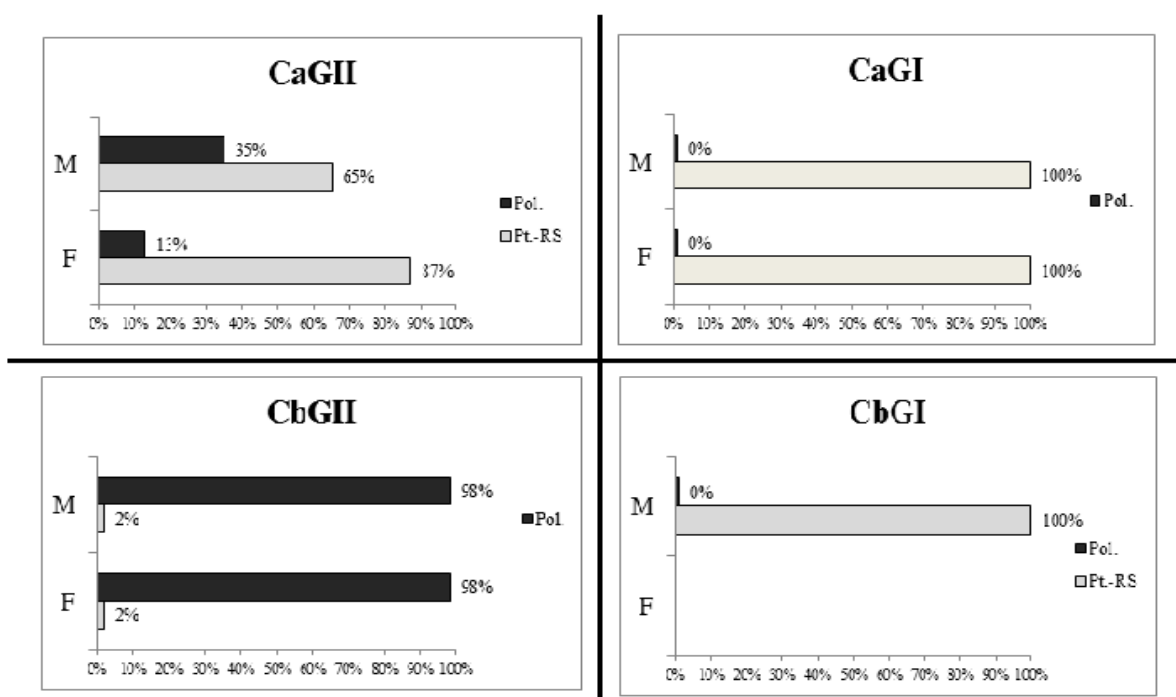
Objetivando demonstrar os resultados de cada dimensão, neste tópico apresentaremos os resultados (porcentagens) das respostas espontâneas cruzando dados das dimensões diastrática, diageracional e diassexual, nas quatro células da cruz. São apresentadas dois gráficos, a fim de demonstrar os resultados também na dimensão diatópica, conforme o gráfico 11 (Áurea/RS) e gráfico 12 (Nova Erechim/SC):

Gráfico 11: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e diatópica: Áurea/RS.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Gráfico 12: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança, espiritual e neutros em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e diatópica: Nova Erechim/SC.



Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Observando os resultados separados por cada dimensão, observa-se que entre os informantes de Áurea/RS, quadro 12 acima, é o homem e a mulher da CbGII que mais mantém o *Pol.*, com uma percentagem de 79%. Entre os informantes de Nova Erechim/SC, gráfico 12 acima, também é o homem e a mulher da CbGII, porém com um percentual de 98% de uso de termos em *Pol.*. Dessa forma, percebemos que os informantes da CbGII de Nova Erechim/SC mantém mais o *Pol.* do que os informantes da mesma célula da cruz de Áurea/RS, gráfico 11, apresentando 19% a mais de manutenção em *Pol.*

Nas demais células da cruz, percebe-se uma maior manutenção do *Pol.* em Áurea/RS. Na CaGII, o homem de Áurea/RS apresentou uma manutenção de 47% e a mulher 48%, e em Nova Erechim/SC, o homem apresentou 35% de manutenção e a mulher 13%. Na CaGI, tanto o informante M como a informante F apresentaram uma manutenção de 4% em relação à Nova Erechim/SC, a qual apresentou uma substituição total. Na CbGI de Áurea/RS, o informante M apresentou uma manutenção de 20% e a informante F usou 7% dos termos em *Pol.*. Já em Nova Erechim/SC, o informante M apresentou uma substituição total, não proferindo nenhum termo em *Pol.*. A informante F não foi encontrada.

Assim, a partir da aplicação dos termos de parentesco entre homens e mulheres das diferentes classes e gerações, podemos observar que tanto os homens quanto as mulheres da CbGII conhecem e produzem mais termos em *Pol.*, comparando com os informantes da CaGII, CaGI, CbGI, dados que confirmam que o uso da variedade polonesa está decrescendo da geração de mais idade para a geração mais nova. (KRUG, 2004; 2011; MARGOTTI, 2004).

Além da geração, podemos perceber que os informantes da Ca, ou seja, com maior escolarização, aplicaram mais termos em *Pt.*-RS, confirmando que os informantes mais escolarizados e instruídos aproximam sua fala da variedade padrão (MARGOTTI, 2004; LABOV, 2008).

A partir desses resultados, é possível perceber que não existem diferenças significativas entre os gêneros, mas sim entre as gerações. É a GII que ainda mantém o *Pol.*, e entre estes, a Cb em maior número. Na GI de Áurea/RS, prevemos a perda da língua em breve, fato que já ocorreu na GI de Nova Erechim/SC.

Quanto aos dados que apontam uma maior manutenção do *Pol.* pela CbGII de Nova Erechim/SC (19% a mais) em relação à CbGII de Áurea/RS, resultados diferentes da nossa hipótese inicial, acreditamos que o motivo seja o uso diário e exclusivo da língua na família (entre os informantes), fato que acontece com os informantes de Nova Erechim/SC. Como na

comunidade nova-erechinense o *Pol.* não é usado, os informantes da CbGII utilizam o *Pol.* somente na família, *Pol.* este que aprenderam na infância, ainda no RS, de forma que a língua não sofre interferências externas, já que os informantes quase não mantêm contato com a matriz de origem. Já em Áurea/RS, os informantes usam o *Pol.*, além da família, em várias situações no município, com pessoas da mesma geração, que possuem o mesmo conhecimento da língua, assim como, com pessoas de outras gerações, que por apresentarem menos facilidade em comunicar-se em *Pol.*, acabam acontecendo mais interferências do *Pt.-RS* e, com o passar do tempo, essas interferências incorporam no idioma, sendo substituídas.

5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONVERSA LIVRE SEMIDIRIGIDA E A LEITURA

Ao decidirmos aplicar os três tipos de estilos de entrevista – conversa livre semidirigida, perguntas/respostas ao questionário e leitura – pertencentes à dimensão diafásica, pretendíamos perceber quantos e quais termos de parentesco seriam proferidos em *Pol.*. O estilo de *perguntas/respostas ao questionário* foram analisadas acima. Porém, depois de realizadas as entrevistas, percebemos que a análise detalhada do estilo *conversa livre semidirigida* e da *leitura* tornam-se inconsistentes, visto que não foram com todos os informantes que conseguimos realizar a entrevista em *Pol.*. Dessa forma, fizemos algumas considerações dos dados obtidos nestes estilos, em nossa pesquisa:

Estilo *conversa livre semidirigida*

Este estilo, da *conversa livre semidirigida* é considerado o estilo mais espontâneo da entrevista (Thun, 1996), em que o informante sente-se à vontade para falar sobre si, preocupando-se com o que fala, e não com a forma como fala. Nesse sentido, pretendíamos perceber quantos e quais termos o informante proferia em *Pol.* e em *Pt.-RS* ao falar sobre sua família.

Porém, como já mencionamos, tal análise tornou-se sem sentido após a realização das entrevistas, visto que somente 25% das conversas livres semidirigidas aconteceram em *Pol.*. A mesma foi realizada em *Pol.* somente pelos quatro informantes da CbGII. Os informantes da CaGII de Áurea/RS iniciaram a conversa em *Pol.*, mas sentiram dificuldade e logo mudaram para o *Pt.-RS*, assim como o informante da CbGI-M de Áurea/RS. Os demais informantes, todos realizaram a conversa em *Pt.-RS*.

A partir desses dados, percebemos que a língua vem sendo utilizada principalmente pela CbGII. Os demais informantes não possuem mais um conhecimento suficiente da língua para manter uma comunicação. Os informantes da CaGII, e o informante da CbGI-M de Áurea/RS iniciaram a conversa em *Pol.*, mas sentiram dificuldades, falta de vocabulário, e mudaram para o *Pt.-RS*, língua em que se sentem mais confortáveis. Isso confirma a tendência apresentada por Altenhofen (2004); Krug (2004) e Margotti (2004), que a fala na variedade minoritária, nesse caso o *Pol.*, está decrescendo da geração de mais idade para a geração mais nova, fato observável em tempo aparente, e que a maior escolarização contribui para o maior uso da língua oficial, o *Pt.-RS*.

Resultados semelhantes foram obtidos com relação ao contato italiano-português, na pesquisa de Bortolotto (2015), em que o *talian* é mantido principalmente pela CbGII. Já resultados contrários foram apresentados no contato do alemão-português em Horst (2011), Krug e Horst (2012) e Wehrmann (2016), em que a manutenção do alemão acontece em todas as classes socioculturais e gerações.

Estilo Leitura

A *leitura* é considerada o estilo mais formal da entrevista, e tem como objetivo perceber se os informantes leem. Foi realizada ao final, a partir de um texto em *Pol.* (anexo 4) contendo os termos de parentesco enfatizados no estudo. Como já mencionamos anteriormente, o objetivo era apresentar ao informante o texto em *Pol.* (variedade polonesa local) e outro na variedade polonesa padrão, para analisar qual texto o informante conseguiria ler com mais facilidade. Porém, essa prática não foi possível, pois o *Pol.* falado nas localidades não possui uma grafia escrita, para escrever, foi necessário recorrer ao polonês padrão, o qual não é de conhecimento dos informantes. Dessa forma, conseguimos apresentar ao informante somente um texto, ao qual adaptamos a sintaxe ao *Pol.* local, que é mais simplificada, porém com a grafia do polonês padrão.

Assim, a análise da leitura não foi foco do trabalho, este estilo de entrevista serviu apenas para perceber que existe um *Pol.* local, o qual é unicamente oral, e que somente o polonês padrão é representado graficamente, porém existem diferenças consideráveis da variedade local (*Pol.*) em relação ao polonês padrão, o que torna mais difícil a escrita da variedade e consequentemente a leitura pelos informantes.

Isso foi também relatado pelos informantes já no início da entrevista, durante a conversa livre semidirigida e o questionário metalinguístico sobre as crenças linguísticas, em

que alguns informantes destacaram saber falar o *Pol.*, mas que não leem e não escrevem nesta língua. Ilustramos com a fala da informante da CbGII-F de Áurea/RS:

Eu só não sei escrever em polonês, mas falar, falamos tudo. (CbGII-F – Áurea/RS)

E durante a leitura, esse fato se confirmou. Os informantes tentaram iniciar a leitura, mas todos foram sem sucesso. Alguns conseguiam encontrar alguns dos termos proferidos durante o questionário lexical, mas nada mais que isso, somente algumas palavras soltas. Os informantes que iniciaram a leitura tentaram usar a fonética da língua portuguesa, mas desistiram da leitura após as primeiras palavras.

Dessa forma, confirma-se a nossa inferência de que o *Pol.* é uma variedade somente oral, assim como fica claro que os informantes nunca tiveram aulas de *Pol.* na escola. Dessa forma, desconhecem o polonês escrito, que é o polonês padrão.

A fim de observação, destacamos que depois de concluídas as análises da presente dissertação, a pesquisadora participou do curso de Metodologia para Professores de Língua Polonesa, na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, em dezembro de 2016, curso esse ministrado por duas professoras polonesas, que vivem na Polônia, e mais três professoras polonesas nativas que vivem em Curitiba atualmente. Ao observar a fala de falantes nativos do polonês padrão, percebe-se que o *Pol.* falado no sul do Brasil é um dialeto muito antigo e provindo de algumas regiões, pois muitas palavras usadas no *Pol.* são desconhecidas no polonês padrão. Além disso, o dialeto do sul do Brasil (*Pol.*) é um polonês simplificado, no qual não são usadas as diversas declinações existentes no polonês padrão.

5.4 RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS

Ao analisarmos as crenças linguísticas, as três primeiras questões visavam perceber quais línguas os informantes falam na família, quais línguas usam mais de modo geral, e em quais línguas gostam de falar mais, cujo resultado foi comprovado a partir das atitudes.

Nas crenças, os informantes da CbGII, tanto de Áurea/RS como de Nova Erechim/SC manifestaram usar mais o *Pol.* e gostar de usar mais o *Pol.*. O informante M da CaGII e da CbGI destacaram gostar do *Pol.*, mas usam mais o *Pt.-RS*. Tais dados foram confirmados a partir das atitudes, do uso da língua em *Pol.* e em *Pt.-RS* no questionário lexical. Todos os demais informantes que relataram usar somente o *Pt.-RS*, tal o fizeram.

Também o maior uso de *Pol.* se concretizou nos informantes que tiveram o *Pol.* como língua materna, que foram todos os informantes da GII, exceto a informante da CaGII-F de

Áurea/RS. Porém, os informantes da Cb são os que mais usam o *Pol.*, visto que as pessoas com mais escolaridade, ou seja, da Ca, segundo Margotti (2004) tendem a aproximar a fala da variedade padrão, nesse caso do *Pt.-RS*.

Ao serem questionados sobre a língua que preferem usar quando recebem visita, a CbGII destacou que prefere usar o *Pol.* se a visita fala *Pol.*. Os demais informantes, principalmente da GI destacaram que sentiriam dificuldades, que talvez entenderiam algo, mas que muitos não conseguiriam se expressar em *Pol.*. E comprovamos isso através do uso dos termos de parentesco. Os informantes da GI de Áurea/RS usaram 9% de termos em *Pol.*, e os informantes de Nova Erechim/SC usam somente o *Pt.-RS*. Porém, a partir das sugestões, percebemos que alguns dos informantes reconhecem alguns termos, o que significa que ainda possuem algum conhecimento passivo da língua, que os permite compreender algumas palavras e expressões em *Pol.*, conhecimento esse não suficiente para estabelecer uma comunicação. Para Pertile (2009) e De Heredia (1989), esses falantes são considerados “bilíngues passivos”, ou seja, tiveram o contato com a língua, mas não aprenderam a falar. Baker (2006) destaca que são bilíngues passivos por terem uma maior habilidade receptiva (compreensão e leitura) do que produtiva (falar e escrever). Já Grosjean (1982) chama de bilíngue dormente, ou seja, o indivíduo aprendeu e usa uma segunda língua, porém a primeira não foi perdida completamente, os indivíduos ainda tem conhecimento da língua.

A maioria dos informantes também relatou conhecer pessoas que sabem falar o *Pol.*, mas não falam, alguns da GII destacaram que já tiveram vergonha de falar em *Pol.*, mas que não tem mais, e todos conhecem pessoas que sentem vergonha da língua de imigração. Uma justificativa pode ser o que destaca Dorian (2004), que as línguas que coexistem em uma região refletem hierarquias de prestígio e poder entre os falantes, sendo que a língua adotada pelo Estado – aqui o *Pt.-RS* – sempre está em vantagem, deixando os outros idiomas em desvantagem.

Quanto à importância em passar o conhecimento da língua de imigração para os filhos, todos ressaltaram a importância dessa transmissão de conhecimento, devido a vários fatores, entre eles, manter as origens, a tradição, conservar a história, a cultura e a língua dos antepassados, e pela importância de saber mais de uma língua. Porém os informantes da GI destacam que esse conhecimento não foi transmitido a eles pelos pais e avós, e dessa forma eles não terão condições de passar aos filhos. Lamentam e gostariam de ter aprendido. Dorian (2004) destaca que os pais sofreram sanções ou desvantagens sociais na escola e na vida profissional através do conhecimento limitado da língua oficial, decidiram por não transmitir

a língua minoritária aos filhos. Os dados das atitudes, representadas a partir do questionário lexical confirmam esses dados, que os informantes da GI não têm domínio do *Pol.*.

Os informantes destacaram que deveria ter ensino de *Pol.*, somente a informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC destacou não haver mais necessidade atualmente em Nova Erechim/SC, pois quase ninguém mais usa o *Pol.*. Aqui se percebe que em Nova Erechim/SC o *Pol.* não é usado em nenhuma situação no município, ela se restringe ao ambiente familiar, de poucas famílias que conservam a língua ainda, no caso dessa pesquisa, que ainda usam o *Pol.* em ambiente familiar é somente a CbGII. Conforme dados do caderno de campo, em Áurea/RS, o *Pol.* ainda é usado em algumas situações no município, porém cada vez menos. Percebemos nos contextos da pesquisa que o *Pol.* apresenta uma baixa vitalidade, a qual resulta na mudança linguística para a língua majoritária, de acordo com Appel e Muysken (2005) e Kersch (2011), enquanto que a alta vitalidade faria com que a língua minoritária se mantivesse, sendo que esta vitalidade refere-se ao número de domínios, ou segundo Altenhofen (2011), às territorialidades em que a língua é usada. E quando a língua é falada em menos territorialidades, diminui o seu valor e consequentemente diminui a motivação dos jovens em aprender e usar a língua minoritária.

Os dados apresentados a partir do uso dos termos de parentesco também comprovaram a afirmação dos informantes de que todos conhecem alguém que sabe falar a língua de casa, o *Pol.*, mas insiste em falar somente o *Pt.-RS.*, um dos motivos pelo qual a língua está morrendo, segundo a informante da CaGII-F de Áurea/RS. Isso também é justificado por Lasagabaster (2004) que afirma que as atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais fortes, como a família, trabalho, religião, amigos ou a educação, ao ponto de as pessoas tenderem a ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que são predominantes nos grupos sociais a que se vinculam, e nos locais pesquisados o *Pt.-RS* predomina. Outra justificativa para este fato pode ser o que apresentam Appel e Muysken (2005); Botassini (2011) e Cardoso (2015), de que as línguas carregam conotações sociais que refletem o *status* e o prestígio concedido aos falantes dessas línguas ou variedades. O *Pol.* não goza de prestígio e *status*, como vimos nos depoimentos de muitos informantes. A língua que possui prestígio e *status* é o *Pt.-RS* e o polonês padrão falado na Polônia. E Dorian (2004) complementa destacando que quando as pessoas percebem que a língua oficial do estado confere maiores vantagens em termos de educação, emprego, participação política e serviços do Estado, inicia-se o processo de mudança.

Também foi possível perceber que o *Pol.* é visto de forma positiva pelos informantes. Informantes da GI lamentam não saber falar, destacam que não tiveram a oportunidade de

aprender, ou que não foram incentivados a aprender. Alguns informantes da GII destacam que essa transmissão seria de responsabilidade dos pais, porém, nas novas gerações muitos pais não tem mais conhecimento suficiente para poder transmitir aos filhos. É o que ressaltam Lasagabaster (2004) e Huguet (2006), de que as atitudes são aprendidas e não herdadas, dessa forma são suscetíveis de serem modificadas. Assim, os pais e a educação, assim como outros fatores de socialização, como amigos, colegas, meios de comunicação de massa podem afetar as atitudes em relação a uma língua, seja ela majoritária ou minoritária.

De Heredia (1989) destaca que muitas vezes, os pais enfrentam o dilema de saber o que convém à criança: se ensinar-lhes a língua materna, da família, língua esta que transmite as relações afetivas, simboliza e concretiza a identidade cultural, ou se, com a preocupação de integração, êxito escolar e promoção social, falar e ensinar a língua majoritária, língua da escola. Devido a intervenções políticas por que passaram, sabemos que os pais sofreram por não dominarem perfeitamente a língua majoritária, e mantendo uma visão negativa sobre o fato, deixaram de ensinar a língua minoritária, acreditando estarem dessa forma facilitando a vida dos filhos. Nos locais pesquisados, tudo favorece o uso do *Pt.-RS*, como percebido através das crenças e confirmado a partir das atitudes linguísticas.

Essa mudança linguística a favor do *Pt.-RS* que foi percebida nos locais em estudo, já tem seus informantes sendo da terceira, quarta e quinta geração de descendentes de poloneses no Brasil⁷⁹, e de acordo com Pertile (2009) e Appel e Muysken (2005), a primeira geração era bilíngue com predominância da língua minoritária, na segunda geração uma das línguas prevaleceu, já na terceira geração, caso dos nossos informantes da GII é bilíngue com predominância da língua majoritária, o *Pt.-RS* e a quarta geração só tem domínio da língua majoritária. Estes até possuem um conhecimento da língua minoritária, mas não a falam. São considerados “bilíngues passivos”.

Em Nova Erechim/SC, a falta de uso é justificada por alguns dos informantes ao fato de que a mesma não é usada em nenhuma situação no município, a não ser em alguns ambientes familiares isolados. Esse pouco uso não desperta o interesse dos jovens em aprender. O informante da CaGII-M de Nova Erechim/SC destaca que o *Pol.* aqui falado é arcaico, e outros informantes complementam dizendo que o mesmo é errado, misturado, deturpado, e que este também é um dos motivos pelo qual a língua vem sendo usada cada vez menos. Essa forma como a sociedade vê a língua, errada, sem prestígio, tem afetado a relação dos próprios falantes, e segundo Altenhofen (2002) ocasiona a interrupção da língua para as

⁷⁹ Este também é o caso do italiano e do alemão.

futuras gerações. Essa é a diferença que os informantes percebem entre o *Pol.* local e o *Pol.* de outros locais. Os informantes consideram o polonês falado na Polônia como adequado, correto, enquanto o *Pol.* local é considerado como misturado, atrapalhado, deturpado, antigo, arcaico. Dessa forma, ressaltaram que quem fala melhor o *Pol.* são as pessoas mais velhas, das gerações passadas, os professores que estudam o *Pol.* e os próprios residentes na Polônia.

A maioria dos informantes está ciente de que, num futuro breve o *Pol.* irá desaparecer nas comunidades em estudo, pois a GI de Áurea/RS fala preferencialmente em *Pt.-RS*, enquanto que a GI de Nova Erechim/SC fala somente em *Pt.-RS*. Isso vem ao encontro do que resalta Pertile (2009), de que em processos de imigração, as línguas distintas da língua oficial do país, tem uma acentuada e trágica perda linguística. Appel e Muysken (2005) destacam que os falantes adotam a língua majoritária como seu veículo regular de comunicação porque acreditam que falar essa língua lhes possibilita melhores condições de ascensão social e econômica. Dessa forma, Garrett (2012) conclui que ao deixar de ser adquirida e utilizada em situações do cotidiano pelos membros das gerações seguintes, a língua pode ser perdida completamente. Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996) conceitua essa perda da língua como linguicídio, ou seja, a morte de uma língua. Nos contextos de pesquisa, a língua que foi usada em quase todos os domínios, foi diminuindo. Informantes da GII tiveram a catequese e missas em *Pol.*. A GI não teve tal oportunidade.

Também acreditávamos no maior uso do *Pol.* em Áurea/RS, a partir das variáveis apresentadas por Altenhofen (2011), pois o local conta com uma grande homogeneidade étnica, suporte institucional, e o título que a cidade carrega favoreceriam a manutenção da língua. Porém, os resultados surpreenderam ao apresentar o mesmo resultado em Nova Erechim/SC. A informante da CaGII-F de Áurea/RS desmistifica a crença de que Áurea/RS é vista por pessoas de fora como um município onde todos são poloneses que falam o *Pol.* e vivem os costumes poloneses. A informante destaca que não é bem assim. A língua, cultura e costumes poloneses estão mais presentes e conservados nos museus, escolas, grupo de danças folclóricas polonesas, no turismo que revive os roteiros poloneses, nas festas típicas.

Também buscamos perceber como os informantes se sentem mais, se poloneses, brasileiros ou gaúchos/catarinenses, para compararmos com o uso da língua, e percebermos se existem relações. Percebemos que a maioria dos informantes da GII sente-se mais poloneses, e são estes que fazem o maior uso do *Pol.*. Quatro informantes sentem-se brasileiros e usam somente o *Pt.-RS*. Porém alguns informantes da GI também ressaltaram sentir-se mais poloneses, e segundo o questionário lexical, eles apresentaram pouco ou nenhum domínio do *Pol.*. Aqui a informante CaGI-F de Nova Erechim/SC argumentou que sente-se polonesa por

conviver com os costumes poloneses e por sua descendência, mesmo que a língua não esteja mais presente. É o que apresenta Fishman (1998), ao destacar que a ligação entre língua e etnia é variável, pois para alguns ela é o principal indicador de expressão de sua etnia, enquanto que para outros, a língua é opcional. Foi essa também a conclusão de Scholtz (2014) ao pesquisar a identidade e o comportamento linguístico de descendentes de poloneses e ucranianos em duas comunidades do Paraná, de que os descendentes se identificam mais por serem descendentes de poloneses/ucranianos do que pela língua. Já entre alemães, italianos e luso-brasileiros em Imigrante/RS, Krug (2004) constatou que a língua é um dos principais fatores de identificação.

Para confirmar o sentimento de nacionalidade, perguntamos para quem os informantes torceriam, se para a seleção polonesa ou brasileira de futebol. Todos os informantes da GI e a informante da CaGII-F de Nova Erechim/SC torceriam para o Brasil. Os demais informantes, todos da GII, torceriam para a Polônia. Aqui se percebe que estes informantes mantêm ainda uma ligação sentimental com a “terra natal”, e ainda conservam os costumes e mantêm a língua, o que não acontece mais na GI.

Vandermeeren (2005); Broermann (2007); Kaufmann (2011) e Lasagabaster (2004) consideram as atitudes como um complexo formado por três classes – componente cognitivo, afetivo e conativo – em que o componente cognitivo tem a ver com os pensamentos e crenças, o afetivo refere-se a sentimentos em relação a atitude sobre o objeto (a língua) e o conativo é a intenção comportamental, uma possível manifestação de atitude linguística. Em nossa pesquisa, consideramos os componentes cognitivo e afetivo como crenças linguísticas, e o componente conativo como atitude linguística a qual interpretamos a partir do comportamento linguístico.

Dessa forma, a partir dos resultados da presente pesquisa, concordamos com Lasagabaster (2004), quando este destaca que as atitudes preveem o comportamento social, e mesmo que haja uma lacuna entre o que as pessoas dizem e o que elas fazem, ou seja, mesmo que as pessoas não façam exatamente o que dizem, o conhecimento sobre as atitudes ajuda a prever o comportamento, visto que as atitudes percebidas a partir do comportamento linguístico se aproximam do que os informantes dizem a partir de suas crenças. Em Áurea/RS e Nova Erechim/SC, o comportamento linguístico demonstrado a partir dos termos de parentesco (atitudes), confirmou o que os informantes relataram sobre suas línguas (crenças).

Assim, há um vínculo entre atitudes e comportamento (LE PAGE; TABOURET-KELLER, 1985 apud KAUFMANN, 2011) através do qual distinguimos como as pessoas pensam que deveriam se comportar (a maioria dos informantes destacou que deveriam

manter, usar e transmitir o *Pol.* para as demais gerações), como as pessoas dizem que se comportam (com exceção da CbGII, os demais informantes dizem que usam preferencialmente o *Pt.-RS*) e como o comportamento é observado por outros, ou seja, o comportamento real, o uso que os informantes realmente fazem das línguas, (em nossos contextos houve o predomínio do *Pol.* somente na CbGII, nas demais classes e gerações é usado mais o *Pt.-RS*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo visa apresentar as conclusões da pesquisa desenvolvida nesta dissertação. Após concluídas as etapas de leitura, produção do referencial teórico, preparação do questionário, coleta de dados, organização, descrição e análise do *corpus*, retomamos a questão inicial da pesquisa: analisar, descrever e relacionar as crenças e as atitudes linguísticas dos descendentes de poloneses de Áurea/RS e Nova Erechim/SC, sendo que as crenças são as percepções e convicções dos informantes sobre as suas línguas, cujos dados foram obtidos através de um questionário metalinguístico. Já as atitudes foram percebidas a partir do uso da língua, que se deu através da aplicação de um questionário lexical sobre os termos de parentesco, a partir do qual pudemos perceber a manutenção ou substituição da língua minoritária polonesa.

Assim, a partir da análise dos dados, chegou-se às seguintes considerações finais:

a) Os dados da **dimensão diastrática** confirmam a nossa hipótese inicial de que a Cb apresentaria um maior grau de manutenção do *Pol.* em relação à Ca. Os resultados confirmam que a Cb mantém mais o *Pol.* nos dois pontos de pesquisa, sendo 47% de manutenção em Áurea/RS e 66% em Nova Erechim/SC, enquanto que a Ca apresentou uma manutenção de 25% em Áurea/RS e 12% em Nova Erechim/SC. Esse resultado confirma a nossa hipótese, embasada em Labov (2008) e Margotti (2004) de que as pessoas com mais escolarização favorecem a difusão do *Pt.*-RS (considerada como variedade padrão e de maior prestígio), visto a variedade do *Pol.* ser unicamente oral e usada em menos domínios. Também os falantes da Cb não possuem prestígio e *status*, assim, a sua língua também não possui. Os próprios informantes afirmam que o *Pol.* por eles falado é errado, misturado, arcaico, ou seja, os próprios falantes ressaltam o pouco prestígio da língua, porém demonstraram crenças positivas em relação à mesma. Os dados apresentaram um grande diferencial quanto à manutenção do *Pol.* entre as classes socioculturais. A diferença da Cb sobre a Ca é de 22% em Áurea/RS e de 54% em Nova Erechim/SC. Bortolotto (2015) em sua pesquisa sobre o contato italiano-português, também concluiu que foram os informantes da Cb que mais proferiram os termos de parentesco em *talian*, mesma conclusão de Horst (2011), no contato alemão-português. Já Wehrmann (2016), ao pesquisar o contato alemão-português concluiu que os informantes da Ca proferiram mais termos em alemão que os informantes da Cb.

b) Pela **dimensão diageracional**, os dados confirmaram a hipótese inicial, de uma maior manutenção do *Pol.* na GII. Tanto em Áurea/RS como em Nova Erechim/SC, a GII apresentou uma manutenção de 63%. Já a GI de Áurea/RS apresentou 9% de manutenção, enquanto que a GI de Nova Erechim/SC apresentou uma substituição total. A hipótese confirmada pelos dados concorda com Margotti (2004) de que os falantes tendem a reproduzir o estado da língua adquirido no início da vida até a adolescência e tendem a não mudar depois disso. Em nossa pesquisa, 7 dos 8 informantes da GII tiveram o *Pol.* como língua materna e a maioria destes informantes só teve contato com o *Pt.-RS* na escola. A partir dos dados percebe-se que a diminuição na manutenção de uma geração para outra é grande. Em Áurea/RS, a diminuição foi de 54% e em Nova Erechim/SC de 63%. Krug (2004) e Margotti (2004), destacam que a língua segue um estágio decrescente, da geração mais velha para a geração mais nova. Garret (2012) ressalta que, ao deixar de ser adquiridas e utilizadas em situações do cotidiano pelos membros das gerações seguintes, ela pode ser perdida completamente. Isso já ocorreu na GI de Nova Erechim/SC, e acontecerá, em breve na GI de Áurea/RS. Este é o *linguicídio* apresentado por Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996), visto que os próprios falantes estão deixando a língua morrer. Conclui-se que a GI não adquire mais um conhecimento da língua para se comunicar. As pesquisas de Horst (2011), Bortolotto (2015) e Wehrmann (2016) também demonstraram ser a GII que faz um maior uso dos termos de parentesco nas línguas pesquisadas, *hunsrückisch*, *talian* e alemão, respectivamente.

c) Já pela **dimensão diassexual**, somente os dados de Áurea/RS confirmam a hipótese inicial, de que as mulheres substituiriam o *Pol.* mais que os homens, enquanto que os dados de Nova Erechim/SC diferem da nossa hipótese. Trudgill e Chambers (2004); Piller e Pavlenko (2004) e Labov (2008) destacam que são as mulheres que começam a substituição linguística em sua comunidade, e estas tendem a usar mais variantes de status mais alto do que os homens, em nosso caso, o *Pt.-RS*. Porém, tal fato confirmou-se em Áurea/RS, onde os homens aplicaram 38% de termos em *Pol.* em relação às mulheres, que aplicaram 34%. Em Nova Erechim/SC aconteceu o inverso, contrariando nossa hipótese inicial. As mulheres mantiveram mais o *Pol.* (38%), e os homens 34%. A diferença entre homens e mulheres, tanto em Áurea/RS como em Nova Erechim/SC foi de 4%. A hipótese de que a mulher da CbGII usaria mais o *Pol.* do que os homens, visto estarem elas incumbidas de realizar atividades domésticas e cuidar dos filhos, e desta forma estarem mais isoladas, com menos contatos linguísticos também não se confirmou, pois os homens e mulheres da CbGII apresentaram o mesmo percentual de uso de termos de parentesco em *Pol.*. Como a diferença foi muito pequena, e como os dados foram

inversos nos dois pontos de pesquisa, e de acordo com outras pesquisas abordando contextos de imigração italiano e alemão (Horst, 2011; Horst, 2014; Bortolotto, 2015; Wehrmann, 2016) podemos afirmar que a dimensão diassexual não é relevante, pois os resultados geralmente aparecem equilibrados entre homens e mulheres, ou apresentam diferenças muito pequenas entre eles.

d) Pela **dimensão diatópica**, a nossa hipótese de que Áurea/RS manteria mais o *Pol.* não foi confirmada, devido ao empate de dados com relação à Nova Erechim/SC. O resultado obtido foi de uma manutenção do *Pol.* de 36% tanto em Áurea/RS como em Nova Erechim/SC. Acreditávamos que Áurea/RS manteria mais o *Pol.* do que Nova Erechim/SC, por ser a matriz de origem desta. Dessa forma, os contatos proporcionados pela mobilidade poderiam influenciar no uso da língua em Nova Erechim/SC. Também as variáveis tempo, origem dos imigrantes, suporte institucional e diversidade étnica, de acordo com Altenhofen (2011), favoreceriam a manutenção do *Pol.* em Áurea/RS. Porém o empate de dados mostra que no contexto polonês, estas variáveis não exerceram influência no uso da língua. Inferimos que em Áurea/RS, pelo fato de o *Pol.* ainda ser usado em alguns contextos na comunidade, com pessoas com diversos níveis de conhecimento da língua, ela vem sofrendo mais interferências do *Pt.-RS*, objetivando facilitar a comunicação. O mesmo não acontece em Nova Erechim/SC, visto o *Pol.* ser mantido somente em ambiente familiar, principalmente pela CbGII, entre falantes da mesma geração e com o mesmo nível de conhecimento.

e) Quanto à **relação entre crenças e atitudes** os resultados confirmam em partes a nossa hipótese. Sustentávamos a ideia de que a língua polonesa falada no Brasil foi e ainda é estigmatizada, devido ao modo como a sociedade vê essa língua, errada, sem prestígio, o que afetaria a relação dos próprios falantes com a língua, e que segundo Altenhofen (2002) ocasionaria a interrupção da transmissão da língua para as futuras gerações. Percebemos através das crenças dos informantes, que a língua por eles falada é considerada errada, porém não parece ser esse o fator que ocasiona a interrupção dos falantes com a língua, pois a maioria destacou a importância da transmissão da língua para as demais gerações, e muitos lamentam não ter aprendido a língua. As atitudes comprovaram o que percebemos a partir das crenças, pois mesmo apresentando uma visão positiva do *Pol.*, os falantes estão cientes de que não usam mais a língua, e as atitudes demonstram isso. O *Pt.-RS* prevalece sobre o *Pol.* em quase todas as gerações, exceto a CbGII de Nova Erechim/SC, cujo uso de *Pol.* ultrapassa os 50%.

Também aplicamos em nossa pesquisa a **dimensão diafásica**, que consistiu na aplicação dos três tipos de estilos de entrevista: perguntas/respostas ao questionário, conversa livre semidirigida e leitura. Dedicamos uma maior atenção ao estilo perguntas/respostas ao questionário, a partir do qual respondemos aos objetivos da pesquisa. Porém, não deixamos de explorar os outros dois estilos. A partir da conversa livre semidirigida percebemos que é somente a CbGII que ainda usa a língua fluentemente e consegue se comunicar em *Pol.* Quanto à leitura, nenhum informante conseguiu ler, visto que o *Pol.* é uma variedade oral e não possui uma grafia, para a escrita recorre-se ao polonês padrão, habilidades esta que não é de conhecimento dos informantes.

Com os dados analisados neste trabalho, a partir das crenças linguísticas, podemos perceber que a maioria dos informantes vê o *Pol.* de forma positiva, mesmo considerando a língua como um dialeto errado, misturado, arcaico. Quem não fala lamenta não ter aprendido, quem fala lamenta ver a constante substituição e perda da língua. Os informantes estão cientes da grande substituição e sabem que num futuro próximo o *Pol.* não mais existirá nos locais pesquisados. A partir das atitudes, os dados apontam o mesmo percentual de uso de *Pol.* (36%) e Pt.-RS (64%) em Áurea/RS e Nova Erechim/SC. A GII é a maior responsável pela manutenção, sendo 63% de uso do *Pol.* nos dois locais. A Cb também mantém mais o *Pol.* (47% em Áurea/RS e 66% em Nova Erechim/SC) em relação à Ca (25% em Áurea/RS e 12% em Nova Erechim/SC). A diferença entre os gêneros foi muito pequena, onde os homens apresentaram uma manutenção do *Pol.* de 38% e as mulheres de 34% em Áurea/RS e em Nova Erechim/SC, as mulheres apresentaram 38% de uso do *Pol.* e os homens 34%.

Nesse sentido, esperamos que essa pesquisa possa contribuir para a valorização da cultura e das línguas minoritárias, especialmente a variedade da língua polonesa falada no sul do Brasil, variedade essa que carece de estudos linguísticos. E que sirva de apoio e embasamento teórico para futuros estudos abordando o contato *Pol./Pt.-RS*, que ainda tem muito a ser pesquisado.

REFERÊNCIAS:

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*. Revista ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 37 (2): 105-112, maio-ago. 2008.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias linguísticas do ALERS*. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

_____. *A constituição do corpus para um “atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na bacia do prata”*. In: Martins-Staden-Jahrbich. São Paulo, nº 51, p 135-165, 2004.

_____. *Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil*. Revista Internacional de Linguística Iberoamericana, v. 1, n. 3, p. 83-93, 2004a.

_____. *Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil*. In: ELIZAICÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

_____. *O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata*. In: Seminário Internacional Línguas em Contato. Pelotas: Ed. UFPel, 2011. [No Prelo].

_____. *Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual*. Revista de Letras Norte@mentos. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013.

_____.; MARGOTTI, Felício Wessling. *O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil*. In: In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

APPEL, René. MUYSKEN, Pieter. *Language Contact and Bilingualism*. London: Edward Arnold, 1987.

_____. *Language Contact and Bilingualism*. Amsterdam Academic Archive, 2005, (p. 11-22 e 32-45)

ARGENTA, Denise (org). *50 Anos Depois: inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim*. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico de Pinhalzinho, 2014.

BATALHA, Luís. *Breve análise sobre o parentesco como forma de organização social*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. 1995.

_____. *Descodificando o parentesco*. In: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Vol. 43. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto. 2003.

- BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomenegui. *Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas*. 2006. 154 p. Dissertação (Mestrado em Letras e cultura Regional) - Universidade de Caxias do Sul, Curso de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Caxias do Sul, 2006.
- BORN, Joachim. *O environnement linguistique nos estados do sul do Brasil: A penetração do português pelo alemão, italiano e outros idiomas*. In: DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker. (org.). *O português do Brasil: perspectivas e pesquisa atual*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, p. 131-145. 2004.
- BORTOLOTTI, Paula Cristina Merlo. *O talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco*. 2015. 187p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2015.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu*. Revista Línguas & Letras. ISSN: 1517-7238. Vol. 12 nº 22 1º Sem. 2011, p. 65-84.
- BRIGHT, William. *Social Factors in Language Change*. In: The Handbook of Sociolinguistics. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online. 2007. P. 57-64
- BROERMANN, Marianne. *Language attitudes among Minority Youth in Finland and Germany*. International Journal of the Sociology of Language, 187/188, p. 129–160. 2007
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.
- COELHO, Izete Lehmkuhl ... [et al.]. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm, último acesso em 04/05/2016
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CORBARI, Clarice Cristina. *Crenças e Atitudes Linguísticas de Falantes de Irati (PR)*. Revista SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/1, p. 111-127, jun. 2012.
- _____. *Atitudes Linguísticas: Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. 259 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Curso de pós-graduação em Letras, Salvador, 2013.

DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. *Multilinguismo*. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP): Ed. Da UNICAMP, 1989.

DORIAN, Nancy C. *Minority and Endangered Languages*. In: BHATIA, Tejk; RITCHIE, William C. *The handbook of bilingualism*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 437-459.

DVORAK, Anna. *A geografia histórica da colonização e da imigração europeia no sul do Brasil*. In: *Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil - Ano 2, n. 4 (jul/dez. 2011) – Curitiba. Semestral. 2011*

ECKERT, Penelope. *The whole woman: Sex and gender differences in variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

FERRAZ, Aderlande Pereira. *O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português*. *Filol. lingüíst. port.*, n. 9, p. 43-73, 2007.

FISHMAN, Joshua A. *Reversing Language Shift: Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Languages*. *Multilingual Matters (Series)*; 76, 1991.

_____. *Language and Ethnicity: The View from Within*. In the *Handbook of Sociolinguistics*. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online, 2007

GALVÃO, Rafael Ribas. *Relações amorosas e ilegitimidade: formas de concubinato na sociedade curitibana (segunda metade do séc XVIII)*. (Dissertação de Mestrado). Curitiba. 2006.

GARCEZ, Neusa Cidade. *Colonização e Imigração em Erechim – A Saga de famílias polonesas (1900-1950)*. Ed. Revisada e ampliada, Erechim, 2003.

GARDOLINSKI, Edmundo. *Imigração e Colonização Polonesa*. In: BECKER, Klaus (org). *Enciclopédia Rio-Grandense: imigração*. Editora Regional Ltda. Canoas, RS, 1958.

GARRETT, Peter. *Attitude Measurements*. In: AMMON, Ulrich et al. (Ed). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2005. p. 1251-1260. v. 2.

GARRETT, Paul B. *Language Socialization and Language Shift*. In: *The Handbook of language socialization*. Duranti, Alessandro. Ochs, Elinor and Schieffelin, Bambi B. (ed). Blackwell Publishing, 2012, p. 515-535

GEWER-BORELLA, Sabrina. “*Tu dampém fala assim?*”: *Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. 2014. 204f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

GHASARIAN, Christian. *Introdução ao estudo do parentesco*. (Trad. Por Ana Santos Silva). 1ª ed., Lisboa: Terramar. 1996.

GOLDSCHMIDT, Eliana M. R. *Casamentos mistos: liberdade e escravidão em São Paulo colonial*. São Paulo: Annablume/Fapesp. 2004.

GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004. 2016 p.

GROCH, Maria Vanda Krepinski. O polonês. In: *Enciclopédia Educar: história da educação do povo Brasileiro*. Editora Educar. Erechim, s/a, p. 379-417.

GROSJEAN, Francois. *Live with two languages*. An introduction to Bilingualism. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, François. *Individual bilingualism*. In: *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994. Disponível em: www.signwriting.org/forums/swlist/archive2/message/6760/Indiv%20bilm.rtf. Acesso em 21/06/2016

HAMERS, Josiane F. BLANC, Michel H. A. *Bilinguality and Bilingualism*. Second edition. Cambridge University Press; 2004

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HORST, Cristiane. “Quando o Heinrich casa com a Iracema, a urmutter vira bisa”. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil. Westensee-Verlag: Kiel, 2011.

_____.; KRUG, Marcelo. *Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch*. Papia, v. 22, n. 2, p. 367-383, 2012.

HUGUET, Ángel. *Attitudes and Motivation Versus Language Achievement in Crosslinguistic Settings*. What is Cause and What Effect? Journal of Multilingual and Multicultural Development, 27/5, p. 413-429, 2006

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>, último acesso em 04/05/2016.

_____. Mapa do Rio Grande do Sul e informações dos municípios: <http://cod.ibge.gov.br/41S>, último acesso em 10/05/2016.

_____. Informações da cidade de Áurea: <http://cod.ibge.gov.br/P4P>, último acesso em 10/05/2016

_____. Mapa de Santa Catarina e informações dos municípios: <http://cod.ibge.gov.br/1S5>, último acesso em 10/05/2016.

_____. Informações da cidade de Nova Erechim: <http://cod.ibge.gov.br/GF9>, último acesso em 10/05/2016.

KAUFMANN, Göz. *Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos*. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

KERSCH, Dorotea Frank. *Atitudes dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU*. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 397-421.

KING, Kendal & MACKEY, Alison. *The bilingual Edge*. Why, When and How to teach your child a second language. New York, NY, 2007, 1ª ed.

KOKUSZKA, Pedro Martim. *Nos rastros dos imigrantes poloneses*. Curitiba, PR: Arins, 2000.

_____. *Áurea primórdios*. Erechim: Graffoluz, 2006.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante – RS*. 2004. 131p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

_____. HORST, Cristiane. *Identidade e comportamento étnico-linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática*. Revista Nonada. Porto Alegre, nº 24, 1º semestre, 2015.

_____. *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina* (ALCF). FAPERGS/UFFS, 2013.

LABOV, Willian. *Principios del cambio lingüístico. Factores internos*. Madrid, Gredos, 1996, 982 p.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Parábola Editorial. São Paulo. 2008.

LASAGABASTER, David. *Attitude*. In: AMMON, Ulrich et al. (Ed). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. P. 399-405. v. 1.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes. 1908 – 1982.

LOBO, Cristina. *Famílias recompostas: revisitar a produção americana (1930-2000)*. Sociologia, problemas e práticas, nº 48, 2005, pp. 91-114.

MACIEL, Myrna Estella Mendes. *Línguas de imigrantes: a língua polonesa na região sul do Brasil*. 2010. 98p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de pós-graduação em Ciências da Linguagem, Florianópolis, 2010.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague : Mouton, 1972. p. 554-584

MALCZEWSKI SChr, Zdzislaw. *Marcas da Presença polonesa no Brasil*. Varsóvia, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich – Uniwersytetu Warszawskiego [Universidade de Varsóvia], 2008. [edição em português]

MARIN, Iraci José. *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano*. Caxias do Sul, RS: Ed. Maneco, 2014.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. 2004. 332 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

MAZUREK, Jerzy (red./org.). OLIVEIRA, Márcio de. WENCZENOWICZ, Thaís J. *Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul*. Varsóvia, 2009.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do Sudoeste Goiano. In: SILVA, Sidney de Souza (org.). *Línguas em contato: cenários de bilinguismos no Brasil*. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MORELLO, Rosangela (org.) *Leis e Línguas no Brasil. O processo da cooficialização e suas potencialidades*. Florianópolis: IPOL, 2015.

NACIF, Paulo Cezar Miranda. *Padrinhos, afilhados e compadres: apontamentos sobre parentesco espiritual contraído pelo ritual católico do batismo no âmbito do Antigo Regime*. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, RN, 2013.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. *Plurilinguismo no Brasil*. Representação da UNESCO no Brasil, Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de & ALTENHOFEN, Cléo V. *O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso (orgs). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. A cooficialização de línguas em nível municipal no Brasil: direitos linguísticos, inclusão e cidadania. In: MORELLO, Rosangela (org.) *Leis e Línguas no Brasil. O processo da cooficialização e suas potencialidades*. Florianópolis: IPOL, 2015. P. 23-30.

OLIVEIRA, Renata Sobrino Porto de. *Code-switching: perspectivas multidisciplinares*. 2006. 161 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Curso de Pós Graduação em Letras. Rio de Janeiro, 2006.

ONGHERO, André Luiz. *Nova Erechim: da colonização à emancipação*. Chapecó, SC: CEOM/Unochapecó; Nova Erechim, SC: Prefeitura Municipal de Nova Erechim, 2014.

PERTILE, Marley Terezinha. *O talian entre o italiano padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. 2009. 248 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2009.

PILLER, Ingrid & PAVLENKO, Aneta. *Bilinguals and gender*. In: BHATIA, Tejk; RITCHIE, William C. *The handbook of bilingualism*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 489-510.

POLANCZYK, Antônio José. *O imigrante polonês e a colônia Guarany*. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2010.

PREFEITURA DE ÁUREA. <http://aurea.rs.gov.br/pagina/495/historia>, último acesso em 11/05/2016.

PREFEITURA DE NOVA ERECHIM. <http://www.novaerechim.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/39465>, último acesso em 11/05/2016.

RASO, Tommaso. MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo V. *Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas*. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 13-56.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SCHOLTZ, Adriana de Jesus. *Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná*. 2014. 141p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2014.

SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SILVA, Márcio Antônio Both da. *Caboclos: as especificidades históricas e os diferentes empregos de uma palavra*. XII Encontro Estadual de História Anpuh/RS. Unisinos. São Leopoldo, RS, 2014.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. *Mudanças na religiosidade e costumes religiosos dos descendentes dos poloneses em Áurea*. Polonicus: revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil - Ano 3, n. 6 (jul/dez. 2012) – Curitiba. Semestral, 2012.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. & PHILLIPSON, Robert. *Linguicide and linguisticism*. In: GOEBL, Hans et al. (Eds.). *Contact linguistics: an international handbook of contemporary research*. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 667-675.

STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul – 1875-1975*. Porto Alegre: Edições EST, 2ª edição, 1999.

TABOURET-KELLER, Andrée. *Language and Identity*. The Handbook of Sociolinguistics. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online. 2007

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1999.

THUN, Harald. *Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera*. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (org.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Westense – Verl. 1996. p. 210-274.

_____. *La Geolingüística como Lingüística Variacional General (con Ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Polermo: 1995). Atti... A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. P. 701-729, 787-789. V. 5.

_____. *O tratamento do material etnográfico no Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR (1.: 1997: Ponta Delgada – Açores. Actas... Org. Gabriela Funk, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999, p. 481-499 [CVA]

_____. *A Dialetoлогия Pluridimensional no Rio da Prata*. In: Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul (org.) Ana Maria Stahl Zilles, Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2005a.

_____. Von “guaraní tribal” zum “guaraní paraguayano”. Die abgestufte Romanisierung des rioplatensischen Guaraní. In: NOLL, V.; SYMEONIDIS, H. (Hrsg.). *Sprache in Iberoamerika*. Festschrift für Wolf Dietrich zum 65. Geburtstag. Hamburg: Buske, 2005b. p. 203-230.

_____. *A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, Vanderlei de Andrade (org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Volume VII – Vozes, Veredas, Voragens. Londrina: Eduep – Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2009. P. 533-558.

_____. *Variety Complexes in Contact: A Study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds) *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010a. P. 706-723

_____. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010b. p. 506-523

VANDERMEEREN, Sonja. *Research on Language Attitudes*. In: AMMON, Ulrich et al. (Ed). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2005. p. 1318-1332. v. 2.

VIEIRA, Marília Silva. *O gênero e os fenômenos da variação na fala*. *Fazendo Gênero* 9, *Dísporas, Diversidades, Deslocamentos*. 2010. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278282124_ARQUIVO_Ogeneroeosfenomenosdevariacaonafala.pdf, acessado em 10/11/2016.

WACHOWICZ, Ruy C. Conjuntura Emigratória Polonesa no Século XIX. *Anais da comunidade brasileiro polonesa*. Volume I, 1970. p. 9-28

_____. A “Febre Brasileira” na Emigração Polonesa. *Anais da comunidade brasileiro polonesa*. Volume I, 1970. p. 29-58

_____. As escolas da colonização polonesa no Brasil. *Anais da comunidade brasileiro polonesa*. Volume II, 1970.

_____. Aspectos da imigração polonesa no Brasil. *Projeções. Revista de estudos polono-brasileiros*. Braspol. Edição semestral: Ano 1. 1999.

WEBER, Regina. WENCZENOVICZ, Thaís J. *Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul*. História Unisinos. Volume 1, número 16. p. 159-170, Janeiro/Abril 2012.

WEHRMANN, Clarí. *A situação do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa*. 2016. 161p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1953.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaína. *Montanhas que furam as nuvens! Imigração polonesa em Áurea – RS (1910-1945)*. Editora UPF, Passo Fundo, 2002.

_____. Imigração polonesa no Rio Grande do Sul. In: MAZUREK, Jerzy (red./org.). OLIVEIRA, Márcio de. WENCZENOVICZ, Thaís J. *Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul*. Varsóvia, 2009.

WOLSCHICK, Isaura. *Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondai e São João do Oeste-SC*. 2016. 133p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

ANEXOS:

ANEXO 1:

Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, com adaptações à variedade polonesa do sul do Brasil.

TEXTO INTRODUTÓRIO:

Hoje é dia

Estamos em

Meu nome é

Estou com

Que pertence ao grupo (ex. GII-Ca)

Você está de acordo que esta conversa seja gravada e que seja usada para fins de pesquisa e publicações de cunho científico?

CONVERSA LIVRE:

Powiedzieć trochę od swojej rodzinie.⁸⁰

Fale um pouco sobre sua família.

ANEXO 2:

QUESTIONÁRIO CRENÇAS LINGUÍSTICAS

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Język polski* / polonês ou *po portugalsko* / *po brazylijski* / português:

Perguntas	M Pt.- RS	M Pol.	F Pt.- RS	F Pol.
1. <i>Jakiego języka zwyczajny rozmawiać w rodzinie?</i> / Que língua costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen 2007 – questão 1)				
2. <i>Który język lubię mówić/rozmawiać więcej?</i> / Em que língua gosta de conversar mais? (Krug, 2013 – questão 4)				
3. <i>Na ogół, w jakim języku zwyczajny mówić więcej?</i> / De modo geral, em que língua costuma falar mais? (Krug, 2013 – questão 5 - adaptada)				

⁸⁰ Questionários traduzidos pela pesquisadora, WEPIK (2017), traduzidos para a variedade *Pl.*, utilizando a escrita do polonês padrão.

4. <i>Jaki jest twój język ojczysty? Jak się nauczył po portugalsko/brazylijski? / Qual é sua língua materna? Como aprendeu o português? (Krug, 2013 – questão 10)</i>				
5. <i>Kiedy przychodzi gość, w jakim języku wolisz mówić? / Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug, 2004 – questão 6).</i>				
6. <i>W jakim języku mówisz... / Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt, 1997 – questão 30)</i>				
6.1 <i>W poczta / No Correio</i>				
6.2 <i>W sklepu / No mercado - lojas</i>				
6.3 <i>W syndykat / No sindicato</i>				
6.4 <i>W restauracji / restauracja / No restaurante</i>				
6.5 <i>Na prefektuże / Na prefeitura</i>				
6.6 <i>W centrum zdrowia / No posto de saúde</i>				
6.7 <i>W konfesjonał / No confessionário</i>				
6.8 <i>Na stacja benzynowa / No posto de gasolina</i>				
6.9 <i>W pracy / w robocie / No trabalho</i>				
7. <i>Kiedy spotkasz nieznanego na ulicy swojego miasta, w jakim języku rozmawiasz z nim? / Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele? (Krug, 2013 – questão 31)</i>				

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Tak / Sim* ou *nie / não*.

Perguntas	M <i>Tak</i>	F <i>Nie</i>	M <i>Tak</i>	F <i>Nie</i>
8. <i>Czy się stało być z kimś, ktry zna język domowy, języka polskiego, ale nalegał, tylko mówić po portugalsku/brazylijski? / Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua polonesa, mas insistia em só falar português? (Krug, 2013 – questão 9)</i>				
9. <i>Myślisz ważne dla dzieci uczyć się języka polskiego z rodzicami? Dlaczego? / Acha importante que os filhos aprendam a língua polonesa dos pais? Por quê? (Vide Krug, 2004 – questão 25)</i>				
10. <i>Są takie sytuacje, które osoby wstydziły się mówić po polsku? / Existem situações em que você tem vergonha de falar Polonês? (Krug, 2013 – questão 27)</i>				
11. <i>Myślisz, że powinieneś mieć nauki języka polskiego? / Acha que deveria ter ensino de Polonês? (Krug, 2013 – questão 28 - adaptada)</i>				
12. <i>Kiedy mówisz po portugalski/brazylijski, ty mieszać z językiem polskim? / Quando fala português, você mistura com a língua polonesa? (Krug, 2013 – questão 33 - adaptada)</i>				
13. <i>Kiedy mówisz po języku polskiego, ty mieszać z językiem portugalskim/brazylijskim? / Quando fala em polonês, você mistura o português? (Krug, 2013 – questão 34 - adaptada)</i>				

Perguntas com respostas subjetivas
14. <i>Co myślisz osob, którzy tylko mówią po portugalsku i nigdy własnego języka w domu, języka polskiego?</i> / O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, a língua polonesa? (Krug, 2013 – questão 8)
15. <i>Wielu młodych ludzi nie mówią językiem rodziców (polskich). Co ty myślisz na to?</i> / Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Polonês). O que acha disso? (Krug, 2013 – questão 26)
16. <i>W jakich sytuacjach ty mówić w języku polskim y jakich sytuacjach w języku portugalski?</i> / Em que situações você fala a língua polonesa e em que a língua portuguesa? (Krug, 2013 – questão 32)
17. <i>Jest różnica między językiem polskim mówione tutaj w drugim miejscu? Jaka jest różnica?</i> / Tem diferença entre o polonês falado em outras localidade e o daqui? Qual a diferença? (Krug, 2004 – questão 6)
18. <i>Jak jest / było w szkole i kościele używanie języka polskiego?</i> / Como é/foi na escola e na igreja o uso da língua polonesa? (Krug, 2004 – questão 11)
19. <i>Jak myślisz z osoby którzy przychodzą w drogich miejscach, jak one widziąc nasz z Aree. (w języku, aspekty fizyczne i społeczne/socjalny)</i> / Como acha que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias, que nascem e vivem em Áurea? (quanto a língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004 – questão 12 – adaptada)
20. <i>Jak uważasz się bardziej? Polski? Gaúcho? Brazylijtych?</i> / Como se sente mais? Polaco? Gaúcho? Brasileiro? (Krug, 2013 – questão 13 - adaptada)
21. <i>Ogólnie, kto mówić lepsze/lepiej po polsku polski?</i> / De modo geral, quem fala melhor polonês? (Krug 2013 – questão 24)
22. <i>Jak by grali brazylia y Polska, dla cogo ty by kibicowałeś (asz)?</i> / Se a seleção brasileira de futebol jogar contra a seleção polonesa, para quem torce? (Krug, 2013 – questão 16 – adaptada)

ANEXO 3:

QUESTIONÁRIO ATITUDES LINGUÍSTICAS

QUESTIONÁRIO LEXICAL – TERMOS DE PARENTESCO

**Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, com adaptações ao idioma polonês brasileiro.*

Serão anotadas para as respostas espontâneas (E); respostas por insistência (I) e respostas por sugestão (S):

Termos de parentesco / <i>Terminy pokrewieństwa</i>		
PARENTESCO SANGUÍNEO	Masculino	Feminino
23) Mãe (vide ALCF – Questão 168; ALGR cap. B, III-16 MRhSA 28.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 165) <i>Jak ty nazywa osoba która dała ci życie?</i> / Como você chama a pessoa que te gerou?	a) <i>matka</i> () b) <i>mama</i> () c) <i>mamucha</i> () d) <i>mãe</i> ()	a) <i>matka</i> () b) <i>mama</i> () c) <i>mamucha</i> () d) <i>mãe</i> ()
24) Pai (vide ALCF – Questão 167; ALGR cap. B, III-	a) <i>ojciec</i> ()	a) <i>ojciec</i> ()

15 MRhSA 52.4; ALMA-H cap. 1 – IX - 164) <i>Wszyscy mamy matki i? / Todos nós temos uma mãe e um?</i>	b) ojca () c) tata () b) pai ()	b) ojca () c) tata () b) pai ()
25) Pais (vide ALCF – Questão 166; ALMA-H cap. 1 – IX - 163) <i>A mama/matka i tata/ojcie są nasze? / E a mãe e o pai são nossos?</i>	a) rodzica () b) ojcie () b) pais ()	a) rodzica () b) ojcie () b) pais ()
26) Filha (vide ALCF – Questão 171; MRhSA 130.2; WS 09; ALMA-H cap. 1 – IX - 168) <i>Jak matka nazywa do dziewczynka/dziewczyna co urodziła? / Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?</i>	a) córka () b) filha ()	a) córka () b) filha ()
27) Filho (vide ALCF – Questão 172; MRhSA 164.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 169) <i>Jako matka nazywa do chłopaka, co urodziła? / Como a mãe chama para um menino que ela gerou?</i>	a) syn () b) filho () c) dzieci (pl) ()	a) syn () b) filho () c) dzieci (pl) ()
28) Gêmeos (vide ALCF – Questão 173; ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B, III-82 u. 83; ALMA-H cap. 1-IX - 170) <i>Jak to się mówi, kiedy matka rodzi dwoje dzieci razem? / Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?</i>	a) bliźnięta (pl) () b) bliźniak () c) bliźniaczy () d) gêmeos ()	a) bliźnięta () b) bliźniak () c) bliźniaczy () d) gêmeos ()
29) Irmão (vide ALCF – Questão 182 – adaptada; MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 179) <i>Oni są dzieci tego samego ojca. Co jest chłopak dla dziewczyna? / São filhos do mesmo pai. O que o menino é da menina?</i>	a) brat () b) braciszek () c) irmão ()	a) brat () b) braciszek () c) irmão ()
30) Irmã (vide ALCF – Questão 183 – adaptada; MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 180) <i>A co jest dziewczyna dla chłopak? / E o que a menina é do menino?</i>	a) siostra () b) irmã ()	a) siostra () b) irmã ()
31) Avô (vide ALCF – Questão 192; ALMA-H cap. 1-IX - 188; ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51; ALMA-H cap. 1-IX - 189) <i>Ojciec twój matki jest twoje? / O pai de sua mãe é seu?</i>	a) dziadek () b) dziadzia () c) avô () d) vovô () e) nono (it.) ()	a) dziadek () b) dziadzia () c) avô () d) vovô () e) nono (it.) ()
32) Avó (vide ALCF – Questão 193; ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA-H cap. 1-IX - 190) <i>Matka twóje matki jest twoje? / A mãe de sua mãe é sua/tua?</i>	a) babka () b) babcia () c) avó () d) vovó () e) nona (it.) () f) babucha ()	a) babka () b) babcia () c) avó () d) vovó () e) nona (it.) () f) babucha ()
33) Neto (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Co twój syn jest dla twój ojców? / O que seu filho é de seus pais?</i>	a) wnuk () b) wnuczek () c) neto ()	a) wnuk () b) wnuczek () c) neto ()
34) Neta (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B,	a) wnuczka ()	a) wnuczka ()

III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Co twoja córka jest dla twój rodzice (ojciec)? / O que sua filha é de seus pais?</i>	b) neta ()	b) neta ()
35) Bisavô (vide ALCF – Questão 197; ALGR cap. B, III-54.1 u. 54.2; ALMA-H cap. 1-IX - 194) <i>Ojciec/tata swój dziadkowie jest twój? / O pai de seus avôs é seu/teu?</i>	a) <i>pradziadek</i> () b) <i>pradziad</i> () c) bisavô ()	a) <i>pradziadek</i> () b) <i>pradziad</i> () c) bisavô ()
36) Bisavó (vide ALCF – Questão 198; ALGR cap. B, III-54.3 u. 54.4; ALMA-H cap. 1-IX - 195) <i>Matka swój dziadkowie jest twoja? / A mãe de seus avós é sua/tua?</i>	a) <i>prababka</i> () b) bisavó ()	a) <i>prababka</i> () b) bisavó ()
37) Bisneto (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Twój syn jest co dla twoich dziadkowie? / O seu filho é o que de seus avós?</i>	a) <i>prawnuk</i> () b) bisneto ()	a) <i>prawnuk</i> () b) bisneto ()
38) Bisneta (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Twoja córka jest co dla twoich dziadkowie? / A sua filha é o que de seus avós?</i>	a) <i>prawnuczka</i> () b) bisneta ()	a) <i>prawnuczka</i> () b) bisneta ()
39) Tio (vide ALCF – Questão 185; ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMA-H cap. 1-IX - 182) <i>Co brata twój ojca/matka jest twój? / O irmão do seu pai é seu?</i>	a) <i>wuj (irmão da mãe)</i> () b) <i>wujek</i> () c) <i>stryj / stryja (irmão do pai)</i> () d) tio ()	a) <i>wuj (irmão da mãe)</i> () b) <i>wujek</i> () c) <i>stryj / stryja (irmão do pai)</i> () d) tio ()
40) Tia (vide ALCF – Questão 186; ALGR cap. B, III-81; ALMA-H cap. 1-IX - 183) <i>Co siostra od twój ojca/matka jest twoja? / A irmã do seu pai é sua?</i>	a) <i>ciotka</i> () b) <i>ciocia</i> () c) <i>stryjenka (esposa do tia paterno)</i> () d) <i>wujenka (esposa do tio materno)</i> () e) tia ()	a) <i>ciotka</i> () b) <i>ciocia</i> () c) <i>stryjenka (esposa do tia paterno)</i> () d) <i>wujenka (esposa do tio materno)</i> () e) tia ()
41) Sobrinho (vide ALCF – Questão 189; ALGR cap. B, III-62-63; ALMA-H cap. 1-IX - 186) <i>Co syn twój brata jest twój? / O que o filho do seu irmão é seu?</i>	a) <i>siostrzeniec</i> () b) <i>bratanek</i> () c) sobrinho ()	a) <i>siostrzeniec</i> () b) <i>bratanek</i> () c) sobrinho ()
42) Sobrinha (vide ALCF – Questão 190; ALGR cap. B, III-64-65; ALMA-H cap. 1-IX - 187) <i>Co córka twój brata jest twoja? / O que a filha do seu irmão é sua?</i>	a) <i>siostrzenica</i> () b) <i>bratnica</i> () c) sobrinha ()	a) <i>siostrzenica</i> () b) <i>bratnica</i> () c) sobrinha ()
43) Primo (vide ALCF – Questão 187; ALGR cap. B, III-67-68; ALMA-H cap. 1-IX - 184) <i>Syn twojego wujka jest twój? / O filho do seu/teu tio é seu/teu?</i>	a) <i>kuzyn</i> () b) <i>brat wujeczny</i> () c) primo ()	a) <i>kuzyn</i> () b) <i>brat wujeczny</i> () c) primo ()
44) Prima (vide ALCF – Questão 188; ALGR cap. B, III-69-70; ALMA-H cap. 1-IX - 185)	a) <i>kuzynka</i> () b) <i>siostra</i>	a) <i>kuzynka</i> () b) <i>siostra</i>

<i>Córka twojego wujka jest twoja? / A filha do seu tio é sua/tua?</i>	wujeczna () c) prima ()	wujeczna () c) prima ()
PARENTESCO POR ALIANÇA		
45) Marido (vide ALCF – Questão 162; MRhSA 142.3: Mann; WS 04: Mann; ALMA-H cap. 1-IX - 159) <i>Jak kobieta mowi/nazywa na chłopa który jest żonaty? / Como a mulher chama para o homem com quem se casou?</i>	a) mąż () b) małżonek () c) esposo () d) marido ()	a) mąż () b) małżonek () c) esposo () d) marido ()
46) Esposa (vide ALCF – Questão 164; MRhSA 125.4: Frau; WS 09: Frau; ALMA-H cap. 1-IX - 161) <i>Jak chłop mowi na kobietę, która jest żonaty? / Como o homem chama para a mulher com quem se casou?</i>	a) żona () b) małżonka () c) kobieta () d) esposa () e) mulher ()	a) żona () b) małżonka () c) kobieta () d) esposa () e) mulher ()
47) Madrasta (vide ALCF – Questão 179; ALGR cap. B, III-30; ALiB QSL 134; ALMA-H cap. 1-IX - 176) <i>Mąż ożenił się z drugą kobietą. Co ona jest dla dziecka jego męża? / O marido casou com outra mulher. O que ela é dos filhos do marido?</i>	a) macocha () b) madrasta ()	a) macocha () b) madrasta ()
48) Padrasto (vide ALCF – Questão 178; ALGR cap. B, III-29; ALMA-H cap. 1-IX - 175) <i>Kobieta ożeniła się drugie męża. Co on jest dla dziecka żony? / A mulher casou com outro marido. O que ele é dos filhos da esposa?</i>	a) ojczym () b) padrasto ()	a) ojczym () b) padrasto ()
49) Enteado (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX – 174) <i>Co syn/córka jest nowy mąż jego matki? / O que o filho/filha é do novo marido da sua mãe?</i>	a) pasierb () b) pasierbica () c) enteado ()	a) pasierb () b) pasierbica () c) enteado ()
50) Sogro (vide ALCF – Questão 199; ALMA-H cap. 1-IX – 196) <i>Ojciec twojego męża / twój żona jest twój? / O pai do seu marido / sua esposa é seu?</i>	a) teść () b) sogro ()	a) teść () b) sogro ()
51) Sogra (vide ALCF – Questão 200; ALMA-H cap. 1-IX – 197) <i>Matka twojego męża / twój żona jest twoja? / A mãe do seu marido / sua esposa é a?</i>	a) teściowa () b) sogra ()	a) teściowa () b) sogra ()
52) Cunhado (vide ALCF – Questão 204; ALGR cap. B, III-71-72; ALMA-H cap. 1-IX - 201) <i>Brat twojego męża / twój żona jest twój? / O irmão do seu marido / da sua esposa é seu?</i>	a) szwagier () b) cunhado ()	a) szwagier () b) cunhado ()
53) Cunhada (vide ALCF – Questão 205; ALGR cap. B, III-73-74; ALMA-H cap. 1-IX - 202) <i>Siostra twojego męża / twój żona jest twój? / A irmã do seu marido/ da sua esposa é sua?</i>	a) bratowa () b) szwagierka () c) cunhada ()	a) bratowa () b) szwagierka () c) cunhada ()
54) Genro (vide ALCF – Questão 201; ALERS QFF 004; ALGR cap. B, III-58-59; ALMA-H cap. 1-IX - 198) <i>Mąż jest co dla ojca jego żona? / O marido é o que dos pais de sua mulher?</i>	a) zięć () b) genro ()	a) zięć () b) genro ()

55) Nora (vide ALCF – Questão 202; ALGR cap. B, III-60-61; ALMA-H cap. 1-IX - 199) <i>Żona jest co dla ojca jej mąż? / A esposa é o que dos pais de seu marido?</i>	a) synowa () b) nora ()	a) synowa () b) nora ()
56) Pais e sogros entre eles (vide ALCF – Questão 203; ALMA-H cap. 1-IX - 200) <i>A ojcie/rodzice męża i żony są co między niemi? / Os pais do marido e da mulher são o que entre eles?</i>	a) ojcowie () b) consogros ()	a) ojcowie () b) consogros ()
PARENTESCO ESPIRITUAL		
57) Padrinho (vide ALCF – Questão 206; ALGR cap. B, III-87-88; ALMA-H cap. 1-IX - 203) <i>Chłop wybrany przez ojca dziecka do chrztu jest? / Um homem escolhido pelos pais da criança para o batizado é o?</i>	a) chrzestny () b) ojciec chrzestny () c) protektor () d) padrinho ()	a) chrzestny () b) ojciec chrzestny () c) protektor () d) padrinho ()
58) Madrinha (vide ALCF – Questão 207; ALGR cap. B, III-89-90; ALMA-H cap. 1-IX - 204) <i>Kobieta wybrane przez ojca dziecka do chrztu jest? / Uma mulher escolhida pelos pais de uma criança para o batizado é a?</i>	a) chrzestna () b) matka chrzestna () c) protektorka () d) madrinha ()	a) chrzestna () b) matka chrzestna () c) protektorka () d) madrinha ()
59) Afilhado (vide ALCF – Questão 208; ALGR cap. B, III-31 u. 332; ALMA-H cap. 1-IX - 205) <i>Jak chrzestny nazywa na chłopaka/chłopczyk? / Como os padrinhos chamam ao menino?</i>	a) chrześniak () b) syn chrzestny () c) afilhado ()	a) chrześniak () b) syn chrzestny () c) afilhado ()
60) Afilhada (vide ALCF – Questão 209; ALGR cap. B, III-32 u. 34; ALMA-H cap. 1-IX - 206) <i>Jak chrzestny nazywa na dziewczynka? / Como os padrinhos chamam a menina?</i>	a) chrześniaczka () b) córka chrzestna () c) afilhada ()	a) chrześniaczka () b) córka chrzestna () c) afilhada ()
61) Compadre (vide Horst, 2011) <i>Ojciec i chrzestny dziecka ochrzczonego są? / O pai e o padrinho da criança batizada são?</i>	a) kumoter () b) kum () c) compadre ()	a) kumoter () b) kum () c) compadre ()
62) Comadre (vide Horst, 2011) <i>Matka i chrzestna dziecka ochrzczonego są? / A mãe e a madrinha da criança batizada são?</i>	a) kumozka () b) akuszerka; basen; nocnik; kuma () c) comadre ()	a) kumozka () b) akuszerka; basen; nocnik; kuma () c) comadre ()
TERMOS NEUTROS		
63) Parente (vide ALCF – Questão 160; ALMA-H cap. 1-VIII - 157) <i>Ludzie z tej samej rodziny, nawet daleke są: / As pessoas da mesma família, mesmo que distantes são:</i>	a) krewni () b) pokrewny () c) parente ()	a) krewni () b) pokrewny () c) parente ()
64) Órfão (vide ALCF – Questão 176; ADDU 210; ALMA-H cap. 1-IX - 173) <i>Dziecko bez ojca i matki jest? / Um filho sem pai e sem mãe é?</i>	a) sierota () b) órfão ()	a) sierota () b) órfão ()
65) Casal (vide ALCF – Questão 161; ALGR cap. B, III-6; ALMA-H cap. 1-VIII - 158)	a) para () b) małżeństwo ()	a) para () b) małżeństwo ()

Mąż i żona razem są jeden? / O marido e a mulher formam um?	c) casal ()	c) casal ()
---	--------------	--------------

ANEXO 4:

LEITURA DE TEXTO:

POLONÊS:

Przygotowania do wesela

Trzy miesiące przed wesele, postanowili zorganizować spotkanie z rodzinami do zdecydować sprawą. Były prezenty ta młoda para, ojcowie, bratowa y szwagier od Klary, i też dziadek j babcia, którzy chcieli być prezent, bo lubieli wnuki i la wnuczka było wszystko dla oni. Byli bardzo szczęśliwy z nowego wnuka były wygraną. Każdy chciał duże wesele, więcej swój Domingos i Dona Maria de Fatima, rodziców Klary, którzy ożenić swoją jedyną córką. Chcieli zebrać wszystkie parentka od Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná i znajomych. Zdecydowali, że wesele będzie w kosciele niedaleko gdzie mieszka Klary i jej rodzinę. Zabawa będzie w pięknej posiadłość swój Domingos, która ma dużą winnicę z małą winniczy w piwnica domu i widokiem na pola, gdzie jest bydło. Szwagier Klary dała idea obchodów jest wolne i czyste powietrze, i bratowa lubiała. Następnie po miejsce do ustalenia, zaczynały robić listę gości, trudne zadanie, bo nie mógł zapomnieć kogoś i obie rodziny były duże. Tak z zaczynały, jego wujków, dziadków, primas, primos, chrzestnych.

PORTUGUÊS (tradução):

Os preparativos para a festa de casamento

Três meses antes do casamento, decidiram fazer uma reunião com as famílias, para resolverem as coisas. Estavam presentes os noivos, os consogros, a cunhada e o cunhado de Clara, e também a avó e o avô dela, que fizeram questão de estarem presente, pois adoravam os netos e a neta era tudo para eles. Estavam muito felizes pelo novo neto que estavam ganhando. Todos queriam uma grande festa de casamento, principalmente seu Domingos e dona Maria de Fátima, pais de Clara, que estavam casando sua única filha. Queriam reunir todos os parentes, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e os amigos. Resolveram que o casamento seria na igreja da comunidade onde vive Clara e sua família. A festa será na bonita propriedade de seu Domingos, na qual tem um grande parreiral, com uma pequena vinícola no porão da casa e uma vista para o campo onde o gado fica. O cunhado de Clara deu a ideia da comemoração ser ao ar livre e claro que a cunhada gostou. Então depois do local estar decidido, começaram a fazer a lista dos convidados, tarefa difícil, pois não podiam esquecer de ninguém e as duas famílias eram grandes. Então iniciaram, pelos tios, os avós, as primas, os primos, os padrinhos.

ANEXO 5:

Descrições individuais das aplicações de cada termo de parentesco do questionário lexical

Resposta espontânea (●)		Resposta por insistência (◐)		Sugestão aceita (◑)		Sugestão não aceita (○)											
		AUREA/RS								NOVA ERECHIM/SC							
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos de parentesco	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Sanguíneo																	
23	Matka	◐	●	◑	◑	●	●	●	●	●	●	◑	◑	◑	◑	◑	
	Mama	●	◐	○	○	●	◐	◐	◑	◑	◑	◑	◑	●	●	◑	
	Mamucha	◑	◐	○	○	◑	◑	○	◑	◑	◑	○	◑	○	○	◑	
	Mãe			●	●				◐	●	●	●	●			●	
24	Ojciec	●	●	○	◑	◑	◑	◑	◑	●	◑	○	○	◑	◑	○	
	Ojca	●	○	○	◑	●	●	●	◑	○	◑	◑	○	○	○	○	
	Tata	◐	◐	◑	○	●	◐	◐	◐	◑	○	○	◐	●	●	◑	
	tatuch		◐														
	tatucho		◐														
	papai	◐															
	Pai			●	●	○	○		●		●	●	●			●	
25	Rodzica	○	○	○	○	◑	◑	○	○	◑	○	○	○	◑	◑	○	
	Rodzine/rodzina	●	●														
	Ojcowie						◐										
	Ojcie	◑	○	○	○	●	●	◑	◑	○	○	○	○	●	●	○	
	Pais			●	●			●	●	●	●	●	●			●	
26	Córka	●	◐	○	○	●	●	◑	◑	◑	◑	○	◑	●	●	○	
	Córeczka		◐											●			
	Córucha					◐	◐										
	dziecuzka		●					●									
	dziwucha										●						
	Filha			●	●				●	●	◐	●	●			●	

Resposta espontânea (●)				Resposta por insistência (◐)				Sugestão aceita (◑)				Sugestão não aceita (○)							
				AUREA/RS								NOVA ERECHIM/SC							
				CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos de parentesco	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
27	Syn	●	●	◐	○	●	●	●	◐	◐	◐	○	○	○	○	○	○		
	<i>Synek</i>		●			◐	◐							●	●				
	Filho			●	●			●		◐	◐	●	●			●			
28	Bliźnięta	○	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○		
	bliźniak / bliźniaki	◐	◐	○	○	●	●	○	○	◐	◐	○	○	●	●	○			
	Gêmeos	●	●	●	●			●	●	●	●	●	●			●			
29	Brat	●	◐	○	◐	●	●	●	◐	●	○	○	○	●	●	○			
	Braciszek	◐	●	○	○	◐	◐	○	○	○	○	◐	○	◐	◐	○			
	<i>Bratczak</i>														●				
	<i>Mano</i>											◐							
	Imão		●	●	●			●	●	●	●	●	●			●			
30	Siostra	●	○	◐	◐	●	●	◐	◐	◐	○	○	◐	◐	◐	○			
	<i>siostrzytzka</i>		◐			◐									●				
	<i>Mana</i>											◐							
	Imã			●	●			●	●		●	●	●			●			
31	Dziadek	●	●	○	○	●	●	●	◐	●	◐	◐	◐	●	●	◐			
	Dziadzia	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	○	○	○	○	●	◐	◐			
	Avô/vovô			●	●		●		●	●	●	●	●			●			
	Nono			◐	◐	○	○	◐	◐	○	○	○	◐			◐			

Resposta espontânea (●)				Resposta por insistência (◐)				Sugestão aceita (◑)				Sugestão não aceita (○)							
				ÁUREA/RS								NOVA ERECHIM/SC							
				CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos de parentesco	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F		
32	Babka	●	●	○	◐	●	●	●	◐	●	◐	◐	◐	●	●	◐	F		
	Babcia	◐	●	○	○	◐	◐	◐	◐	◐	◐	○	○	◐	◐	○			
	Babucha	◐	○	○	○	◐	◐	○	○	◐	○	○	◐	●	●	◐			
	Bathi	◐		●	●														
	Avó/vovó			●	●				●			●	●				●		
	Nona			●	●			◐	◐	○	○	○	◐				◐		
33	Wnuk	◐	◐	○	○	○	○	◐	◐	●	○	○	○	●	●	○			
	Wnuczek	◐	○	○	○	●	●	◐	○	◐	◐	◐	○	◐	◐	○			
	Wnucho					◐													
	Neto	●	●	●	●			●	●		●	●	●				●		
34	Wnuczka	●	●	○	○	●	●	◐	◐	●	◐	○	◐	●	●	○			
	wnuczka					◐													
	Neta			●	●			●	●		●	●	●				●		
35	Pradziadek	◐	●	○	○	●	●	○	○	○	○	○	◐	●	●	◐			
	Bisavô	●		●	●			●	●	●	●	●	●				●		
36	Prababka	●	●	○	○	●	●	○	○	●	○	○	◐	●	●	○			
	Babcia										●								
	Bisavó			●	●			●				●	●				●		
37	Prawnuk	○	◐	○	○	●	●	○	○	○	○	◐	○	●	●	○			
	prawnuczek					●	●												
	Bisneto	●	●	●	●			●	●	●	●	●	●				●		

Resposta espontânea (●)		Resposta por insistência (◐)						Sugestão aceita (◑)				Sugestão não aceita (○)					
		ÁUREA/RS								NOVA ERECHIM/SC							
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos de parentesco	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
38	prawnuczka	○	●	○	○	●	●	○	○	●	○	◐	◐	●	●	○	
	Bisneta	●		●	●			●	●		●	●	●			●	
39	Wuj	○	○	○	○	◐	◐	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	Wujek	●	○	○	○	◐	◐	○	○	●	◐	◐	◐	◐	◐	○	
	<i>Stryj/strya/stryak</i>	◐	◐	○	○	●	●	○	○	●	○	○	○	●	●	○	
	Tio	◐	●	●	●			●	●		●	●	●			●	
40	Ciotka	◐	◐	○	○	●	●	○	○	◐	○	○	◐	●	●	○	
	Ciocia	◐	◐	○	○	◐	◐	○	○	◐	●	◐	○	●	●	○	
	stryjenka	○	●	◐	○	◐	◐	○	○	●	○	○	○	◐	◐	○	
	Wujenka	●	◐	○	○	◐	◐	○	○	●	○	○	○	◐	◐	○	
	Tia			●	●			●	●			●	●			●	
41	siostrzeniec	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	Bratanek	○	○	○	○	○	○	○	○			◐		○	○	○	
	<i>Syn brateczny</i>													◐	◐		
	Sobrinho	●	●	●	●	●	●	●	●	●	◐	●	●	●	●	●	
42	siostrzenica	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	bratanica	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	<i>Siostra brateczna</i>													●	●		
	Sobrinha	●	●	●	●	●	●	●	●	●	◐	●	●			●	

